

REVISTA

DA SEMANA

N. 21 26-5-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

"MARMELADA" EM CANNES

TALENTO NÃO DISPENSA "SEX"





Música para a Juventude

José Siqueira

JOSE SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageira», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal:
Cr\$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

Ano 56 — Nº 21 — Rio de Janeiro — 26-5-1956

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Mandaram «Marmelada»	4/7
Cannes: Fracasso de um Festival....	16/17
Tenho Olhos e Não Vejo	18/20
Os Teratopagos de Teresópolis	24/25
Talento é Bom: Mas Acompanhado de Sex	30/34
Don Lourenço e Seu Estranho Mundo	40/42
«A Casa de Chá do Luar de Agosto»	60/61

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe Pelo Cérebro	10
Figura em Foco (Sonja Henie)	11
Palavras Cruzadas	22
Literatura	23
Artes	26
Itinerário do Brasil	27
Por Esse Mundo de Deus	28/29
TV na Revista	35
Astrológica	38
Revista há 50 Anos	43
Música	44
Flash Paulista	45
Pelas Esquinas da Noite	48
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

◆ LITERATURA

Maio Sem Maio (Eneida)	3
O Pai (Sokholov)	12/13
Três Pães	50/51

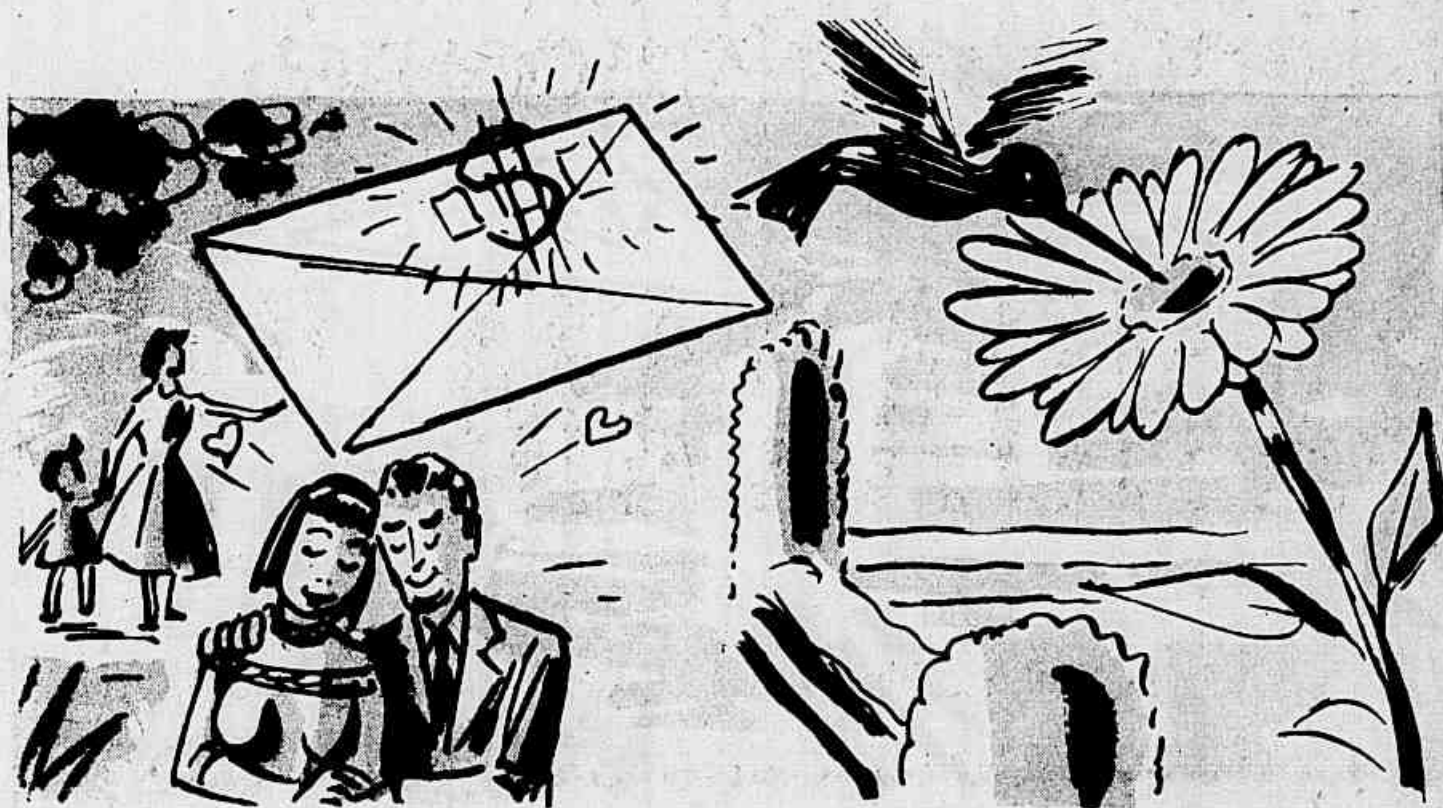
◆ VARIEDADES

Automatismo: Máquina X Homem	14/15
Horas de Desespêro	36/37
Que Sabemos das Grandes Religiões	46/47

◆ CAPA

MAMMIE VAN DOREN
(Foto Universal-International)

Este número consta de 64 páginas.



MAIO SEM MAIO

ESTAMOS em maio e tem sido inútil essa vontade que todos possuímos de trazê-lo de nossos corações para a vida exterior. Estamos em maio mês de dias claros, sol, um friozinho mordendo peles enquanto há novenas nas igrejas, namorados reafirmam amor, crianças enchem as ruas com a alegria de maio, porque maio é essencialmente um mês de crianças e namorados. Estamos vivendo agora um maio sem cor, com longos dias sombrios, um frio que não é natural à nossa cidade. Se há novenas elas não estão bonitas porque lhes falta sol e lua para colaborar com as nuvens de incenso. Se há namorados, eles devem ficar escondidos em salas fechadas ou portões tristes, porque o tempo, a constante ameaça de chuva constitui grande impecilho para os longos passeios de mãos dadas.

Estamos em maio e nossos jardins continuam despovoados como em abril, mês de desgostos mil. Estamos em maio e se ele é inverno aqui é primavera em muitas partes do mundo. Flores enchem alamedas numa descarada rivalidade com os namorados e as árvores, se enfeitando para recomeçar. (É próprio das árvores começar e recomeçar, fingirem de mortas para ressuscitarem).

◆ Estamos em maio sem maio, sem flores nos jardins, sem namorados de mãos dadas pelas alamedas, as praças e as praias. Apenas as novenas e a folhinha nos declaram que é maio e as crianças que nada temem do tempo nem ventos, continuam gritando suas canções nos pátios das escolas. Algumas crianças, nem todas, pois bem sabemos que infelizmente não há lugar para todas as nossas crianças em nossas escolas. Estamos em maio, festejamos nossas mães e todas as mães; como nos outros meses está havendo assassinatos, furtos, mortes por atropelamento, injustiças, festas, banquetes, casamentos, (maio foi sempre um mês muito casamenteiro, creio que por causa da primavera) e em todas as notícias dos jornais, uma, apenas uma, nos fala de maio: aquela que conta que o Rio de Janeiro, a nossa cidade, vai ser repovoada pelos beija-flores.

◆ Não sei se os beija-flores vão ficar contentes aqui. Como pode ser feliz um beija-flor se continuarmos sem maio, sem flores, sem nada do que faz parte constante da vida desses passarinhos tão leves, tão sutis, que beijam apenas e só voam porque é próprio de todos os pássaros voar? Os beija-flores vão voltar e devemos saudá-los, mesmo quando nossas crianças não têm escolas, nossas torneiras não têm água, há muitos estômagos famintos e maio está apenas em alguns corações.

Estamos em maio, foram aumentados os portes dos correios, as cartas começaram a custar muito mais. Como serão tristes agora os dias dos namorados distantes, tendo que pagar muito para dizer palavras de amor. Quem agora falará de maio para as criaturas bem amadas longínquas. Como dizer para distantes pessoas que estamos em maio mês da Virgem, das mães, das flores e dos namorados?

Estamos em maio e não devemos perdê-lo. Mesmo que ele continue assim, tão sombrio em seus dias, tão sem sol para nosso aquecimento, tão frio nesta nossa cidade clara e bela, continuemos usando maio em nossos corações, saudemos os beija-flores que vão chegar como imigrantes e amemos a vida apenas porque estamos vivos. Estamos em maio e devemos usá-lo se não exterior, pelo menos dentro de nossos corações. Devemos ser otimistas e felizes, pois estamos em maio mês das flores e dos namorados.

ENEIDA

MANDARAM "MARMELADA"

«EU JÁ DESCONFIAVA QUE O MEU FILME IA SER PASSADO PARA TRÁS»,
AFIRMA AGNES FONTOURA, «ESTRELA» DE «A ESTRADA» ★ COLORIDO NA
ALEMANHA, MULTADO NO BRASIL E PREMIADO O FILME DO PRÍNCIPE ★ O
ITAMARATI, OS FESTIVAIS E O SINDICATO DA INDÚSTRIA ★ «É PRECISO
ACABAR COM A MANIA DE MANDAR GENTE QUE NADA ENTENDE DE CINEMA»

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de NEWTON VIANA

COMO se já não bastassem as sempiternas dificuldades da indústria cinematográfica brasileira, lutando desde o nascimento contra a falta de tudo nesta terra, contra ela se juntam também agora a falta de compostura e decôro de nossas mazelas domésticas projetadas cinemascôpicamente na tela internacional de um festival de cinema. É o que acaba de acontecer em Cannes, onde o Brasil se fez representar, oficialmente, com uma película que no dizer dos correspondentes internacionais ali presentes é, simplesmente, «uma vergonha para o cinema brasileiro»...

E tudo isso por que?

A resposta — que envolve complexas explicações — ainda não foi dada satisfatória-

mente por quem de direito, que é o Ministério das Relações Exteriores, a quem incumbe a aprovação e encaminhamento dos filmes de nossa produção aos festivais. Numa nota oficial, informa o Itamarati que neste ano o Brasil inscreveu apenas um filme (selecionado aqui por uma comissão de diplomatas), mas que, por motivo de atraso na remessa, o nosso delegado junto ao festival resolveu apresentar um outro (justamente o que aqui fora rejeitado pela mesma comissão), e que já em Cannes se encontrava, pronto para ser exibido... A explicação não convenceu aos responsáveis pela produção inscrita oficialmente, que alegam haver recebido autorização dos próprios organizadores do festival para enviar as cópias na data estipulada. E for-

mulam acusações de ingerências estranhas, numa «manobra» em que se envolvem o nosso delegado e uma figura da antiga nobreza brasileira.

A história da confusão desses dois filmes é que vai ser «exibida» aos leitores. Como protagonistas figuram:

- A MOCINHA — Agnes Fontoura
- O VILÃO — Príncipe D. João
- O CÚMPLICE — Jorge Guinle
- A VITIMA — O Cinema Brasileiro
- DIREÇÃO E SUPERVISÃO — Itamarati
- LOCAL — Cannes
- ÉPOCA — 1956

"A ESTRADA"

● Produção de Moacir Peixoto para a "Mayra Filmes", com Agnes Fontoura, Miro Cerni, Vera Sampaio e Pagano Sobrinho. Relata a construção de uma nova rodovia entregue a um grupo de pessoas simples. Seus construtores, pioneiros da desbravação, se vêem preteridos quando chegam o trator e o asfalto. Drama de homens e caminhões inseparáveis e a história de seus ódios, e ciúmes conseqüentes do amor e carinho pela estrada que os domina, fere e mata. Exibido em Cannes, num cinema alugado pelos produtores, (fora do festival), já mostrado, também, em Hollywood e aqui no Brasil, em Porto Alegre e Curitiba.

O famoso Vitorio De Cica, que assistiu à exibição em Cannes, teceu elogios à película, declarando à imprensa francesa: "Nada mais pode ser exigido a este filme, que reúne um grupo de atores de excelente naturalidade e que em momento algum abandonam essa força de abertamente humano, sem efeitos estudados, que é um dos mais apreciados valores do filme."

"SOB O CÉU DA BAHIA"

● Em face da dificuldade que nos encontramos de reunir dados e material fotográfico sobre essa película pois o próprio distribuidor — a "Luso Filmes" — informa não dispor de material algum, a não ser a cópia do contrato com os responsáveis — limitamo-nos a transcrever alguns trechos da correspondência que o jornalista Novais Teixeira, presente ao Festival, enviou ao vespertino "O Globo", desta capital: "...De uma banalidade asfiziante o argumento. Tudo artificialismo, falso e mal contado do princípio ao fim. Só há na fita um técnico, que mereça o nome de tal; o compositor Francisco Mignone. Não mencionaremos o nome das equipes "técnicas" e "artísticas" dessa realização. É melhor fazer silêncio, pois rompê-lo seria uma crueldade... "Sob o céu da Bahia" envergonhou o nome do Brasil em Cannes. A fita foi exibida em duas sessões — A tarde (uma enchente) e à noite (apenas meia sala). Aplausos frios de cortesia e galhofas e motejos aos montões. A maioria dormiu. E as indefectíveis perguntas que deixam mal quantos brasileiros por aqui se encontrem: "Como mandaram vocês isso para aqui? É incrível..."



«Foi nesse jornal que descobri a pista da «marmelada». Eis aqui: «A Estrada» foi substituída por «Sob o Céu da Bahia»... E logo abaixo: «Circulando em Cannes, sua alteza o príncipe D. João de Orleans e Bragança...» — mostra nervosa a simpática estrêla nacional, Agnes Fontoura.

A MOCINHA

♦ APARECIDA ALVES (Agnes Fontoura para o cinema), nasceu na Avenida Suburbana aqui no Rio. «Orgulho-me de ser suburbana e ainda posso dizer que estou na casa dos 20 anos»... Desde os 8, revelou inclinação para a arte cênica. Aluna do «Colégio Piedade», influenciada por uma irmã já falecida (Didi Camino — autora de peças infantis) ingressou no teatro amador daquele educandário. Aos 16 anos sentiu a «maior emoção, fora esta de agora» quando aplaudida em cena na peça «Joaninha Buscapé». Abandonando, por dificuldades financeiras os estudos de advocacia, casou-se e resolveu dedicar-se ao lar. Já mamãe, foi inscrita no concurso de «Miss Cinelândia» chegando a finalista e em 54 venceu um outro promovido pelo «Clube do Cinema» para escolha da «Mais Elegante Artista do Brasil», o que lhe valeu 15 dias em Paris. Lá tomou parte em programas do rádio e televisão, recebendo convite para o cinema. Mas foi a «Mayra Filmes», de S. Paulo, que a escolheu para estrelar a película que tanta confusão vem dando — «A ESTRADA», e cujo papel estava, inicialmente, destinado à italiana Silvana Pampanini.

Bonita, viva, mas um tanto perturbada pela inesperada projeção que seu nome vem alcançando atualmente, Agnes Fontoura recebe-nos em seu acanhadíssimo apartamento em frente ao Palácio Guanabara. Em companhia de mãe Hermínia e de «Didi» (8 aninhos), a jovem atriz não pára um só momento. Atende ao tele-

fone, procura, em vão, o prefixo de uma emissora para ouvir o programa que «vai falar do filme», remexe, nervosa, na pasta de recortes de jornais, e por fim senta-se para contar a história da «marmelada que fizeram lá em Cannes».

— Eu já andava desconfiada com a «coisa», quando soube por intermédio de pessoa amiga, que no mesmo dia em que o meu filme foi escolhido pela comissão do Itamarati, um dos próprios produtores do filme rejeitado «Sob o Céu da Bahia» desabafara numa explosão de protesto, dizendo que o filme «iria de qualquer maneira a Cannes»...

Conta-nos, então, que por exigência dos próprios organizadores do festival novas despesas tiveram que ser feitas para a colocação de legendas em francês.

— Como lutamos com deficiência de material e como para cumprir essa exigência haveria por certo atraso na remessa, e para prevenir contratempos, um telegrama foi passado para a direção do festival solicitando permissão para enviá-lo alguns dias mais tarde.

Revolvendo a pasta de documentos, exibem-nos Agnes Fontoura a cópia do telegrama datado de 3 de abril, em que se solicita informar da possibilidade do filme seguir somente dia 20 de abril.

— Como resposta, no dia 6, recebemos êste outro aqui, que nos tranqüilizou.

E lê alto: «De acôrdo remessa «A Estrada» dia vinte, já com legendas — Festesterfilms».

— Pois bem. Uma vez combinada a questão de prazo, aprontamos os últimos retoques da película e no dia 18 de abril, já a tínhamos pronta para a remessa. Ficamos sabendo que

o próximo avião para a França sairia somente no dia 20 e nesse mesmo dia foi êle entregue à agência da Air France aqui no Rio.

REMETIDOS A EMBAIXADA — Explica, então, Agnes que as datas iniciais programadas pelos organizadores do festival já haviam sido anteriormente adiadas por motivo do casamento de Grace Kelly.

— Pois bem. Juntamente com um telegrama explicando que a providência fôra tomada, «A Estrada» seguiu para Cannes na data marcada e o conhecimento da Companhia de Aviação levava ainda a seguinte recomendação: «Endereçado à Embaixada do Brasil para ser encaminhado ao Festival Internacional de Cannes».

«Leio, agora, no comunicado do próprio Itamarati que o filme chegou às 21 horas do dia 22 à Embaixada em Paris. E leio também que o prazo dado pelos promotores do festival encerrava-se às 14 horas do dia 23 e que não houve possibilidade de encaminhá-lo a tempo...»

SURPRESA E REVELAÇÃO... — Vai até o «bureau» e de lá volta com o recorte de um vespertino.

— Foi através da notícia dêsse colunista social que tive a surpresa de saber que o meu filme seria substituído por «Sob o Céu da Bahia». Mas, linhas abaixo vinha também a explicação numa informação do próprio colunista.

Mais uma vez Agnes lê em voz alta:

— Veja: — Circulando aqui em Cannes o príncipe D. João de Orleans e Bragança...

«Confirmava-se, assim, a «manobra» articulada no dia do julgamento da comissão: «O filme «Sob o Céu da Bahia» iria a Cannes de qualquer maneira. E de que maneira!» — conclui a mocinha.



«Não houve preterição» — desmente o príncipe D. João. — «Aliás, o meu filme é muito mais típico, muito mais brasileiro. A própria história do celulóide «A Estrada» poderia ter sido passada na Guatemala ou Sião...

O VILÃO DA HISTÓRIA

◆ O Príncipe Imperial D. João D'Orleans e Bragança, muito embora alegue completo desconhecimento do assunto, é apontado como o «vilão» da história. Teria usado de sua influência e amizade junto ao sr. Jorge Guinle, nosso delegado ao Festival de Cannes, para a realização de «manobras» que permitissem incluir o filme «Sob o céu da Bahia» (de que é um dos financiadores) no lugar do outro, oficialmente inscrito.

— Não houve preterição em absoluto — afirma. Várias razões impediram a apresentação do magnífico filme «A Estrada», de que sou eu o primeiro a enaltecer-lhe as excelentes qualidades. O filme deveria ser apresentado, conforme determina o regulamento do festival, com legendas em francês. Deveria também ter sido remetido ao Itamarati, por intermédio da Associação Brasileira de Produtores Cinematográficos, o que não aconteceu. Aliás, a Associação Brasileira de Produtores Cinematográficos é a única entidade autorizada a fazer inscrever filmes em festivais internacionais.

«MUITO MAIS BRASILEIRO»

Comparando as duas películas, conclui Sua Alteza pela superioridade de «Sob o céu da Bahia», ao declarar:

— A inscrição do filme de que fui um dos financiadores foi feita «hors concurs», isto é, de acordo com o regulamento, no seu artigo 5º, em caráter excepcional, e que nada viria prejudicar a exibição do filme «A estrada».

Aliás, o meu filme é muito mais típico, muito mais brasileiro, pois foi rodado na Bahia, e vem contribuir para que o mundo soubesse dessa terra heróica onde se pode dizer nasceu a nossa nacionalidade.

PARA O FESTIVAL DE CANNES

— É a minha homenagem a «Boa Terra», pois foi onde passei meus 4 meses de guerra patrulhando os seus céus. Daí também a inspiração e o desejo que tive de mostrar ao mundo, num filme colorido, as belezas dessa terra magnífica.

MELHORES CONDIÇÕES TÉCNICAS

Como a película financiada por Sua Alteza, embora filmada no litoral baiano, fôsse revelada e colorida em estúdios cinematográficos da Alemanha, pelo sistema Eastmancolor, explica D. João:

— Em que pese a boa qualidade de «A estrada», foi ele realizado em preto e branco, ao passo que o meu ganhou em beleza com o seu espetacular colorido, estando portanto em melhores condições técnicas para representar o Brasil em certame de tal importância. A própria história do filme da produtora «Mayra Filmes» é uma história comum de caminhões, que bem poderia ter sido passada aqui, na Guatemala ou no Sião...

PRECISAMOS DE UNIÃO

Depois de frisar, mais uma vez, que não tem nada a ver com o filme «Sob o céu da Bahia», de que é «apenas um cotista, como cotista também são os compradores de apartamento», finaliza:

— O de que nós precisamos no Brasil é de união e não de brigas. Creio sinceramente no futuro da indústria cinematográfica brasileira, por isso devemos congregiar nossos esforços e nos ajudar mutuamente para impor o nosso cinema ao mundo.



E nada mais foi dito ou ouvido de Sua Alteza. Não confirma, nem desmente tão pouco que esteve em Cannes, por ocasião do Festival! Nem que contribuiu para que o sr. Jorge Guinle fizesse a substituição dos filmes. E nem ainda que o filme «A estrada» ficasse retido na Embaixada do Brasil.

A DEFESA

«A fim de esclarecer a atuação do Ministério das Relações Exteriores no tocante a participação do Brasil no IX Festival Internacional do Filme em Cannes, o Itamarati comunica que solicitou a inscrição do filme «A Estrada», à Embaixada do Brasil em Paris, a 26 de janeiro último. Por outro lado, a solicitação do embarque, por parte dos seus produtores, foi somente feita em 20 de abril próximo passado, ao Ministério das Relações Exteriores, que prontamente providenciou a remessa à Embaixada em Paris, na mesma data. Entretanto, a Comissão de Aceitação dos Filmes do referido Festival se recusou terminantemente a permitir a exibição de «A Estrada», que deveria chegar a Cannes antes de duas horas da tarde de 23 de abril, prazo já de tolerância. Tendo as bobinas do filme chegado a Paris as 21 horas de domingo, dia 22, isto era materialmente impossível, apesar das providências imediatamente tomadas para o seu desembarço alfandegário, especialmente apresentado pelas autoridades francesas. O filme «Sob o Céu da Bahia», que já se encontrava na Europa, naquela ocasião, foi inscrito e exibido de acordo com o artigo V do Regulamento do Festival, isto em caráter excepcional, o que em nada iria prejudicar a exibição do filme «A Estrada». O Itamarati informa, ainda, que o único delegado do governo brasileiro ao Festival de Cannes é o senhor Jorge Guinle».

MULTA E APREENSÃO

As autoridades do Serviço de Censura de Diversões Públicas, embora nenhuma medida punitiva pensem adotar, aguardam, apenas, que os interessados no filme «Sob o Céu da Bahia» a elas se apresentem para solicitar o indispensável «visto» de exibição.

— A apreensão talvez seja medida muito violenta — ponde-

MANDARAM "MARMELADA"

● Tomando posição contra o escândalo armado em torno das manobras de Cannes, assim se manifesta o sr. Jaime Andrade Pinheiro, diretor do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica e seu representante junto ao governo:

— Tendo em vista as graves denúncias que envolvem a delegação brasileira e os nossos filmes inscritos no Festival Cinematográfico Internacional de Cannes, e considerando a repercussão desprimorosa para o Brasil dos fatos ali ultimamente ocorridos, resolveu o nosso Sindicato promover um debate público em torno do assunto.

Explica, então, que serão convidadas autoridades do Ministério das Relações Exteriores, do Instituto Nacional de Cinema Educativo, do Ministério da Educação e Cultura, do Serviço de Censura, jornalistas, deputados e senadores e todos os que estão ligados com a indústria do cinema no país.

«GENTE QUE NADA ENTENDE DE CINEMA»

— O que é preciso acabar — frisa — é com essa mania de se mandar aos festivais internacionais de cinema gente que nada entende do assunto. Pois, se um dos principais objetivos dessas promoções é o de justamente favorecer o intercâmbio cultural, artístico e técnico da arte, como se pode compreender que, para lá, o Brasil mande delegados que nem sequer ao cinema vão?

«Vai daí arma-se essa tremenda confusão, com sérios prejuízos para o bom nome de nosso cinema, quando interesses contrariados de adventícios na arte faz estourar um escândalo das proporções desse último».

AO SINDICATO INCUMBE A ESCOLHA

Acentua o sr. Jaime Pinheiro que não é a Associação dos Produtores Cinematográficos que escolhe e seleciona os filmes, mas sim o Sindicato a que pertence, e explica:

— O Itamarati, usualmente, tem feito solicitações, através do Ministério da Educação e Cultura, ao nosso Sindicato para que façamos nós o



«Um dos objetivos dos festivais de cinema é favorecer o intercâmbio cultural e artístico, por isso quem deve lá comparecer são os interessados no assunto» — afirma o diretor do Sindicato da Indústria Cinematográfica.

FALA O SINDICATO

seleção prévia das películas que pleiteiam inscrições aos festivais. Isso é para evitar que qualquer produtor ponha «uma lata debaixo do braço» e se encaminhe para o exterior, como acaba de acontecer agora com esse filme «Sob o Céu da Bahia», que foi rejeitado pela própria comissão do Itamarati, de que faziam parte os ministros Roberto Assunção, Itajuba Rodrigues, Guimarães Rosa e mais 4 membros, foi inscrito no lugar do que fora aprovado.

FOI SEM O VISTO DA CENSURA

Informa o presidente do S.N.I.C. que, segundo revelações do próprio chefe do Serviço de Censura e Diversões, o filme «Sob o Céu da Bahia» não passou por aquele serviço a que obrigatoriamente estão sujeitas todas as películas, tanto estrangeiras como nacionais, e acrescenta:

— Corre esse filme até o risco de não mais poder entrar no Brasil de volta... pois foi clandestinamente exportado para o exterior. Isso tudo revela desorganização, que em absoluto não se coaduna com o nível a que já atinge a indústria nacional.

NOVO «CASO» EM PERSPECTIVA

Finalizando suas declarações, diz-nos o sr. Jaime Pinheiro, que acabara de receber do Ministério da Educação e Cultura um ofício em que lhe era comunicado que fora resolvida a criação de uma comissão permanente para proceder a seleção de filmes, para que novos incidentes não viessem a se repetir.

— O nosso Sindicato não é favorável a esse negócio de «Comissão Oficial». Isto não dá certo. Quem deve participar são os particulares, produtores ou não, mas diretamente ligados ao ramo, e conhecedores dos problemas e necessidades da classe — finaliza.

DO ITAMARATI



Jorge Guinle «cozinhou» bem o cinema nacional em Cannes... Inscreveu «Sob o Céu da Bahia» sem o «visto» do Serviço de Censura. Foi premiado como o «melhor colorido»... «Made in Germany».

ra um funcionário do Serviço — mas quanto à multa, não há a menor dúvida. Esta poderá variar de Cr\$ 500,00 a 10.000,00 ou ainda mais, de acordo com a lei.

E acrescenta:

— Toda produção nacional é digna de amparo; embora medíocre, é sempre um «passo a frente» na indústria do cinema em nosso país.

A SEMANA EM REVISTA

A semaninha

— O prefeito de polícia de Paris decidiu apreender os jornais "L'Humanité" e "L'Humanité Dimanche"...

Não é admissível que assim se... desmanche a humanidade!

— Serão pagos os atrasados dos servidores federais na Bahia.

Mas, ao que se supõe, os adiantados ficarão em atraso!

— A revista londrina "The Economist" considera insegura a situação política no Brasil...

Apesar de seres revista, garanto-te que ainda não... "econovist" nada, para garantir tanta insegurança assim!

— A Câmara do Parlamento de Haia aprovou a proposta feita pelo Ministro da Justiça, sr. Van Oven, no sentido de as mulheres casadas terem direitos iguais ao marido...

O marido sai de casa,
Ela sai!
Vai ao "Metro", vai ao "Plaza",
Ela vai!

Visitar um seu amigo,
Só com ela!
Se viaja no estribo,
Também ela!

Se vai jogar no "coelho",
Ela joga!
Se roga a Deus um conselho,
Ela roga!

Se assiste jogo no "video",
Ela vê!
Se tentar o suicídio,
Ela... o quê?!...

SANTOS ALVES

MAURICE CHEVALIER voltou à França, onde dará, em três meses, nada menos de 100 recitais. Depois, embarcará para o Brasil, contratado por um de nossos principais hotéis.

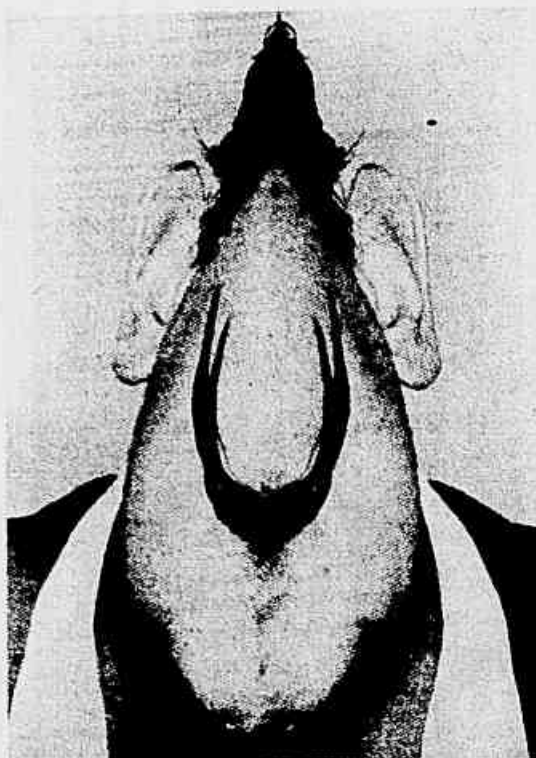
AS LEIS TRABALHISTAS acabam de penetrar na famosa prisão de Sing-Sing: telegramas da América do Norte anunciam que ninguém mais, dentro dos muros da penitenciária, trabalhará mais de cinco horas diárias.

OS CAES que guardam os aeródromos militares norte-americanos na Alemanha passarão a andar de botas nas quatro patas. Motivo da medida: com o inverno, as pistas de aterrissagem ficam todas esburacadas com a pisada dos animais.

DARRYL ZANUCK, conhecido produtor e magnata da indústria cinematográfica norte-americana, comprou para o filho, que aniversariava, uma televisão. Não, é claro, um receptor: mas uma estação completa, com câmaras, estúdio, o diabo.

GROUCHO MARX saiu-se com essa, depois que montou sua própria companhia de filmes: "Consegui vencer na vida: partindo do nada, consegui chegar à miséria..."

REVISTA DA SEMANA — 8



DALÍ
No espelho deformante



MYRNA LOY
Seus dez e mais dez



ZANUCK
Presente exagerado

INTERNACIONAIS

NOS ESTADOS UNIDOS, a senhora Phyllis Valentino pediu divórcio, alegando que o marido, desde que se tinham casado, lhe havia dado exatamente 1.151 surras. Antes que a sentença do divórcio fosse dada, soube-se que Mr. Valentino ainda arredondou aquele número para 1.160...

UM POMBO inglês e um pombo russo, cruzados, deram origem a uma nova espécie de pombos, de asas incomparavelmente mais brancas do que a de qualquer outra. Nome da espécie: «Pomba da Paz».

GRETA GARBO acaba de herdar, de um tio, uma pequenina fortuna: cerca de 80 mil cruzeiros, que já recebeu e já deve ter gasto. O rio corre mesmo é para o mar...

ALFRED KRUPP, dono da antiga fábrica Krupp de armamentos, fábrica que preparou o imenso estoque guerreiro do Terceiro Reich, há pouco tempo, falando a jornalistas, afirmou: «Nunca mais minha fábrica produzirá qualquer espécie de armamentos». Tomara, seu Krupp.

GEORGE BERNARD SHAW, que deixou 367 mil libras esterlinas a uma instituição cultural

destinada a mudar o alfabeto inglês, de 26 para 40 letras, não contava com essa: uma comissão de filólogos, após examinar minuciosamente a sua proposta, terminou por achá-la completamente desinteressante. Assim, o testamento do irlandês vai ser brevemente impugnado.

DOIS VELHINHOS, ele de 83, ela de 79 anos, casaram-se não faz muito tempo, nos Estados Unidos — ora, aonde! Nove dias depois do casamento, a velhota pediu divórcio, alegando crueldade mental do marido, que era um Don Juan e a fazia morrer de ciúmes!...

EXISTEM CEM MIL cinemas no mundo, frequentados anualmente por 10 bilhões de assistentes. Os povos que mais vão ao cinema são: o inglês, o neo-zelandês, o canadense e os norte-americanos.

MYRNA LOY disse essa gracinha há pouco: «Na vida de uma mulher, há dez anos muito bons: os que medeiam entre os 28 e os 30».

A ÚLTIMA de Salvador Dalí: «Meu último quadro mostra um automóvel dando à luz um cavalo cego prestes a morrer em um telefone. Fui inspirado no Angelus, de Millet». Anjinho.

VÃO SUMIR AS NOTAS DE MIL

SEGUNDO DECLARAÇÕES do ministro da Fazenda, José Maria Alkmim, todas as notas de mil cruzeiros vão desaparecer de circulação. O objetivo da medida é incentivar a criação de bancos populares, bem como o uso de cheques. Francamente, não entendemos de finanças lá grande coisa, porém não vemos o alcance da medida. ALCANÇADOS, porém, estamos nós, queiramos ou não. Aliás, a medida, pelo menos para grande parte do povo brasileiro, é coisa do passado, de vez que para quatro quintos deles as notas de mil já desapareceram de circulação há alguns milênios...

ENQUANTO O MARIDO retorna ao Hospital, para exame geral na fuselagem, madame Dwight D. Eisenhower é apontada como a mulher mais elegante da vida pública norte-americana. Esses juizes são mesmo uns «puxa-sacos».



Dia das Mães

O TREZE DE MAIO, dia universalmente consagrado às Mães, foi comemorado de modo condigno no Brasil. No Rio de Janeiro, em plena Avenida Rio Branco, na Praça Marechal Floriano, a Prefeitura fêz construir — em tempo recorde, diga-se de passagem — um monumento à Mãe Carioca, monumento que foi muito visitado e elogiado. Inúmeros jornais, revistas, programas radiofônicos e as mais diferentes organizações comerciais ou filantrópicas emprestaram sua colaboração para que o máximo de brilhantismo fôsse dado ao Dia das Mães.



VINICIUS
Sambista



CACILDA
E' somente mulher



ADEMAR
Rico ri à-toa

NACIONAIS

ANUNCIA-SE a vinda ao Brasil, em junho, da grande Ingrid Bergmann, que aqui virá para interpretar, no Rio e em S. Paulo, o principal papel do célebre oratório «Jeanne d'Arc au Bûcher», de Arthur Honnegger.

VOLTOU a seleção brasileira, após uma excursão por todos os motivos lamentável, à Europa. Três vitórias suadas, duas derrotas de «banho» e dois empates cavados, eis os tristes resultados da excursão.

E O FLAMENGO, como vem acontecendo de tempos para cá, voltou a perder em S. Paulo: 5 a 1, lhe impôs o Corinthians. Dizem que o culpado foi o juiz Musitano. Mas nós achamos que foi mesmo o ataque corintiano.

EM DOIS DIAS consecutivos, o vôleibol do América se sagrou campeão da cidade: no primeiro dia, no Torneio Início Feminino, as pequenas americanas levantaram o título. No seguinte, foi a vez dos rapazes. Depois de cada triunfo, houve jantar comemorativo na Churrascaria Tijucana, que foi quem mais lucrou com a história.

NASCEU UM hipopótamozinho no Jardim Zoo-

lógico da Quinta da Boa Vista: E' irmão do já célebre «Cacareco», que foi o primeiro hipopótamo a nascer num Zoo.

NO TROTE da Faculdade Nacional de Direito, aparecia um cartaz em que se via, ao lado de uma caricatura do general Ministro da Guerra, a legenda: «Catedrático de Direito Motorizado». Quase ia havendo «sururu».

ADEMAR DE BARROS, afinal de contas, teve seu pedido de habeas-corpus deferido. Por unanimidade. Mas o gordo chefe do P.S.P. tão cedo não poderá voltar ao Brasil, porque ainda existe o «Caso das Urnas Funerárias» e mais outros para serem decididos.

VINICIUS DE MORAES escreveu a letra de um samba: «Bom dia, tristeza». A coisa é assim: Que tarde, tristeza, / Você veio hoje me ver / Já estava ficando / Até meio triste / De estar tanto tempo / Longe de vocês... Coitado de Vinicius.

CACILDA BECKER teve essa frase, há poucos dias: Sou apenas uma mulher. E estou orgulhosa com isso.

DEPREDAÇÃO EM OLARIA

ORA, O CARIOCA, que sempre passou por ser um povo de cordeiros, já anda algo impaciente com a carestia cada vez maior da vida. Vai daí, há cerca de dez dias, ao tomar conhecimento dos formidáveis aumentos das passagens de trem, a turma se ter enfezado, e passado a destruir, com as armas improvisadas de que dispunha no momento, a estação de Olaria, ante o olhar atônito dos funcionários ferroviários, que por um triz não entravam também na lista das coisas a serem quebradas... O negócio andava feio, quando chegou a polícia, que, com a meiguice habitual, dissuadiu os manifestantes a proseguirem na liça. Dizem que houve, nos acontecimentos de Olaria, o dedo de conhecidos agitadores comunistas. Nós, porém, nêles notamos somente o dedo da mais pura indignação.

COLÉ CASOU com Lillian Fernandes, a bonita atriz dos «shows» de Carlos Machado. O oficiante foi o Bispo de Maura, que anda ultimamente sem muita projeção. Dizem que o acontecimento foi muito «shangay».



DE SETE EM SETE

● A única «estrela» brasileira presente ao Festival de Cannes, dizem os correspondentes, é a morena Maria Aparecida. Alguém conhece? — Sim, há quem se lembre da Rainha das Mulatas, que depois foi locutora comercial em uma emissora do Rio. Pois em Cannes virou «estrela»... — E o leopardo Biba, criado desde criança pelo sr. Fábio de Andrade, com quem passeava pela Avenida 9 de Julho, em São Paulo, foi atropelado por um automóvel. Nem os leopardos escapam, puxa... — Mas escapou o doutor Ademar de Barros, da ameaça de extradição da Bolívia. Até agora, s. ex. continua de Cochabamba. — E que é que há com os E.E.U.U., para onde dão de embarcar, por atacado, os nossos homens públicos, do pró e do contra? Vão tomando nota: Lacerda, Jango, Café, Jânio... Dizem que vão organizar um «petit-comité». Quem disse foi o Jeff Tomas, com Gelot e tudo. — Enquanto «O Globo» solta o brado de armas: «Revindiquemos também um trecho da Antártica!» Na mesma página, ao alto, outro título: «Já há sinais de que a ressaca vai passar». Tudo certo: Antártica... ressaca... Confere. — Doutor Juscelino propõe aumento de impostos (mais ainda?), e dona Light passa a cobrar dois cruzas por cabeça. Toca o bonde. — Os vereadores continuam a não dar número, nem por isso deixando de receber numerário. — O marido de Sonja Henie pediu divórcio acusando-a de crueldade mental só porque a sogra era o tipo da «empata». — E aqui no Rio, mãe Henie confirma a notícia, acompanhando a filha por toda a parte. No que faz muito bem, pois o Rio anda invadido por uma quadrilha de lobos... e em São Paulo há o leopardo atropelado. — O salário mínimo em São Paulo passará (não passará...) para Cr... 4.600,00, mas ninguém diz para quanto passará o feijão do trabalhador que vai ganhar esse mínimo salário. — «Bateram» dois milhões de litros de gasolina, em São Paulo, anuncia-se Ingrid Bergman (com Rosselini) para o Municipal e foi aprovado o relatório sobre o Estado de Sítio. — Pudera não! — A cidade um pouco mais limpa, depois da «blitzkrieg», até que as latas fiquem novamente cheias. — E a maior foi o prof. Anísio Teixeira detido, no Peru, por ter jogado uma almofada no nariz do toureiro. Bem feito!

PÉS DOLORIDOS

Pronto e Extraordinário Alívio!

**Zino-pads
Dr. Scholl**

para JOANETES (INCHAÇÃO DA ARTICULAÇÃO DO DEDO GRANDE)

Acabe instantaneamente com essa dor cruciante provocada pelos joanetes, usando Zino-Pads Dr. Scholl. Aliviam a pressão do calçado - protegem contra a fricção. Nenhum outro método proporciona alívio tão completo e pouco dispendioso. Contam-se aos milhões as pessoas que usam os Zino-Pads Dr. Scholl com plena satisfação. Outros tamanhos para calos, calosidades e calos moles entre os dedos. Com o uso dos Zino-Pads os calos sobre os joanetes são facilmente reabsorvidos. Conforto total para os pés ao alcance de todos e por preço irrisório. Adquirá os preparados Dr. Scholl nas nossas lojas, nas drogarias, farmácias e sapatarias.

UM PREPARADO DR. SCHOLL PARA CADA MAL-ESTAR DOS PÉS



ARCOS DÉBEIS:

Os suportes de Arco Dr. Scholl, combinados com exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nas pernas e nos pés - causados por debilidade ou queda dos arcos.



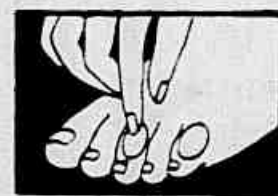
PÉS QUENTES E CANSADOS
O Bálsamo Pédico Dr. Scholl, eliminando a ardência e o cansaço, proporciona alívio imediato aos pés doloridos.



PÉS CANSADOS, DOLORIDOS
Pó Dr. Scholl para os pés. Refresca e acalma. Alivia rapidamente a sensibilidade. Torna as meias de nylon mais confortáveis.



UNHAS ENCRAVADAS - Algumas gotas do Onixol Dr. Scholl proporcionam no canto da unha pronto alívio, reduzem a inflamação, ajudam a cicatrizar.



Calos



Calosidades



Calos entre os dedos

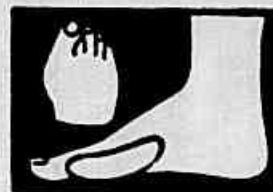
PROTEÇÃO - ALÍVIO - O Kurotex Dr. Scholl alivia a dor e protege contra a fricção e a pressão causadas pelo calçado. Fácil de aplicar.



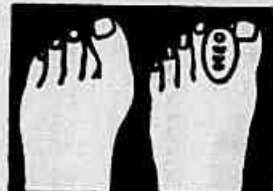
COCEIRAS NOS PÉS - O Solvex do Dr. Scholl alivia a coceira, mata o parasita e auxilia a cicatrização das feridas e rachaduras dolorosas e irritantes.



JOANETES - O Redutor de Joanetes Dr. Scholl alivia a dor, protege a articulação dos ossos contra a pressão e fricção. De borracha cirúrgica, muito macio.



DESDOFORMADOS
O Toe-Flex Dr. Scholl ajuda a corrigir dedos deformados e alivia a dor proveniente do joanete. Feito de borracha macia.



DEMONSTRAÇÕES GRATUITAS

Todas as lojas Dr. Scholl para Conforto dos pés oferecem demonstração gratuita, inclusive um teste completo dos pés, sem qualquer compromisso. A causa do mal que o aflige será explicada e o remédio ou aparelho adequados serão indicados. Serviço completo de pedicuro.



Lojas Dr. Scholl

PARA CONFORTO DOS PÉS

RIO DE JANEIRO - RUA S. JOSE, 114 - RUA S. DOMINGOS, 114

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Que poeta morreu em Missolonghi:
 - Shelley?
 - Byron?
 - Spronceda?
- 2—Lugdunum é o nome latino de que cidade:
 - Londres?
 - Leyden?
 - Lisboa?
- 3—Tita Ruffo foi famoso:
 - tenor?
 - barítono?
 - baixo?
- 4—Aca Laurentia foi mãe adotiva de:
 - Moisés?
 - Gilgamesh?
 - Rômulo e Remo?
- 5—Chamaram-no a «Águia de Meaux»:
 - Fenélon?
 - Bossuet?
 - Richelieu?
- 6—Um grande escritor, se tivesse desejado, teria sido também famoso tenor; foi, ele:
 - André Gide?
 - Paul Valéry?
 - James Joyce?
- 7—A família Pahlevi impera sobre:
 - a Pérsia?
 - o Iraque?
 - o Afeganistão?
- 8—«Muezzin» é o nome de:
 - Cidade algeriana?
 - Bebida libanesa?
 - Portavoz islâmico?
- 9—«Die beiden Grenadiere» é um «lied» de:
 - Hugo Wolf?
 - Johannes Brahms?
 - Robert Schumann?
- 10—O profeta Maloma teve uma filha chamada:
 - Kadidja?
 - Marah?
 - Fátima?
- 11—Qual dessas artistas casou-se maior número de vezes:
 - Joan Crawford?
 - Marlene Dietrich?
 - Gloria Swanson?
- 12—Jehan de Meung foi um dos autores de:
 - «Pélleas et Melisande»?
 - «Roman de la Rose»?
 - «Paul et Virginie»?
- 13—Estabilizou as finanças da República:
 - Campos Salles?
 - Afonso Penna?
 - Rodrigues Alves?
- 14—Defensor do Parlamentarismo no Brasil:
 - Nelson Carneiro?
 - Luís Carlos Prestes?
 - Raul Pilla?
- 15—Passa por ser a mais velha cidade do mundo:
 - Beirute?
 - Damasco?
 - Alexandria?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Byron; 2 — Leyden; 3 — Barítono; 4 — Rômulo e Remo; 5 — Bossuet; 6 — James Joyce; 7 — Pérsia; 8 — Portavoz islâmico; 9 — Robert Schumann; 10 — Fátima; 11 — Kadidja; 12 — «Roman de la Rose»; 13 — Campos Salles; 14 — Raul Pilla; 15 — Damasco.

**A FIGURA
EM FOCO**



S. H.

Oh, como é bom patinar
Sôbre o gêlo bem batido !
Ou então ... divorciar !
Alguém quer ser meu marido?

O PAI

Novela de MIKHAIL SHOLOKHOV

Desenho de RAMÓN

(Conclusão do número anterior)

COMANDANTE apareceu, então, no umbral e repreendeu com enfado aquela gente, mas foi isso só na aparência, pois eles riam e continuaram rindo...

Os cossacos atiraram-se então aos prisioneiros e puseram-se a estripá-los com as baionetas. Uma nuvem escura chegou-me a vista. Procurei ainda ver onde estava o meu Danilo. E vi que o sargento, numa cutilada certeira, cravou-lhe a baioneta na garganta... Danilo fez apenas: Rrrrr...

Tal era a pressão das águas, que as tábuas da barca estalavam: o tronco do choupo parecia gemer com o nosso peso.

Mikischara procurava tocar com o pé a proa, que havia erguido sobre a água, e disse, sacudindo a cinza do cachimbo:

— Nossa barca está afundando! Teremos que ficar aqui até amanhã ao meio-dia... Sorte amarga!

Permaneceu calado algum tempo. Voltou, depois, a falar com voz surda:

— Subi de posto por isso, fizeram-me gen-darme superior. E desde então muita água tem corrido pelo Don, mas ainda continuo ouvindo, à noite, gritos de agonia como se alguém se estivesse afogando... Oh! o ruído surdo de Danilo quando caiu, morto, aos meus pés...

E é assim que vivo, torturado pela consciência...

Até que chegada a primavera, mantivemo-nos, sem avançar, mas também sem recuar, à frente dos vermelhos. Dias depois, passou-se para o nosso lado o general Sekretiev. Obrigamos então a retroceder para lá do Don o governo de Saratov. Embora fôsse eu chefe de família, não quiseram dispensar-me do serviço. Por que? Porque meus filhos estiveram do lado dos vermelhos...

Chegamos, afinal, à cidade de Balaschov. De meu filho mais velho, Ivan, nada se soube.

De repente, os cossacos começaram a murmurar — e só o diabo podia saber quem descobriu isso! — que Ivan se havia bandado, passando para a 36ª Bateria dos Cossacos...

A gente da aldeia ameaçava: «Quando agarrarmos Vanka, havemos-lhe de fazer comer terra»...

Chegamos finalmente a uma aldeia e — olhe! — estava acampada ali a 36ª Bateria! Pegam ao meu Vanka, amarram-no e o levam aos empurrões, para a sala do comando. E ali o espancam terrivelmente. Depois, me chamam:

— Leve-o ao Estado Maior do Regimento!

O acampamento do Estado Maior ficava a doze «verstas» da aldeia. O comandante entregou-me os papéis e disse, desviando a vista:

— Ai tens os papéis, Mikischara. Leva o moço ao Estado Maior. Contigo ele vai seguro. Não querará escapar das mãos do pai.

Tive uma inspiração de Deus. Percebi o que esperavam eles. Mandavam-me escoltar meu filho certos de que eu o deixaria fugir. Prendem-lo-iam, na certa, mais tarde, e dariam «passaporte» a nós dois...

Entrei no quarto em que Ivan estava encerrado e disse aos guardas:

— Entreguem-me o prêso. Tenho que o levar ao Estado Maior.

— Podes levá-lo — responderam os guardas.

— De nossa parte não temos nada a observar. Ivan atirou o casaco para os ombros, pegou o gorro, apertou-o nas mãos e de novo o atirou ao banco.

Saímos da aldeia. O caminho passava sobre uma colina. Eu caminhava silencioso. Muitas e muitas vezes voltei a cabeça para trás, pois queria ver se acaso nos espíavam. Assim — quem sabe? — caminhamos metade do caminho. Passamos à frente de uma ermida. Ninguém nos seguia. Vanka falou-me, então, numa voz que era um queixume:

— Pai, o Estado Maior vai assassinar-me. Tu me levas para a morte. Tua consciência continua adormecida?...

— Não, Vanka! — tornei-lhe. — Minha consciência não está dormindo.

— E não tens compaixão de mim?

— Tanta pena me dás, meu filho, que meu coração se afoga na dor.

— Se te inspiro piedade, deixa-me, então, fugir. Olha, sou moço! Pouco vivi neste mundo!

Ajoelhou-se-me aos pés e inclinou a cabeça até tocar o chão com o rosto. E eu lhe disse:

— Seguiremos juntos até o vale, meu filho. Ai fugirás e eu, para fingir, darei alguns tiros...

E — olhe! — quando ele era menino, não havia meio de arrancar-lhe nem com um gancho, uma palavra de carinho. Naquela hora, porém,

apertou-me nos seus braços, beijando-me as mãos...

Seguimos, depois, calados. Chegamos ao vale. Ivan parou.

— Bem, pai, seja feliz. Se desta vez sairmos os dois com vida, saberei cuidar de ti até à morte. Jamais ouvirás da minha boca uma palavra má. Abraçou-me. Meu coração parecia querer saltar.

— Corre, rapaz! — gritei-lhe.

Ele partiu, correndo. Várias vezes voltou o cabeça para trás, dando-me adeus com a mão. Deixei-o correr umas vinte braças. Ai, então, agarrei o meu fuzil, finquei um joelho na terra, para que o braço não me tremesse, e... a bala entrou-lhe pelas costas...

Mikischara procurou no seu bolso uma pedra de fogo, produziu uma faísca na mecha, com cuidado, e acendeu o seu cachimbo. Chupou algumas fumaçadas. Conservou a mecha entre os dedos. Os músculos do seu rosto tinham movimentos trágicos. Debajo das pálpebras inchadas moviam-se os seus olhinhos oblíquos, de expressão fria e feroz...

— E então?...

— Então deu ele um salto e correu algumas braças... Súbito estacou, apertou o ventre com as mãos e, voltando-se, gritou-me já sem forças:

— Pai... Por que?

Caiu, em seguida, ao chão, a agitar as pernas. Corri para ele. Inclinei-me sobre o seu corpo. Tinha os olhos muito abertos. Da sua boca brotava uma espuma de sangue. Eu pensei: está morrendo... Mas ele se reanimou.

— Pai, tenho um filho e uma esposa. Tomou-me a mão:

Sua cabeça pendeu para um lado... Procurou estancar o sangue com as mãos. Era impossível... O sangue saltava por entre seus dedos... Ronquejava... Voltou-se de costas e olhou-me. Quis falar. A língua já estava des-governada... Queria dizer-me alguma coisa, mas só pronunciava:

— Pai... pai... pai...

Caíam-me as lágrimas dos olhos.

Disse-lhe:

— Vaninska, toma por mim a coroa de espinhos. É verdade que tens mulher e filho. Mas eu tenho sete pobrezinhos sem mãe, atirados na cama... Se te deixasse livre, os cossacos me matariam e os teus irmãozinhos teriam que mendigar...

Olhou-me fixamente, apertou minhas mãos nas suas e, num estremeção, morreu... Tirei-lhe os sapatos. Cobri-lhe o rosto com o capote, e voltei à aldeia.

E agora julgue você, bom homem; por meus filhos tenho sofrido tanto que meus cabelos embranqueceram...

Trabalho para eles, para que não lhes falte pão. Não tenho descanso, nem de dia nem de noite... E sempre estão eles a repetir com minha filha Natascha: — «Repugna-me, pai, comer junto de ti...» Como se pode suportar isto?

O barqueiro Mikischara fixou-me duramente o olhar. Deixou, depois, cair a cabeça sobre o peito, num profundo desalento.

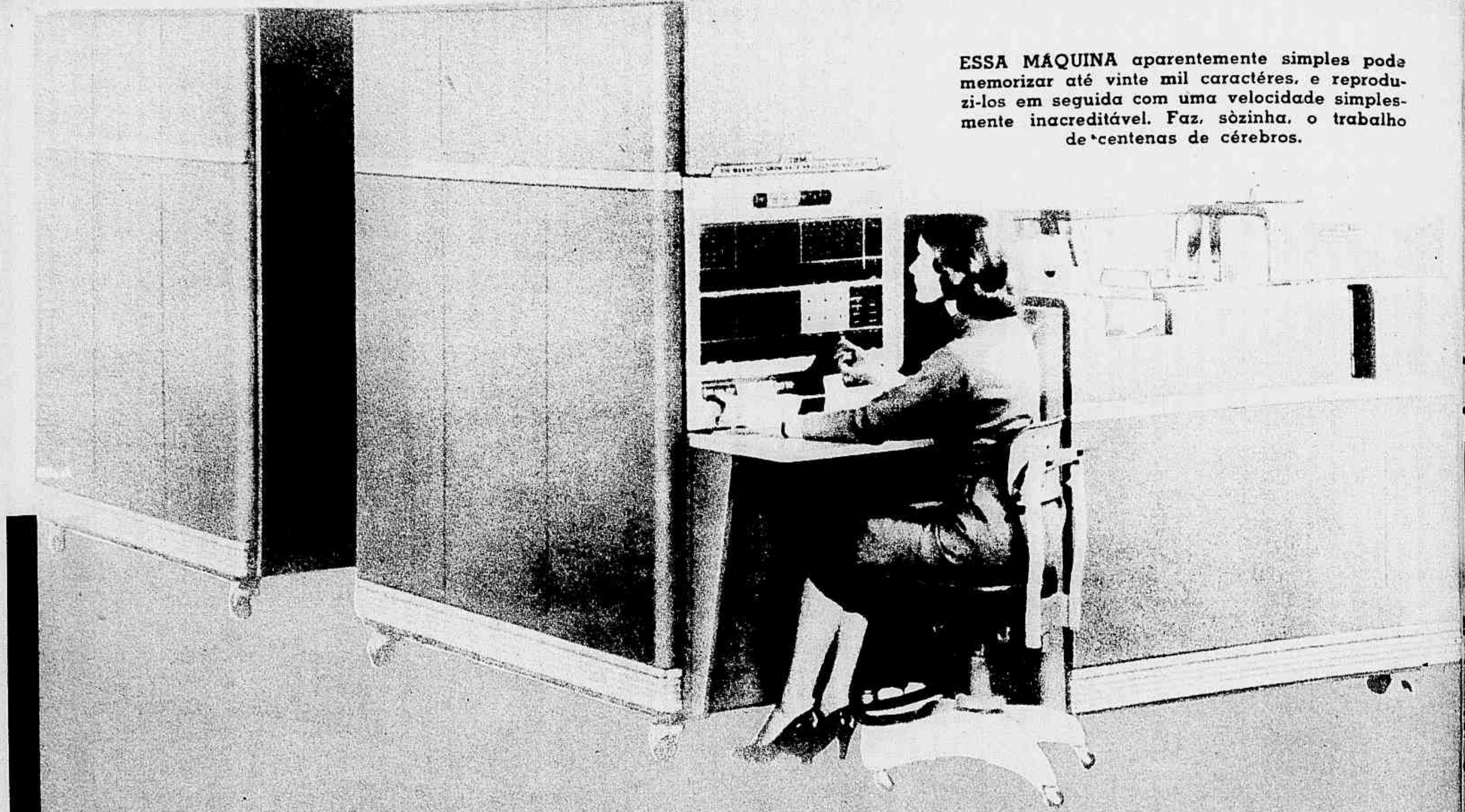
Crepusculava.

Da margem direita do rio, entre os álamos verde-negros, alguém gritou com voz rouca e trêmula de frio:

Mikischara! Diabo! Vamos, a barca!



ESSA MÁQUINA aparentemente simples pode memorizar até vinte mil caracteres, e reproduzi-los em seguida com uma velocidade simplesmente inacreditável. Faz, sozinha, o trabalho de centenas de cérebros.



Automatismo: Máquina versus Homem

Por NORMAN A. LUNENFELD

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

CAPÍTULO II

STA muito popular, nos círculos industriais norte-americanos, a seguinte história de um líder ocupadíssimo, que examinava, com seu gerente, uma nova oficina de montagem de automóveis. Os dois homens tinham acabado de chegar justamente em frente a um «stand» totalmente aparelhado pelos moldes mais atuais do automatismo. Um enorme número de máquinas se ocupavam em cortar e em soldar pedaços de metal, ajustando-os uns aos outros, locomovendo-os de um lado para o outro. Em toda a seção, não se via uma única pessoa.

Veja só que dinheirão não gastaria o senhor, se tivesse de pagar a essas máquinas pelo tempo extra de trabalho — disse para o dono o gerente.

— E', mas no pé em que as coisas vão, não venderemos mais um só automóvel. Para que é que máquinas como essa vão precisar de automóveis?

Que espécie de mundo teremos amanhã, é o que não sabemos ainda. Será, acaso, um paraíso terrestre, em que os homens trabalhem cerca de 20 a 25 horas semanais, deixando todo o trabalho restante entregue às máquinas? Ou transformar-se-á o automatismo em um pe-

sadelo, em que os homens acabem por se tornar escravos dos robots, em que a humanidade fique desempregada, sem os meios de adquirir as maravilhas fabricadas pelas máquinas imperturbáveis?

Em Detroit, novas técnicas automáticas de produção foram já introduzidas na indústria de vestimentas. Um único trabalhador de ora em diante pode controlar em uma hora seiscentos teares — tarefa que até bem pouco requeria a atenção de quatorze operários.

Quando as vestimentas estão prontas, um fiscalizador eletrônico as examina, peça por peça, notando-lhe os possíveis defeitos. Então, por meio de um declive, as peças são levadas até ao local de armazenamento.

Em Cleveland, na nova oficina de montagem da Ford Motor Company, uma imensa máquina, cujo comprimento ultrapassa o de cinco campos de futebol seguidos, está produzindo carrocerias de seis cilindros. Nada menos de quinhentas e trinta operações de corte e de soldagem serão efetuadas, antes que uma só peça esteja pronta. E tudo feito automaticamente, sem que praticamente uma só pessoa interfira.

Em Charleston, Indiana, uma oficina automática está trabalhando vinte e quatro horas por dia, durante toda a semana, fazendo adubos e

fertilizantes à base de nitrogênio. Todas as operações são automáticas, controladas por um cérebro eletrônico. A única ação humana necessária é a regulação da velocidade com que devem trabalhar as várias máquinas — regulação feita de semana em semana.

A «The Oak Ridge Installation» trabalha o dia integral produzindo materiais atômicos radioativos. O conjunto de maquinarias opera automaticamente em uma extensão de cerca de dez milhas, sendo que para cada milha dois operários são necessários.

Em toda parte, na indústria, pelo que vemos, a máquina automática está sendo empregada em larga escala. Máquinas de lavar roupa, bonecas, cigarreiras, batons, tudo é produzido por máquinas controladas por outras máquinas, distribuído por máquinas e examinado por máquinas. Em todo o processo, poucos são os seres humanos que colaboram.

O automatismo tem que ser um processo gradual. Começou a ter importância pouco após a segunda guerra mundial, e desde então não deixou de progredir. Este ano, somente, é que tomou seu maior impulso, a ponto de todos se voltarem agora para o processo, interessadíssimos em conhecer-lhe os detalhes. Não se fala muito, relativamente, sobre o possível grande desemprego que o sistema venha causar, nem dos lucros que proporcionará. Há, é verdade, certa inquietação, de parte dos sindicatos ope-

rários, pois é muito possível, é até provável, que grande seja o número de dispensas de trabalhadores, em virtude da sua substituição por máquinas.

Eis o lado mais grave da questão:

Dizem os técnicos que não haverá o ultrapassamento do trabalho humano, mas que, pelo contrário, esse trabalho será dignificado e super-valorizado. Somente os trabalhos de rotina e os de pura monotonia serão relegados às máquinas. Os homens estarão totalmente descansados para imaginarem novos métodos de produção, para inventarem novos aparelhos e novas técnicas, a fim de que sejam satisfeitas as necessidades da coletividade. Como não há de ser feliz uma sociedade que trabalha de 20 a 25 horas por semana, e que dispõe de todo o

acaba de criar a carreira de doutor em Ciência de Contrôlo de Dados. Para obter o grau, são necessários oito meio-anos de um curso duríssimo. Os primeiros graduados vêm sendo aproveitados pela indústria para instalar os novos cérebros eletrônicos e controles científicos.

Os trabalhadores de oficina ganharão uma nova dignidade, até atingirem aquela, descrita de maneira tão pitoresca por Gordon S. Brown, diretor do M.I.R. Electrical Engineering Department, em sua Memória apresentada à Convenção de Trabalhadores em Aço dos Estados Unidos: «A indústria do aço adquiriu uma projeção tão grande, que já não penso ser de mau tom usarem trabalhadores «Smockings» na oficina...»

E Norbert Weyner escreveu há pouco, na revista «Cybernetics», o seguinte:

— «Tomando a Segunda Revolução Industrial como já terminada, devemos considerar a era do automatismo como uma nova revolução, cujos resultados, até agora, são imprevisíveis.»

A idade de ouro da máquina porá totalmente fora de uso o trabalho humano? Talvez um ponto de vista pessimista, como o de um presidente de sindicato operário, lance alguma luz sobre o caso:

«Está muito bem que se fale com tanto entusiasmo na era automática; é preciso, porém, desde já fabricar também estômagos de matéria plástica para resolver o problema de alimentação de tantas pessoas desempregadas...»

(Continua no próximo número)

O ROBOT TERMINARÁ POR DESTRUIR O HOMEM?

tempo restante para aprimorar-se cultural e moralmente?

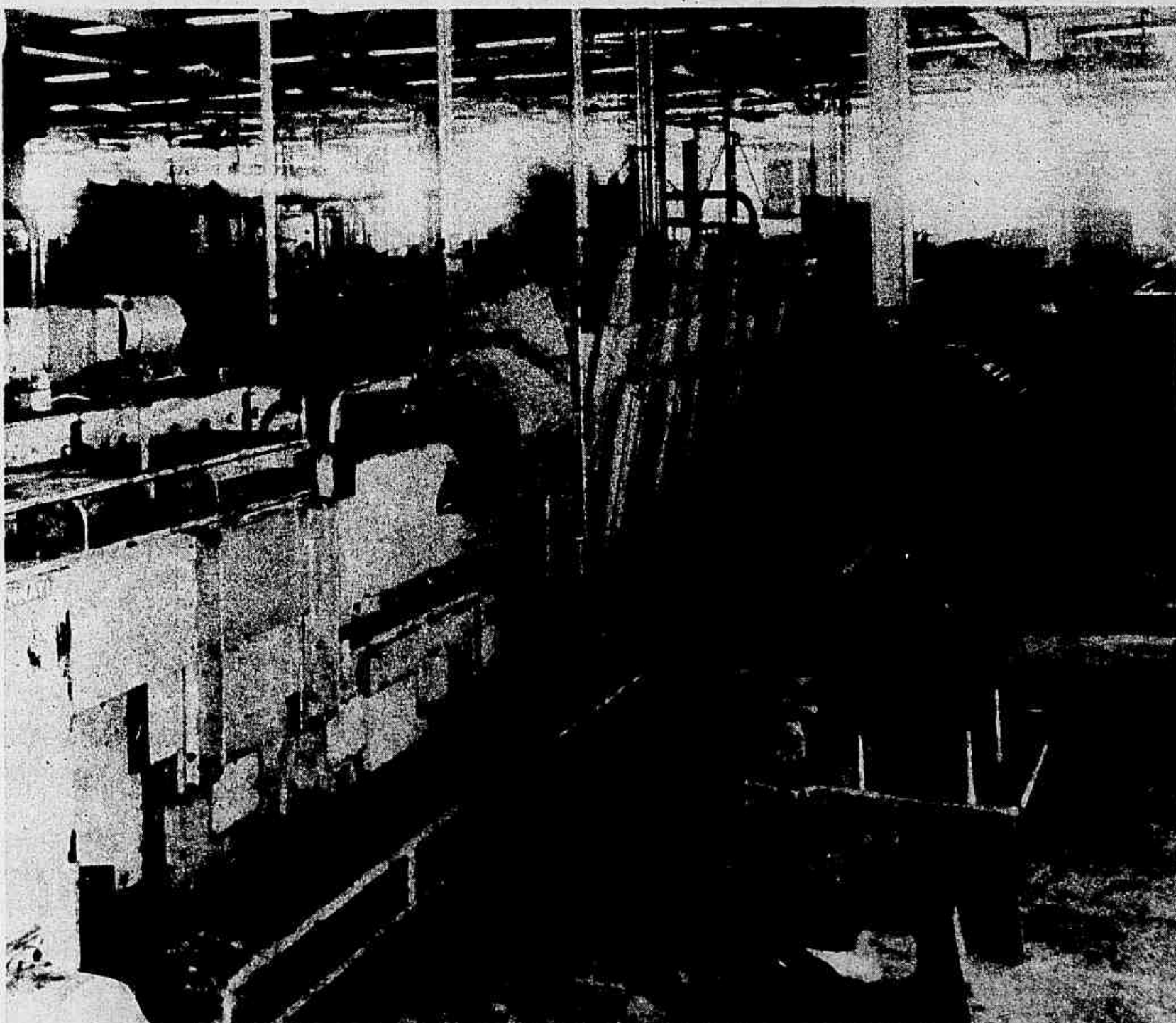
Tôdas as coisas que os seres humanos amam, e a que não se pode entregar senão eventualmente — os livros, os esportes, as artes, a pesquisa científica —, poderão ser de então por diante a principal ocupação dos homens, graças ao prodígio do automatismo, que fará com que máquinas trabalhem por eles.

Todo o tempo que o homem sacrifica ao trabalho, com exceção de ínfima parte, será pois dedicado ao aprimoramento individual. É preciso, contudo, dosar bastante bem esse tempo disponível, para que o que pode ser um grande benefício não se vá tornar em maldição.

Os líderes operários, por exemplo, bem sabem que o que se costuma chamar de «desemprego temporário» pode se transformar em permanente fonte de vicissitudes para muitos milhares de trabalhadores e de suas famílias. Por isso, desejam que, mesmo com a vitória do automatismo, não se tornem a repetir as cenas lamentáveis de desespero e de angústia causadas pelo desemprego e pela desvalorização do trabalho humano.

De qualquer modo, uma coisa é certa: os engenheiros serão necessários em número cada vez maior, nas oficinas regidas pelo automatismo. As oportunidades, para eles, existirão em número simplesmente inacreditável... Novas atividades serão necessárias, e aos cérebros humanos abrir-se-ão caminhos até então insuspeitados, e que poderão conduzir a humanidade a uma era de progressos notáveis.

A Universidade de Harvard, por exemplo,



UM DO HOMEM... e meda, e um impo...
... de m...
... A...



Essa, ao alto, é Brigitte Bardot (conhecem?), ao assinar os primeiros autógrafos. — A loura, à areita, Diana Dors, foi considerada a versão britânica de Marilyn Monroe, e em baixo, Gina Lollobrigida mostrando a Gary Cooper que tamanho era o peixe que apanhou. Mas Cooper não acreditou...



CANNES

fracasso do festival

♦ Pelo caminho em que vai, o Festival de Cannes, e até o de Veneza, têm os seus dias contados. De ano para ano a presença das grandes figuras do cinema europeu ou americano, vai diminuindo e agora, então, foi um desastre. Os fotógrafos passaram o tempo a bater chapas de ilustres desconhecidas que chamam a atenção dos convidados mostrando o corpo. Claro que alguns nomes de cartaz ali aparecem, mas por 24 ou 48 horas, desaparecendo de inesperado. Nem o casamento de Grace Kelly logrou aumentar a curiosidade, pois esperava-se que muitos de seus ilustres convivas, dessem um pulo à Cannes... Quanto aos filmes ali exibidos, também não marcaram nenhum índice de evolução cinematográfica. Festivais de Cinema estão se convertendo em chamariz de turismo, razão porque não há nada o que censurar nas Semaninhas do Cinema Brasileiro, tipo Caxambu. A registrar, a presença de uma senhora nascida no Egito, e que ali apareceu com o sugestivo nome de Tahia Carioca. Há quatro palavras brasileiras que dão dinheiro e fama: Copacabana, Bahia, Samba e... Carioca. A moça preferiu a última. Sabidinha...



Dora Doll foi aclamada a dona das mais bonitas pernas. Do júri fazia parte Fransined, irmão de Fernandel. — Na falta de grandes «estrêlas», foi eleita Miss Festival uma garôta de 18 anos, Diana France. Em baixo, Susan Hayward, a egipciana Tahia Carioca (?), Kim Novak e Ginger Rogers.





TENHO OLHOS E NÃO VEJO DÊ-ME ESCOLAS, SENHOR!

E O APELO DA CAMPANHA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO VAI ENCONTRANDO ECO NO CORAÇÃO GENEROSO DE NOSSOS HOMENS DE NEGÓCIOS, PROFESSORES E TODOS OS QUE POSSUEM UM QUARTO VAGO, EM CASA, PARA UMA "ESCOLINHA DE EMERGÊNCIA"

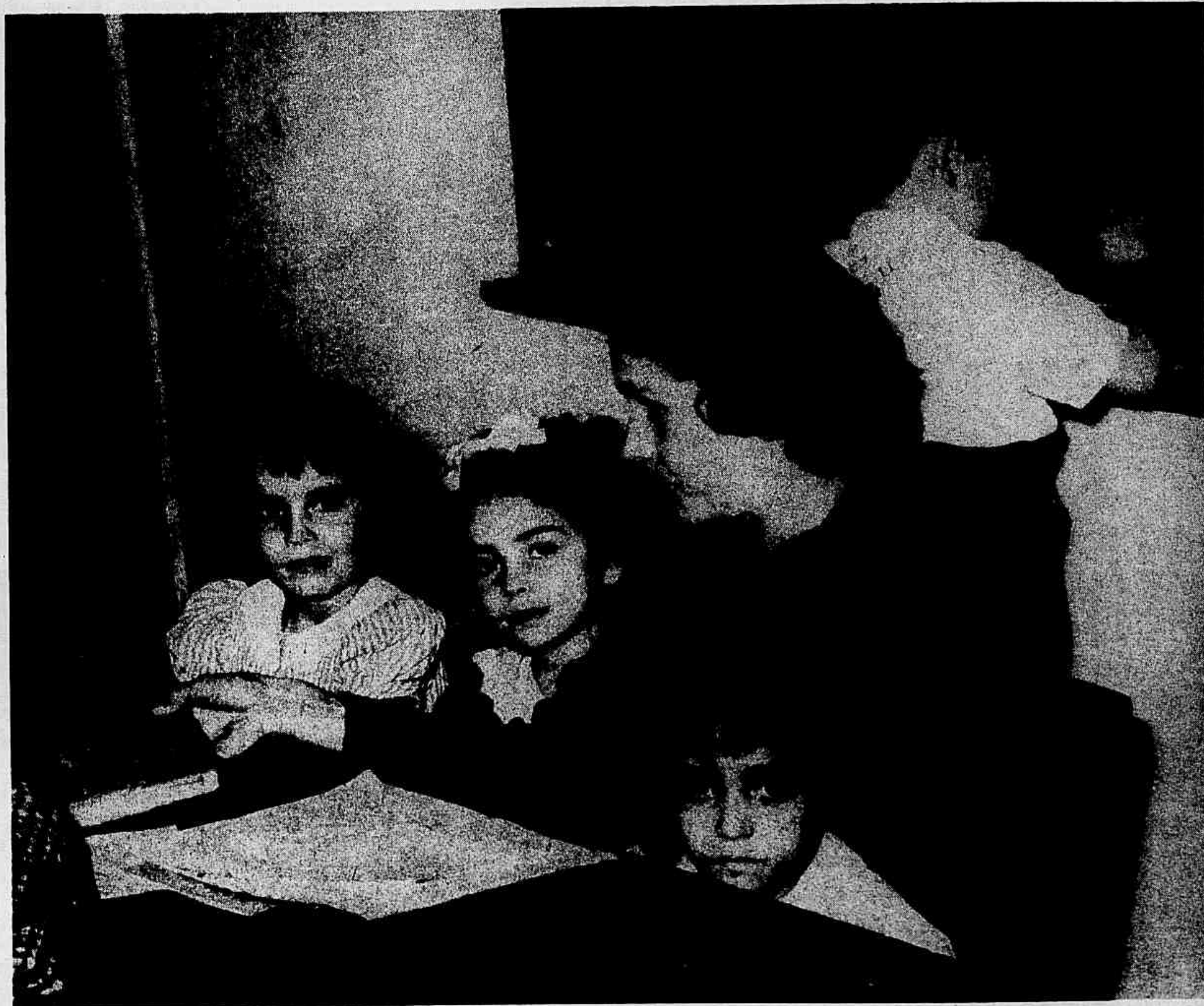
Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA

A Campanha Brasileira de Educação é um movimento lançado e mantido por homens de negócios, com o objetivo de colaborar na solução do problema de dar escolas às crianças que desejarem aprender a ler, mas não o podem fazer, em vista da insuficiência da rede escolar oficial. A Campanha não pretende substituir-se ao Estado, neste mister, mas, apenas, agir supletivamente, no campo restritivo da alfabetização. Só no Distrito Federal existem quase 120 mil crianças em idade escolar, que ainda não sabem ler nem escrever.

Fundando classes de 30 alunos, a C.B.E. espera ter, em breve prazo, as 3.900 escolinhas necessárias para suprir a falta dos órgãos oficiais.

NASCIMENTO DA C.B.E.

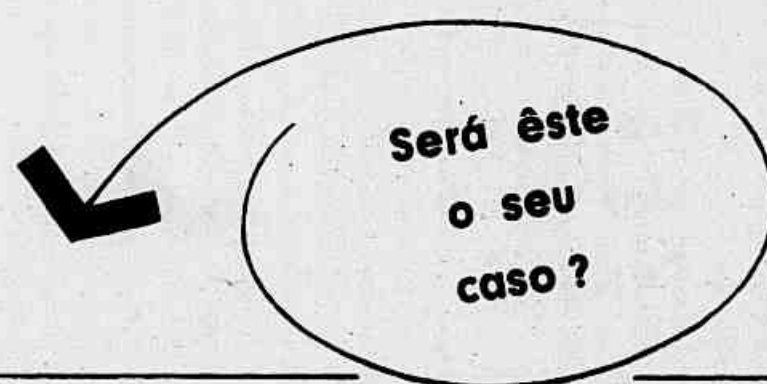
A Campanha nasceu em decorrência do apelo feito pelo então Presidente da República, sr. Café Filho, em discurso pronunciado a 12 de outubro de 1954, e no qual o chefe do Governo convocava os diferentes círculos da iniciativa privada a promover a fundação



Eles tinham olhos e não viam, mas as «escolinhas de emergência» trouxeram à luz de que necessitavam para ver e entender. Com já estão em pleno funcionamento: faltam só no Distrito Federal mais de três mil. Um exemplo para os órgãos governamentais competentes!



- Por que preciso fazer um Seguro de Vida ?



O Dr. Alfredo Alves de Moura exerce uma profissão liberal, é casado e tem dois filhos. Seus proventos, que não são pequenos, decorrem exclusivamente de sua capacidade pessoal de conquistar novos clientes. Mas... como não conseguiu, até hoje, formar um pecúlio para o futuro, vive preocupado, com medo do dia de amanhã...

- Se este é o seu caso

o Sr. deve fazer um Seguro de Vida :

- 1 **PORQUE**, com seu falecimento, a renda de seu trabalho cessará de todo, deixando sua família sem saber para quem apelar;
- 2 **PORQUE**, as despesas de manutenção de sua família não cessarão com o seu desaparecimento;
- 3 **PORQUE** seus filhos menores deverão terminar os estudos antes de poderem ganhar a vida;
- 4 **PORQUE** só uma apólice de Seguro de Vida conseguirá aliviar as dificuldades econômicas de sua família até surgirem melhores dias.

A' SUL AMERICA - Caixa Postal 971 - Rio de Janeiro

Desejando conhecer outros detalhes da organização "SUL AMERICA", peço enviar-me publicações sobre o assunto.

Nome
 Data do Nasc.: dia mês ano
 Profissão..... Casado ? Filhos ?
 Rua n.º Bairro
 Cidade..... Estado.....

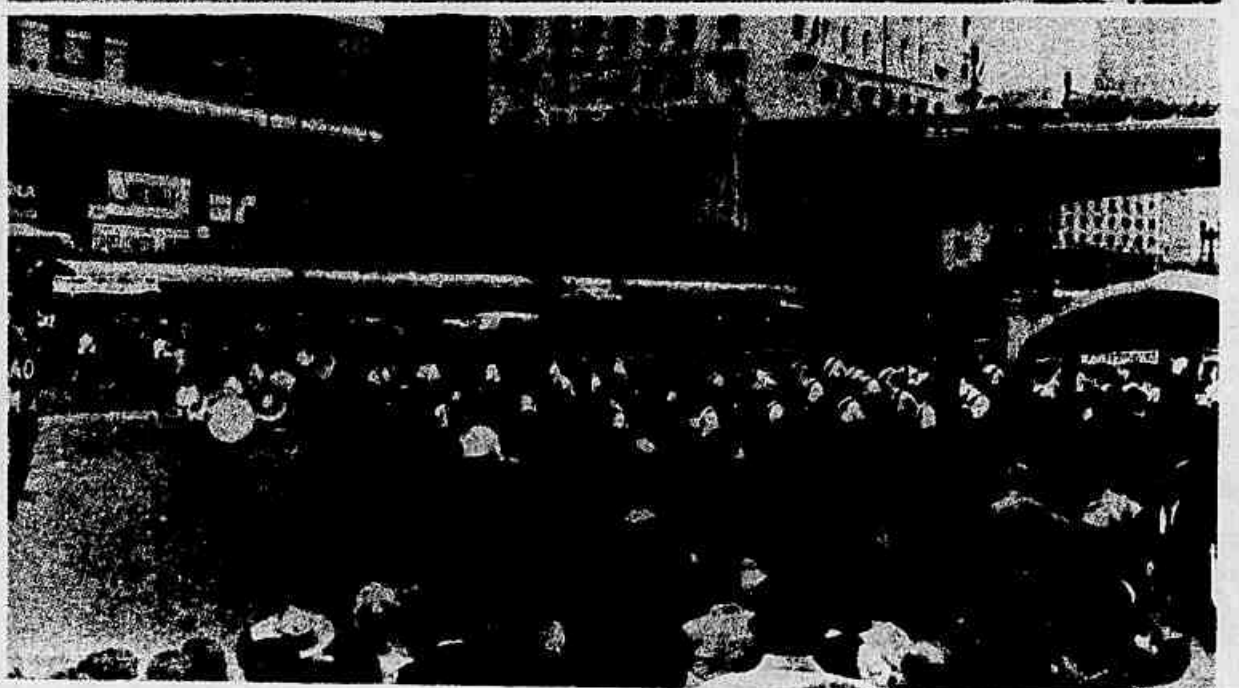
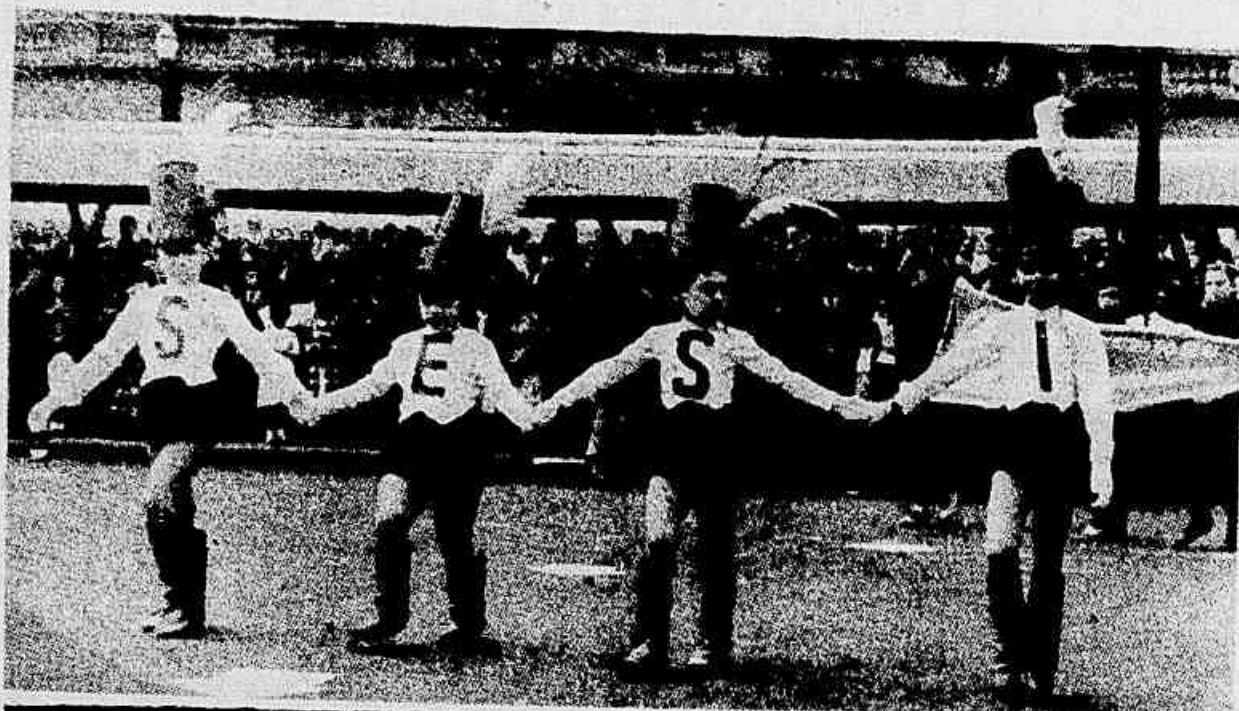


O Seguro de Vida
 é a Solução Ideal e Imediata
 do seu problema

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
 FUNDADA EM 1895

IA - 2777



DESFILE DE ABERTURA DOS IX JOGOS DESPORTIVOS OPERÁRIOS DO SESI

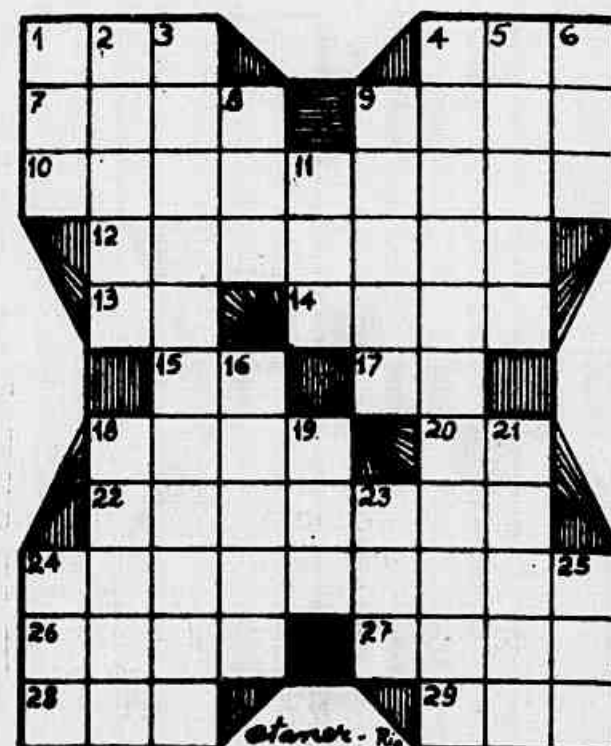
◆ Realizou-se a 1ª de maio último, o grandioso desfile de abertura dos IX Jogos Desportivos Operários, tradicionais competições promovidas pelo SESI, todos os anos, em comemoração ao «Dia do Trabalho». Dêse desfile participaram cerca de 20.000 trabalhadores industriais do Estado, tendo as indústrias paulistas apresentado interessantes carros alegóricos alusivos à data e às atividades industriais. Ao desfile compareceram o governador Jânio Quadros, representantes do Legislativo Federal, e altas autoridades federais, estaduais e municipais.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 120

PARA VETERANOS

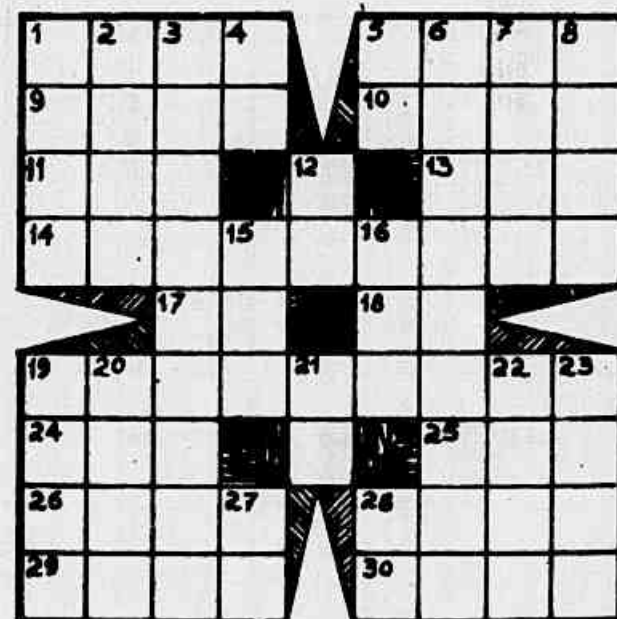
HORIZONTAIS: — 1. Sufixo que exprime «ação», «próprio de» — 4. Árvore silvestre do Brasil — 7. Cachaça — 9. Nome de mulher — 10. Aquilo que resiste a uma força — 12. Riscaram — 13. Tratamento que antigamente o irmão mais moço dava ao mais velho — 14. Raramente — 15. Berço — 17. A Igreja Romana — 18. Tratamento hindu, correspondente a senhor — 20. Símbolo do metal de peso atômico 58,69 — 22. Gênero de antílopes do tamanho de um cabrito montês — 24. Espetáculo fantástico e ridículo — 26. A parte mais anterior da capela-mor — 27. Terra nova e arroçada de fresco — 28. Emprega — 29. Periquito.



VERTICAIS: — 1. Índio cariri das margens do rio do Peixe — 2. Homem valente ou provocador — 3. Ligeiras noções de uma ciência ou arte — 4. Aparara em roda — 5. Sossego de espírito — 6. Armação de luneta — 8. Ave da família dos Lari-deos — 9. Tribo de indígenas do rio Corrente, em Goiás — 11. Afluente esquerdo do Reno — 16. Pançuda — 18. Árvore do Brasil, da família das Leguminosas (pl.) — 19. Associa — 21. Mistura com iodo — 23. Troça — 24. Castigo corporal — 25. Além.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Lavrar o solo — 5. Leito — 9. O mesmo que goma-laca — 10. Parente por afinidade — 11. Negro-velho — 13. Berne — 14. Tornar alcalino — 17. Sufixo designativo de autor — 18. Escarnece — 19. Mover em espiral — ou caracol — 24. Pinha — 25. Quer bem — 26. Parte direita ou esquerda de alguma coisa — 28. Olor — 29. Argolas — 30. Resido.



VERTICAIS: — 1. Elevada — 2. Trilho de estrada de ferro (inglês) — 3. Agachado — 4. Símbolo químico do rádio — 5. Aqui — 6. Que tem forma de funil — 7. Alvo, fim — 8. Querer bem — 12. Outra coisa — 15. Pedra do altar — 16. O mesmo que eiró — 19. Emudece — 20. Ligar — 21. Símbolo do cálcio — 22. Afeição profunda — 23. Pouco comum — 27. Artigo plural — 28. Rio da Sibéria.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 119

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: rami — ubás — di — Og — pisiforme — alta — ubim — aro — farol — iri — soca — éter — amarilide — ar — Ci — cras — tela.

VERTICAIS: adil — mistificara — borboletice — agmi — par — iá — ouro — ema — Ari — arar — usa — are — Omar — El — edil.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: iam — ala — amas — anel — saturnino — I.R.B. — oma — il — fa — Aci — ela — acumulara — pala — edaz — asa — aro.

VERTICAIS: ias — amai — matricula — animalada — lena — aló — sublima — Anofele — acas — arar — Apa — aro.

UM LIVRO

SOB O SIGNO DO PECADO

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE



Ilustração de E. Koetz para «Purgatório», de Paulo Dantas.

♦ NO ROMANCE «Purgatório», de Paulo Dantas (1), segundo da Trilogia Nordestina iniciada com «Chão de Infância», e que terminará com «O Livro de Daniel», o que, desde logo, desperta a atenção do leitor, e mesmo sua admiração, é o clima de grande austeridade, de religiosidade patética, de que o romancista sergipano conseguiu impregnar seus personagens. Como Armino Pereira — cujo livro «Flagelo» há pouco comentávamos — Paulo Dantas pouca importância dá à paisagem: se em «Purgatório» está presente o Nordeste, através de seus grandes e já cansados temas — a Sêca, o Cangaço, o Sexo —, o que sobretudo chama a atenção do romancista é a alma humana, esse cadinho de paixões e de ressentimentos. Por isso, seus personagens, se são nordestinos, são também universais.

Tome-se por exemplo o velho Resmungo, espécie de patriarca bíblico perdido nos sertões sergipanos: seu livro favorito é a Bíblia, cujos trechos marcantes não se cansa de ler, desde que, crivado de doenças adquiridas em aventuras extra-conjugais, distribuiu entre os necessitados todos os seus bens, passando a viver, com a mulher Sensitiva e as três filhas (a quem mais tarde se viriam juntar dois irmãos, ambos loucos) em estado de quase miséria. Resmungo é, pode-se dizer, a espinha dorsal do romance. Atravessa-o da primeira à última página, dá-lhe unidade e força dramática. Mas, se Resmungo é a espinha dorsal de «Purgatório», é o Pecado quem move os personagens do livro. Graças a ele, paradoxalmente, Resmungo volta-se para Deus; graças a ele, Teosóforo — um dos irmãos loucos de Resmungo —, outrora padre, abandona o hábito por amor a uma rameira. O sexo a todos dirige, e até o burrico Lamento, em noites de luar, erra fantasmagoricamente pelo rancho abandonado, a soltar urros formidáveis, «sofrendo o castigo da carne».

Essa atmosfera de insanidade e de misticismo, que se respira nos romances de Paulo Dantas, é idêntica àquela que se encontra nos livros de

William Faulkner. No americano, porém, o desespero é o fim de toda e qualquer ação, ao passo que Resmungo, se morre ao término do romance, alcança a redenção, graças ao próprio sangue: Faulkner descreve o inferno, Dantas, o purgatório.

Em meio a tantos loucos, a tantos ressentidos (como Sensitiva, que «já amanhecia cultivando ressentimentos», e cuja morte, descrita no capítulo 18, é um dos pontos altos da narrativa), a tantos seres de tristeza (o último dos quais, Daniel, o de lábio partido, pouco relevo assume nesse livro, sendo, porém, em outros importantíssima figura), a tantos sacrificados (como Jovem e Conceição, as irmãs que trabalham noite e dia para manter a dispensa pelo menos não de todo vazia), a figura de Mariana, ou Rosto Bonito, que termina por casar com o maneta Jeremias, sonhador e generoso, diverge estranhamente. É a única coisa pura em meio a tanta perdição. Por isso, quando se casa, e vai morar com o marido em local distante do sítio, seus parentes sabem que o fim está próximo. Sensitiva, com efeito, morre pouco após, de cara amarrada, sem perdoar ao marido as infidelidades passadas, alheia ao desespero deste e de Teosóforo, o cunhado ex-padre, que, não podendo mais ministrar a ninguém a extrema-unção, sente-se culpado pela perdição de sua alma. Até o bando de Lampião aparece pelo sítio, de passagem, porém. Porque tão terrível é a presença do pecado, em «Purgatório», que o próprio cangaceiro sente-se atemorizado, partindo, em plena madrugada, daquela casa povoada por maníacos e loucos.

A morte de Resmungo, atolado num lodaçal, com o burrico Lamento, termina o romance, e a purgação. Romance de peso, vazado em estilo nobre e majestoso, no qual mais uma vez se reafirmam as qualidades excelentes demonstradas pelo autor em «Chão de Infância» e em «Cidade Enferma».

(1) «Purgatório» — Paulo Dantas, Editora Piratininga, São Paulo, 1955, 248 páginas. Capa de Edgar Koetz. Água-forte de Aldemir Martins. Ilustrações de Edgar Koetz.

FORA DO PRELO

NA SÉRIE «Grandes Vultos das Letras», a Melhoramentos acaba de publicar, sob o número 18, a biografia de Humberto de Campos, de autoria de Maria de Lourdes Lebert (64 páginas).

«CARMEM MIRANDA — vida — glória — amor e morte» é uma coletânea de artigos, comentários e notícias sobre a nossa maior cantora popular, estampados na imprensa brasileira por ocasião de sua morte, há pouco menos de um ano. Seu autor é o jornalista Queirós Lima, que vem se especializando no gênero, já nos tendo dado «222 Anedotas de Getúlio Vargas», e prometendo para breve «Memórias sobre Getúlio» (Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1956, 221 páginas).

ARNOLD WALD, que desde os tempos de estudante de Direito vem sobressaindo por sua cultura e seriedade intelectual, acaba de publicar a tese com a qual busca obter o grau de

POESIA

Dois Poemas de José Paulo Moreira da Fonseca

FONTE

Limpida, fugirias
na mão de quem te quisesse tocar.
Ó fonte, ó fonte invisível
adormecendo com as pedras
adormecendo naquele rumor, tão leve,
em que tentas dizer o teu silêncio.

(Poesias, 1949).

UM GALGO

Mesmo quando imóvel, vemo-lo correr
Como se aquelas formas sonhassem
Com uma inacessível distância.

(Tempestade e Outros Poemas, 1956)

Doutor em Direito: «A Cláusula de Escala Móvel». E' trabalho erudito e elaborado dentro de um método minucioso, vazado em linguagem precisa e elegante, sóbria e rigorosamente jurídica. (Max Limonad Editor, 1956, 176 páginas).

O VELHO romance de Bernardo Guimarães «O Ermitão de Muquem», acaba de merecer mais uma edição. Dessa vez, foi a Melhoramentos quem se incumbiu da tarefa, através de sua série Ficção Nacional, sob o número 10. (176 páginas).

NA COLEÇÃO «Os Cadernos de Cultura», acaba de aparecer o ensaio de Joaquim Ribeiro «Folclore Baiano», trabalho interessante e erudito, como tudo o que sai das mãos do autor.



Luís Canabrava

NOTAS

LUÍS CANABRAVA, cujo livro de estréia, «Sangue de Rosaura», mereceu o Prêmio Fábio Prado de 1954, está terminando um romance, que a Livraria José Olímpio editará brevemente. Há grande expectativa em torno à estréia, no romance, deste jovem contista e publicista o qual além de ser chefe do Departamento Artístico de importante firma carioca, ainda encontra tempo para se colocar entre os bons ficcionistas de sua geração.

OS TERATÓPAGOS DE TERESÓPOLIS

UMA EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA PARA O ESTRANHO CASO DAQUELA CIDADE SERRANA.

O PAI COM 72 ANOS, A MÃE COM 39. TRISTES CAUSAS E DOLOROSOS EFEITOS.

Texto e fotos de CARLOS MACHADO BRITO

JORNAIS e revistas de todo mundo noticiam, com frequência, o nascimento de crianças xifópagas, aleijadas ou deformadas. Mas, este caso é diferente. É muito comum, em histórias fantásticas e lendas, uma pessoa de duas cabeças, quatro braços e quatro pernas, o que constitui realmente, para muitos, motivo de pavor, e, para outros, brincadeiras ou anedotas. Imaginem uma pessoa de duas cabeças e quatro pernas, jogando futebol, ou, com quatro braços, lutando box.

Num dia de verão, com Teresópolis repleta de veranistas, nasce, no modesto Hospital Central da ci-

dade, algo que a ciência define como um caso Teratópago-Mononfálico-Hemípagos.

Trata-se de um caso extremamente raro, dentro da Teratologia Humana.

A paciente A.Q., com 39 anos, brasileira, natural do Estado do Rio, residente em Vidigueiras, Teresópolis, casada com A.C.B., com setenta e dois anos, brasileiro, natural do Estado do Rio, ambos partidos, mãe de cinco filhos vivos, e cinco falecidos e, por três vezes, teve partos gêmeos.

Ela, recentemente, deu à luz a um feto-monstro, nati-morto pre-

maturo (7 meses), assistida pelo doutor Benvindo Soares do Rêgo, que fez o estudo do caso, e nos forneceu dados científicos.

A paciente nunca havia procurado médico em nenhum dos outros partos.

ANTECEDENTES FAMILIARES

Nos antecedentes familiares, verifica-se que a paciente tem uma tia e uma irmã e a mãe, que também tiveram partos gêmeos e nati-mortos. Nos antecedentes pessoais da paciente, soube-se que no primeiro matrimônio, não teve partos gêmeos e que, no segundo casa-

mento, a sexta e sétima gravídeses foram de gêmeos nati-mortos, prematuros e na décima, que é a atual, deu luz a um feto-monstro, prematuro, unido desde o umbigo até à face. Pelo aspecto exterior, verifica-se tratar de sexo feminino, quatro membros superiores e quatro inferiores, dois órgãos genitais independentes, duas cabeças ligadas com um só pescoço, um par de orelhas para duas cabeças, duas faces, dois crânios, e um cordão umbilical.

São teratópago-hemípagos-mononfálicos, porque unidos desde o umbigo até o pescoço e, às vezes, até às duas cabeças, fundindo-se numa só; teratópago, por ser unido por uma das regiões do corpo na qual se podem encontrar os elementos de cada indivíduo; mononfálico, por haver um só umbigo com um só cordão umbilical, comum aos dois, e, além do mais, com uma só placenta para os dois indivíduos, tratando-se de uma prenhez univitelina; hemípagos, porque a união de ambos se dá desde o umbigo, até os parietais. Na união das duas cabeças, nota-se um pequeno elemento anatômico, parecendo tratar-se de orelhas rudimentares atrofiadas. Na parte inferior, e por trás, o monstro se une até à bacia. Trata-se, por conseguinte, segundo os antecedentes maternos e de seus colaterais, possivelmente, de uma influência hereditária, de uma anomalia genética, uma espécie de desvio orgânico, naturalmente, o tipo específico sendo produto aberrante de um processo teratológico resultante da influência de uma causa perturbadora sobre o desenvolvimento do ser embrionário cuja evolução é mais ou menos profundamente desviada de sua diretriz mórfica.



Nesta morada humilde de Teresópolis, reside o casal que gerou o fenômeno, o marido com 72 anos, a mulher com 39. Mas o ambiente em nada influi: o caso poderia acontecer em uma residência de mais alto porte social.

Os monstros podem ser causados por influências externas, como por exemplo, uma influência de concentração diferente da habitual dos ions metálicos na água que rodeia os ovos, ou um desequilíbrio endócrino no sangue materno ou fetal, ou por muitas causas de natureza mecânica, porém os gens podem produzir os mesmos desvios repetidos através de sucessivas gerações.

A gênese causal de tais anomalias dos cromossomas das células sexuais devendo a época de sua determinação coincidir com o período de fecundação.

OUTROS CASOS

Toxemias-gravídicas, pelo excesso de corpos cetônicos acumulados no sangue da paciente, desde as fases iniciais de fecundação.

Hereditariedade: pode ser considerada de dois modos: transmissão direta e indireta. Direta provém da anomalia, de pais a filhos e pelo chamado atavismo que é a transmissão dos caracteres anômalos de antepassados mais ou menos afastados. Na primeira, apenas se manifesta por monstruosidade ligeira, portanto o caso presente não está incluído. Nessa última, o atavismo também chamado herança ancestral, há um fato corrente em embriologia que Heckel deu grande relêvo no qual denomina a relação existente entre as formações teratológicas e ontogenia, isto é, o desenvolvimento do indivíduo é uma recapitulação abreviada da evolução da espécie.

Em relação ao estado em que se podem achar os procriadores, falam em favor dessa circunstância os numerosos casos de produções teratológicas mais ou menos graves ao lado de perturbações de sistema nervoso e da nutrição em crianças concebidas em épocas sociais anormais quando fortemente abalado se acha o sistema nervoso dos genitores.

Tem igualmente influência na produção de monstro a **madade extrema ou a velhice dos procriadores, o alcoolismo, a embriaguez no momento da concepção.** Diz Guinard que o alcoolismo crônico é causa incontestável de modificações anômalas do produto da concepção.

A sífilis confere o poder teratogênico pelo germe com caracteres patológicos que pela ocasião do desenvolvimento darão lugar a

Aqui está o produto do que foi denominado «um caso extremamente raro na teratologia humana». Convém frisar que não faz muito tempo, a parturiente deu à luz um feto-monstro, nati-morto, prematura, com 7 meses.

aberrações mais ou menos graves do tipo específico do indivíduo.

Quanto às anomalias dos produtos sexuais consiste na duplicidade do elemento nuclear de célula sexual ao qual incumbe o papel principal no ato da fecundação. Nos acidentes de fecundação temos a poli-expermia onde a fecundação do óvulo pode-se dar por dois zoospermas resultando diplogênese, a formação de monstros duplos.

E' nos monstros duplos autotétricos que encontramos o tipo hemipago.

Pela compressão do ser embrionário por quantidade excessiva de líquido amniótico (Polihidrânios) podem acontecer fenômenos quase sempre acompanhados de manifestações teratológicas, como foi o caso presente em que a paciente tinha seis litros de líquido amniótico e portanto uma quantidade anormal excessiva.

A radiografia revelou completa independência óssea e portanto duas colunas vertebrais, dois arcos costais anteriores, não se percebendo o esterno talvez pela maturidade.

Geralmente esses casos não nascem vivos por causa da pré-maturidade, por falta de tratamento, por falta de dieta e orientação médica e porque geralmente são acompanhados de polihidrânios e, principalmente, pelo fator hereditário.



200

das 4,30

às 24,00 hrs.

VIAGENS POR DIA

cada 8 minutos

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393

Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402

Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3926

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)

Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)

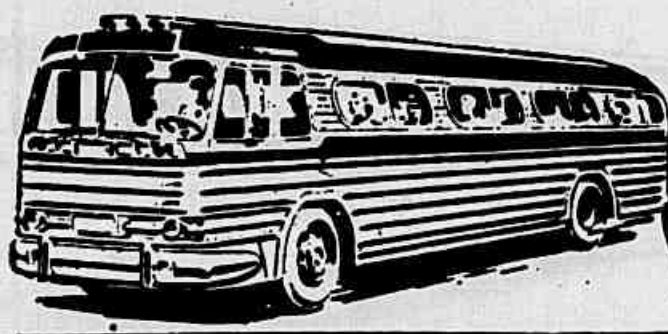
Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)

Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)

Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-2

ARTES

JOSÉ ROBERTO

MARIA NO MUSEU DE ARTE MODERNA

♦ A ESCULTORA Maria Martins está expondo, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, quarenta e duas esculturas, agora desenhos, litografias e gravuras. Mineira, de Campanha, não poderia Maria Martins escapar à atmosfera barroca de sua cidade natal. Em suas esculturas — e só desejamos tratar da escultura de Maria Martins, de vez que mesmo desenhando ou gravando, Maria está sempre, primordialmente, fazendo escultura —, esse clima, acrescentado a uma grande influência surrealista, pode ser facilmente notado. Diante de uma obra de Maria, sentimo-nos tão longe da ordem tradicional, há milênios estabelecida, como o homem atual se crê afastado do de Neanderthal. Aquela ordem está na escultura de Maria, porém, sufocada por novos meios de expressão, por um temperamento bárbaro e violento, próprio de um país jovem como o nosso. Por esse prisma, Maria é brasileira, mais brasileira do que tantos escultores helênicos e pseudo-helênicos que sempre possuímos.

O mundo que Maria fixa, em suas obras, é o dos instintos rudes, o mundo dos sentimentos rudimentares, qual deveria ter sido, no começo dos séculos, quando o homem apenas experimentava, entre maravilhado e temeroso, as suas próprias reações ante os objetos que o cercavam. E o fixa de maneira pessoal, personalíssima, que seria monótona, não fora tão maravilhosa. As esculturas de Maria Martins não são delimitadas pela matéria em que são vasadas: projetam-se pelos espaços, atravessam suas próprias margens, interpenetram-se, fundem-se, emaranham-se em rodopio consciente. Como que tomadas por um torvelinho, são o centro de um movimento rotatório que não parece ter fim.



MARIA MARTINS — Sem Eco
Escultura em Bronze, 1943.

Dois peitos que avançam um para o outro em pontas agudas; um rosto que se desfolha em dedos; dois séres que se atraem em estilhaços — eis alguns dos temas tratados pela escultora brasileira. Denotam uma tentativa de ultrapassar os surrados limites do quotidiano, de ir além da simples aparência das coisas, de penetrar-lhes o mistério, a essência, mesma. Mundo de séres em ebulição, de protosórios e de infusórios de outros planetas. Floresta de todos os materiais, de todas as formas, principalmente as impossíveis. Mundo de Maria. A ela nossa admiração sem limites.

Notas

GRANDE IMPORTANCIA é concedida às Artes Visuais, no quinzenário cultural «Para Todos», fundado por Alvaro Moreira, e que agora Jorge Amado procura soerguer — e oxalá o consiga. No primeiro número Oscar Niemeyer escreve sobre Copacabana, Mário Barata sobre Araújo Porto Alegre, cujo 150º aniversário de nascimento esse ano transcorre, entrevistas de James Amado e de José Guilherme Mendes com Cicilo Matarazzo e com Afonso Eduardo Reidy respectivamente, são estampadas, e ainda existem as seções «Livros de Arte», «Crônica das Exposições», assinadas por Joaquim Cardozo, Vera Tormena, Ibiapaba Martins, Manuel Germano, Daniel de Oliveira, José Geraldo Vieira e Carlos Scliar, e «Notas de Artes Plásticas». Estampam-se igualmente gravuras, vinhetas, ilustrações, reproduções, etc. Quer pela quantidade, quer principalmente pela qualidade, as Artes Visuais não podiam estar melhor, em «Para Todos».

ESTA EXCELENTE a revista «Três Américas», da Varig. Essa publicação de turismo, dirigida pelo experimentado jornalista Nelson Quadros, apresenta em seu número 3, correspondente ao primeiro trimestre do corrente ano, interessantes reportagens, entre as quais uma em que é focalizada a cidade de Salvador, na Bahia, com sua cerâmica e sua arquitetura inconfundíveis.

EM VISITA recente às galerias do Museu Nacional de Belas Artes, acompanhado pelo conservador Elza Ramos Peixoto, tivemos a oportunidade de verificar que a Direção do Museu, dentro de sua acanhadíssima verba anual, vem tomando algumas boas iniciativas de modernização do casarão da Avenida Rio Branco, interessando-se pela iluminação moderna do interior, e dispondo as telas de maneira mais harmônica e didática. É bem verdade que a Seção de Pintura Brasileira ainda se encontra atravancadíssima — pudera não, com os dois imensos calhações «Batalha do Avaí» (de Pedro Américo), e «Batalha dos Guararapes» (de Vitor Meireles), sem contar com a «Primeira Missa no Brasil», também de Vitor Meireles... Com o tempo, acreditamos que outras iniciativas igualmente boas venham a ser tomadas pelo senhor Osvaldo Teixeira e por seus auxiliares. É preciso convir que com duzentos ou trezentos mil cruzeiros anuais não se pode esperar milagres de uma administração. Em matéria de aquisições, por exemplo, nada se pode fazer com tão pouca verba. E como a moda, presentemente, é os ricos presentearem o Museu de Arte de São Paulo, ou o de Arte Moderna do Rio de Janeiro, já vemos que o Museu Nacional de Belas Artes — que é bem mais rico do que muito criticadinho de arte possa supor sem lá ter pôsto os pés — tem de contentar-se, mesmo, com aquilo que já possui...



José Geraldo Vieira

Crítico de «Para Todos»



Darel

O que é, afinal, litografia?



Nelson Quadros

Diretor de «3 Américas»

A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

A ADMIRÁVEL OBRA DE TEÓFILO OTONI NO VALE DO MUCURI

EDUARDO TOURINHO

Na forma de ocupação da terra, na caça ao índio e na corrida ao ouro estão as causas da dispersiva colonização do Brasil. Não se processou do litoral para o sertão o sistemático avanço dos conquistadores, mas — ao sabor das circunstâncias — a formação, aqui e ali, de núcleos semi-civilizados que se tornaram povoados, engenhos e fazendas. O fato influíu na delimitação das antigas províncias — umas imensas e outras minguadas — e na baixa cifra da população em face da grandeza territorial do país.

A migração alemã iniciou-se sob D. João VI, em 1818, nas colônias de Leopoldina e de São Jorge dos Ilhéus — na Bahia. No ano seguinte, com alemães e suíços a quem o governo deu terras para cultivar, nasceu a de Nova Friburgo. Em 1820, finalmente, uma lei concedeu áreas e viagem custeada pelo Estado aos alemães católicos que quisessem estabelecer-se no Brasil.

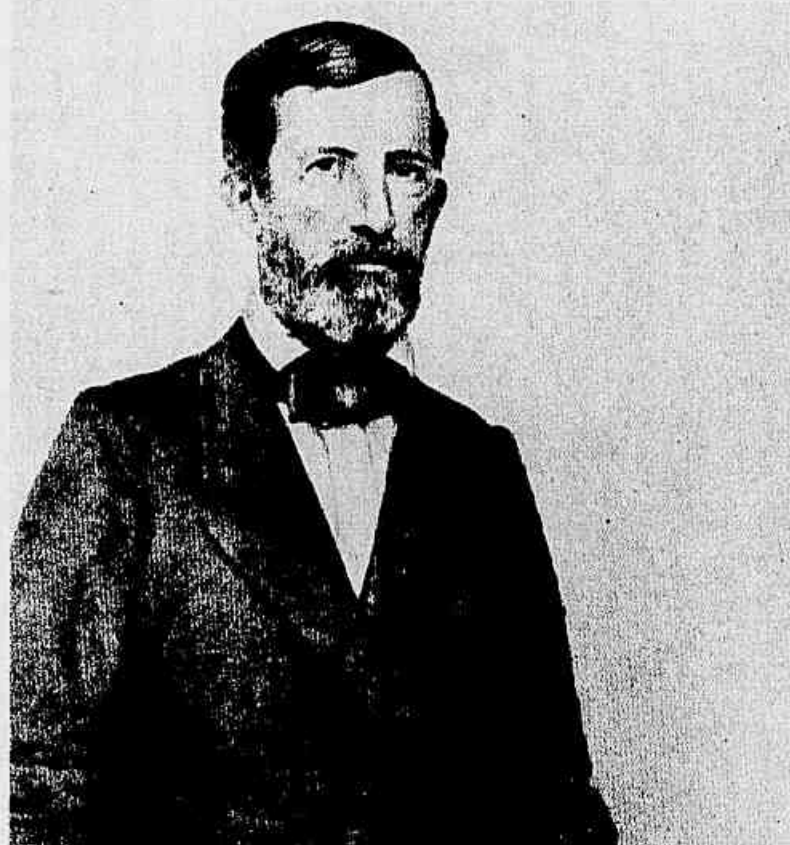
De 1824 a 1830, Pedro I fez com que viessem da Alemanha e da Irlanda colonos e soldados. Assim, em 1829 formaram-se — em São Paulo — as colônias de Santo Amaro e de Itapicirica. No Paraná, a do Rio Negro. Em Santa Catarina, a de Itajaí e a de São Pedro de Alcântara. No Rio Grande do Sul (1824-25), as de São Leopoldo, Três Forquilhas. Doação de terras e auxílios pecuniários foram concedidos aos colonizadores.

Mas a 15 de dezembro de 1830 foram vedadas, por lei, quaisquer despesas com imigração. Dessa forma, somente em 1834 iniciou-se o que se pode considerar o segundo período da colonização. O Ato Adicional à Constituição permitiu aos governos provinciais «promover e estimular, em colaboração com o poder central, o estabelecimento de colônias» em diferentes pontos do país. De 1835 data a de Itajaí-Pequeno, em Santa Catarina. De 1846 é a de Petrópolis. Os alemães acorreram ao Brasil. Assim é que em 1855 como registra Handelman na HISTÓRIA — das oitenta e sete colônias aqui existentes, cinquenta e quatro eram de alemães-suíços. Na Bahia, contavam-se duas; entre o Estado do Rio e Minas Gerais, onze; em São Paulo, vinte e cinco; no Paraná, uma; no Rio Grande do Sul, cinco.

Em 1847, a idéia de um porto marítimo para escoamento da produção do norte de Minas — abrangendo as comarcas de Jequitinhonha — empolga Teófilo Otoni. Era a colonização do vale do Mucuri, equivalente a rio dos gambás na *lingua brasileira*. Quatro anos depois, desgostoso da política, resigna o mandato de deputado e, de corpo e alma, entrega-se ao grande empreendimento. Antes, o governo provincial ali pretendia estabelecer uma colônia para criminosos e vagabundos. O engenheiro Pedro Vitor Renault realizara, comissionado, estudos na região. De Minas Novas e através da selva, descera o rio em busca de uma saída para o litoral.

Em 1847 formou Teófilo Otoni a Companhia do Mucuri. Para sede da colônia, obtem do governo imperial uma área de dez léguas contra a obrigação de promover a navegação do rio e abrir estradas para Minas Novas e Diamantina. E' quando, em canoas, passa por São José de Porto Alegre — na foz do Mucuri — e inspeciona as circunvizinhanças.

Em 1853 funda Filadélfia, cuja rua principal é rasgada pelo engenheiro Sehlobadz. Quatro anos mais tarde, está aberta a primeira estrada de rodagem brasileira — entre Santa Clara e Filadélfia — com cento e setenta léguas de ex-



Teófilo Otoni

tensão. Por essa estrada foi Teófilo Otoni à nova povoação — Filadélfia — onde já se erguiam a igreja de Nossa Senhora da Conceição, armazéns para a Companhia e casas para o pessoal. A rodovia ligando o povoado ao mar começava em Santa Clara, quase na foz do rio Mucuri. Rasgara-se através da mata espessa povoada de bugres que Otoni sempre protegeu e que — pelas luvas brancas que ele usava para livrar-se dos mosquitos — conheciam-no como o *Pagurum*.

Em 1857 aventava-se a criação de uma província. Abrangeria Caravelas — na Bahia — e Jequitinhonha, Sêro e São Francisco — em Minas — além de São Mateus, no Espírito Santo... No ano seguinte a Companhia do Mucuri inicia a colonização propriamente dita. Encaminha às selvas alemães, suíços, franceses, chineses e numerosos brasileiros, sobretudo do norte de Minas. No fim do período tem Filadélfia milhares de habitantes. E — verdadeiro *melting-pot* — conta com cinco mil almas no ano de 1858.

Nas terras marginais ao rio — que encerravam incalculáveis riquezas — colônias medraram: Santa Clara, Urucu, Santa Ana, São Jacinto, Santo Antônio, São Benedito. Na de Urucu um quartel foi construído para alojamento da tropa incumbida de proteger os habitantes contra a sanha do indígena.

Desbravadas por brasileiros — brancos, índios e negros — as florestas regionais, Teófilo Otoni — em 1853 — contratou com Schlobach & Morgenstern, de Leipzig, a vinda de dois mil agricultores. Eles — suíços e alemães — chegaram a Filadélfia dois anos mais tarde. Assim, em 58 a Companhia localizara na zona do vale mais de mil europeus.

Não tardaram, entretanto, mal-entendidos e distúrbios provocados pela inadaptação desses civilizados àquele rincão bravo infestado de hordas selvagens. Muitos dos alemães vindos não eram trabalhadores rurais mas, sim, moradores das cidades. Protestos e recriminações sucediam-se ininterruptamente...

Criada nesse ano de 58, na Corte, a Associação Central de Colonização, a ela recorreu Otoni. E' quando ocorre a primeira revolta de belgas e holandeses. Um clima de confusão envolve a colônia... Mas novas levas de imigran-

tes — nem sempre aptos a trabalhos de tal ordem — à colônia chegam. Aumenta a confusão e tais desordens repercutem na Corte. Explorando-as desfavoravelmente, a política emprestada extraordinária importância. Para maior desdita, epidemias castigam aqueles sítios desprovidos de recursos. Visitando o vale do Mucuri, o dr. Laleman instiga os colonos à rebelião e à fuga... No Rio, tudo é descrito em negras cores e na REVUE DES DEUX MONDES Eliseu Reclus publica um artigo que Augusto de Carvalho — em O BRAZIL, Colonização e Emigração (Porto, 1876) — taxa de apaixonado, inábil e injusto.

Observadores do governo visitam a região e atestam os esforços da Companhia na proteção dos colonos. Num relatório detalhado, Herman Haupt vê o malôgro do empreendimento em admitir-se que «uma colônia podia desenvolver-se por si mesma sem mercados próximos». Mas acha que Teófilo Otoni não agira por subalternos interesses. Que ele «tinha por certo vistas mais puras; seu desejo foi a prosperidade dos colonos». E afirma que a vinda de gente sem moral originara as deploráveis cenas de 1856.

Mas a colonização prosperou. Muitos estrangeiros adaptaram-se ao novo «habitat». A Companhia do Mucuri — abandonada dos poderes públicos e perseguida pelas paixões políticas — entra em colapso financeiro. Um empréstimo obtido em Londres sob garantia do Estado, foi confiscado pelo governo. Em 1860, a encampação da empresa é debatida no Senado. O grande Otoni reage sempre... A 20 de setembro desse ano, porém, os acionistas capitulam e autorizam o fundador a aceitar a encampação.

Comunicando a resolução ao ministro Almeida Pereira, escreveu Teófilo Otoni não desejar que seus interesses financeiros embaraçassem a operação. E declarava: — «A indenização que me é devida (Art. 22 dos Estatutos da Companhia) não deve prejudicar nem retardar a solução do caso, porque acerca do meu direito louvar-me-ei no que deliberar o Conselho de Estado, protestando desde já nada reclamar se me fôr contrária sua decisão». E no RELATÓRIO que, então, publicou, traçou as diferentes fases da vida da Companhia.

Vencendo todas as adversidades, Filadélfia — que deveria ser a capital da nova província idealizada — expandiu-se e floresceu. Em 1857 tornara-se distrito e freguesia da comarca de Minas Novas. Pelo decreto de 1876 ficaram emancipadas as colônias do Mucuri: Santa Clara, Urucu, Santa Ana, São Jacinto, Santo Antônio, Santa Maria, São Benedito. Em 1878 o governo mineiro criou o município de Filadélfia, que se torna a cidade de Teófilo Otoni. Depois, é município que — anos atrás — era maior do que Sergipe. Em terras ubérrimas, progride sempre. Sua economia repousa no café, cujas primeiras mudas para lá foram levadas, em 1853, pelo benemérito Teófilo Otoni. E, também, em madeiras de lei e pedras semi-preciosas.

Hoje a cidade de Teófilo Otoni está ligada a Caravelas através da E.F. Bahia e Minas. Cosmopolita, liberal e acolhedora, cresce e opulenta-se. A longa história da região espelha-se na excelente obra de Paulo Pinheiro Chagas: TEÓFILO OTONI — MINISTRO DO POVO. E quem hoje visita a cidade e atravessa a região não foge à evocação dos tempos bárbaros dos sertões do Mucuri — o rio dos gambás dos indígenas — nem pode furtar-se a um sentimento de admiração pelo homem abnegado que empreendeu a hercúlea obra colonizadora do Mucuri: o grande Teófilo Otoni.

Por esse mundo de Deus



ESSA PEQUENA aerodinâmica e supersônica chama-se Georgio Paulos, é descendente de gregos e tem 19 anos. Foi eleita Miss Connecticut, e será páreo duro para as demais beladades concorrentes ao título de Miss Universo 1956.

UM SEGREDINHO contado ao ouvido de Anne Francis, ou a última piada do papagaio?... A atriz, de qualquer modo, diverte-se a valer com o Leo VI — aquele que, nos filmes da Metro, ruga 3 ou 4 vezes antes que a gente durma...



«MERENGUE» é o nome de uma nova dança, recentemente introduzida nos cabarés de Paris, por esse casal de bailarinos: Rita Renoir — uma legítima bomba atômica — e seu felizarido companheiro, o fantasista Georges Guétary.



O AUTOMÓVEL de Cugat enguiçou, e o conhecido chefe de orquestra cubano não conversou: fêz apelar a mulher, Abbie Lane, e juntamente com ela, empurrou o bichinho até ao posto de gasolina próximo. Foi nos «States», há um mês.



MELHORAMENTO considerável nos modelos de bicicleta, essa roda imensa, que está sendo exibida por essa pequena também considerável. Proporciona grande velocidade. A roda, explicamos. E' ou não interessante? (A garôta, ora!)



MARYLIN MONROE estava passeando, deu uma queda, foi no chão. Como vemos, acudiu esse cavaleiro, rápido, de chapéu na mão (Cantiga de roda século XX).

A CIDADE de San Fratello, na Sicília, é célebre pelas suas representações sacras. Eis um figurante da Procissão dos «Flagellanti».



TODO «Capotado», eis o cantor Johnie Ray, após seis horas de combate contra seus ardorosos lábios, no aeroporto de Sidney, Austrália.



ESSE MORDOMO inglês não é inglês, nem mordomo: é Daniel Rops, novo membro da Academia Francesa. Por nós, preferimos o cômico Bob Hope.

FALA A EXPERIÊNCIA DE HOLLYWOOD:

TALENTO É BOM MAS ACOMPANHADO DE

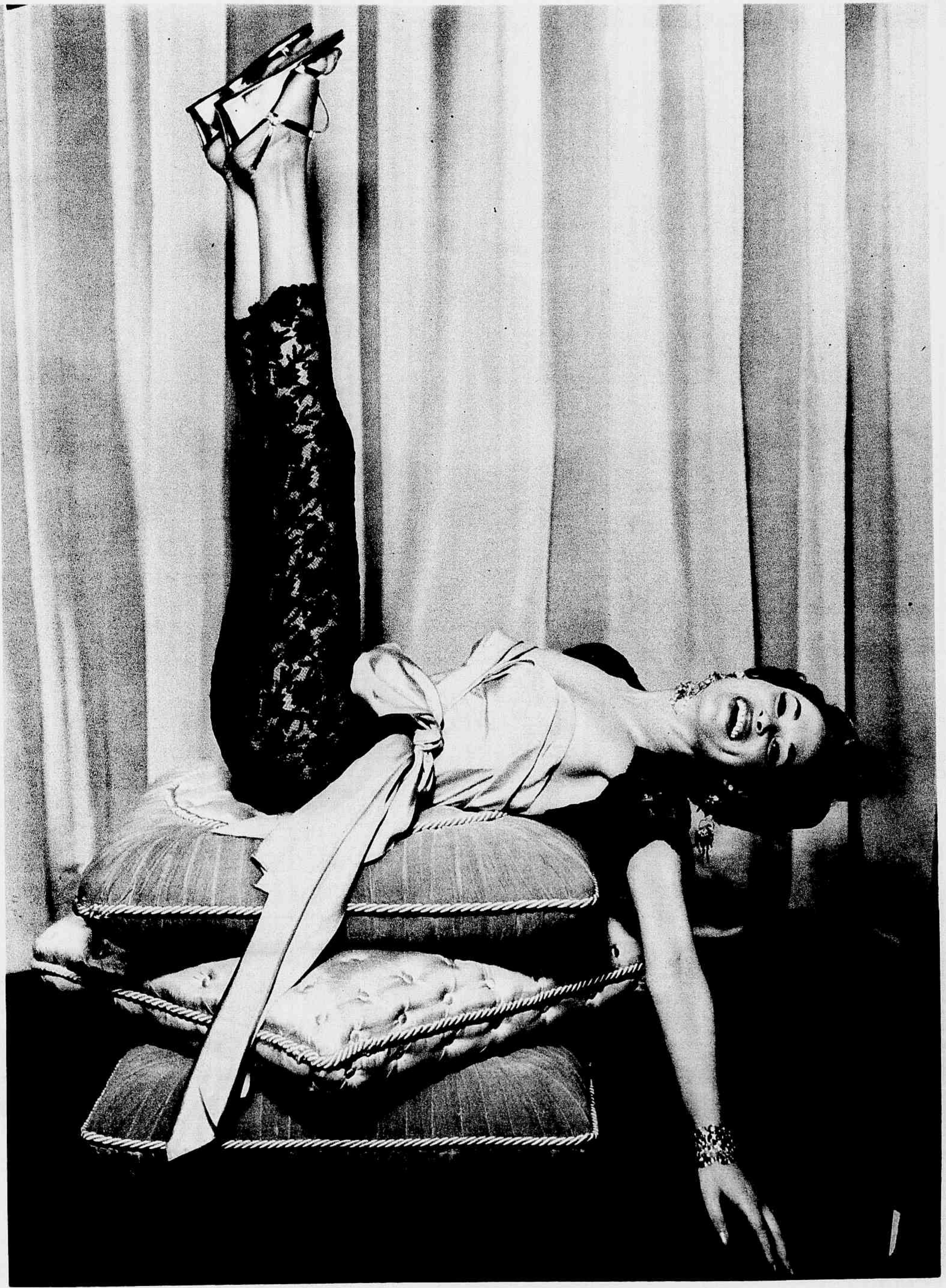


Lita Baron (esquerda) fazia parte da orquestra Xavier Cugat. Suas boas qualidades levaram-na a Hollywood onde agora estreia. - Sheere North (acima) é das que têm talento até nas pernas. - Cid Charisse (à direita) pode também ser incluída entre as novas e «talentosas» da cidade do cinema

◆ Enquanto o moderno cinema europeu firmou o seu conceito no realismo ou no surrealismo de suas produções, abolindo a arcaica preocupação de sistematicamente explorar os temas em que dominavam os casos sentimentais — e com isso parece não se ter dado mal — o norte-americano garante que o público, seja qual for e em que época for, não prescinde do fator «sex».

E argumenta, para defender seu ponto de vista, que nem os italianos nem os franceses abrem mão das mulheres bonitas: lá está o busto Lollobrigida, de par com o de Sophia Loren, para citar apenas dois de maior evidência. Dos franceses, dispensam-se citações porque mesmo nos temas do mais alto sentido realista, a contribuição feminina de aspecto provocante, jamais foi abolida. O que há, de parte dos produtores latinos, é uma

"SEX"



"SEX"



Mammie Van Doren (também na capa deste número), foi considerada a substituta legal — ou sócia de Marilyn Monroe. Que diz você?



compreensão de bem ajustar os dois predicados que tanto entusiasmam as platéias: o da mulher com o de uma boa história realista. Mas o que vem a ser realismo, na concepção dos europeus? Porventura representará o mesmo que para os norte-americanos? Em princípio, sim; fundamentalmente, não. O que se faz sentir no cinema do velho mundo, é uma elasticidade mais acentuada; isso equivale a dizer que em um filme italiano ou europeu, o conflito sexual vai sempre muito além do que acontece no filme americano. O primeiro não atende às imposições de qualquer entidade de princípios moralistas, julgando por conta própria e estabelecendo por si mesmo as fronteiras do que pode ou não ser mostrado à platéia. E com isso o produtor europeu acredita estar conquistando melhor o seu público. Já em relação ao americano, essa fronteira fica muito aquém: há sempre a preocupação de não ultrapassar certos limites, os beijos são medidos, os «tabus» (passagens que não devem ser expostas aos olhos do público) são em maior número, e a concepção do decôro é diferente. Em «O Pecado Mora ao Lado», recentemente exibido, Marilyn Monroe tem o vestido levantado pela ventania do subsólo, mas quando aparecem os joelhos da «estrela», faz-se o corte. Afirma-se que primitivamente o filme mostrava as pernas até muita mais acima. Não foi permitida a exibição com a metragem total e a tesoura funcionou. Talvez não funcionasse, tratando-se de um filme italiano ou francês.

Mesmo veterana, Lana Turner conserva predicados físicos que a incluem entre o «material novo». Seu talento em ambos os aspectos mantém-lhe o cartaz. Mas quem maior soma de atributos possui, é — ou não é? — Marilyn Monroe.



"SEX"



Você não as conhece de nome. Elas chamam-se respectivamente Mara Corday e Martha Hayer e pertencem à última safra. Disse Louelle Parson que a primeira vai ofuscar muitos nomes já hoje bastante famosos. Terá sido realmente o talento ou a «linha» o que motivou a presente profecia?

A palavra oficial — e experimentada, no fim de contas — de Hollywood, em relação ao assunto, é esta:

— Reconhecemos que o talento é um fator imprescindível para qualquer artista vencer e procuramos aproveitar, sempre, aqueles que o têm. Mas não abrimos mão do resto, e o resto nesse caso quer dizer «sex-appeal». Temos experiência bastante para sentir o que o público prefere, em todo o mundo, e procuramos fazer filmes que em média agradem à maioria. Somos uma indústria, que produz com regularidade e

não abusamos das experiências. Acreditamos na evolução do gosto das platéias, procurando servi-las sempre e cada vez melhor. Mas nada nos leva a abolir esse princípio: Talento feminino sem «sex-appeal», só excepcionalmente satisfaz às multidões para as quais se destinam os nossos filmes...

Por isso é que as novas revelações de Hollywood, algumas incluídas nesta página, são, como se vê, manifestações legítimas de «sex» bem feminino... E alguém torcerá o nariz? (Fotos UNIVERSAL-FOX).

PROGRAMAÇÃO MATUTINA

SPECTATOR

● Por diversas vezes temos acentuado em nossos comentários a necessidade de uma constante renovação na programação de TV, criando-se novos programas ou renovando aqueles que já são exibidos há longo tempo. Todas as novas iniciativas relacionadas a qualquer setor nesse campo, seja a criação de novos concursos, programas especializados em determinados temas, etc., devem ser incentivados para que, com o aperfeiçoamento dessas idéias, venham a conseguir cada vez maior êxito. A TV-Tupi vem de lançar uma novidade nas suas atividades, presenteando os telespectadores, diariamente, com duas horas de transmissões matutinas, de 7,30 às 9,30 horas.

Nada é mais agradável ao espectador do que iniciar o dia tendo conhecimento dos principais acontecimentos e manchetes dos matutinos, comentados e narrados com bastante precisão e ilustrados por interessantes filmagens. Fernando Garcia, Hilton Gomes e outros dos bons locutores da TV-Tupi concorrem em muito para o sucesso desse telejornal.

Aulas de educação física, ministradas separadamente para homens e senhoras, o que é muito louvável visto haver necessidade de exercícios completamente diferentes e especializados para cada sexo, também são apresentadas três vezes por semana, aos entusiastas da cultura física. Certamente as audições desse tipo transmitidas pelo rádio vão perder alguns dos seus ouvintes (aqueles que possuem aparelhos de TV), aos quais recomendamos assistir a esses exercícios e acompanhá-los, agora com a vantagem de não só ouvir as explicações dadas pelo professor como ver todos os movimentos através do vídeo.

Documentários e outras apresentações de curta duração completam essas duas horas diárias, dedicadas aos que, em casa, preparam-se para o trabalho do dia. Os espectadores que não podem assistir às exibições noturnas por estarem ligados a tarefas executadas a essa hora, terão nesses programas matutinos uma boa distração e cada vez melhor, uma vez que todas essas exibições serão ampliadas, segundo dizem os seus organizadores e estarão sempre passando por renovações.

Está de parabéns, pois, a TV-Tupi, com mais essa interessante iniciativa. Fazemos votos para que o êxito dessas transmissões seja cada vez maior, para que elas possam ser mantidas, o que aliás já vem acontecendo com as atrações matutinas, apresentadas por essa emissora aos domingos e dedicadas principalmente às crianças. Inovações como essas são sempre de grande valia; os espectadores aguardam com ansiedade as novidades que lhes estão sendo prometidas.



Décio Luis, locutor da TV-Tupi, narrando um dos tele-jornais dessa emissora.

GRAU DEZ:

Para a orquestra do maestro Severino Araújo, que vem atuando na TV-Rio com grande sucesso, acompanhando Angela Maria nas suas apresentações através do Canal 13 e concorrendo em muito para o êxito da cantora.

Contando com a colaboração de ótimas orquestras, como a de Osvaldo Borba, que vem se exibindo desde o início das transmissões da emissora de Copacabana e agora com as audições de Severino Araújo, a TV-Rio terá oportunidade de organizar ótimos «shows» musicados.

... Para o «Teatrinho TV», que o Canal 6 exibe aos sábados e que acompanha de perto os demais êxitos teatrais encenados pela TV-Tupi. Lídia Matos, Alberto Perez, Simone Moraes e Lourdes Mayer são alguns dos elementos que mais têm se distinguido através de ótimas apresentações nesse teatrinho.

... Para a TV-Rio, que em uma série de programas que tratam de assuntos criminais e de justiça, desperta a atenção dos tevendoos que apreciam esses temas, mas, sem lançar mão do recurso de encenar peças policiais, o que não mais constituiria novidade.

Através de entrevistas com elementos de destaque da justiça e por vezes mesmo ouvindo alguns infratores da lei e tendo conhecimento do seu arrependimento após a prática de delitos, os organizadores do programa conseguem informar com precisão ao público interessado em assuntos policiais e sempre levam aos lares algumas palavras de advertência a respeito da inutilidade da prática do crime.

Deve ser louvada, principalmente, a maneira correta e discreta por que tais apresentações são feitas.



Carequinha, em «Viva o Circo», continua distraindo aos pequenos tevendoos do Canal 13.

VAMOS MELHORAR?

Acontecem coisas curiosas durante as transmissões das nossas emissoras de TV; os defeitos e interrupções são frequentes e, mesmo quando os programas são exibidos continuamente, em geral a deformação das imagens concorre para prejudicá-las.

Na TV-Rio, quase sempre as imagens parecem bastante alongadas e, quando o tevendo aborrecido, liga o seu receptor para o Canal 6, nota que aí as coisas se passam exatamente ao contrário: todos os que se exibem ante às câmaras aparecem aos seus olhos baixinhos e atarracados e, se o astro, estrêla ou locutor é de pequena estatura, a coisa torna-se mesmo cômica.

Por quanto tempo ainda o aparelhamento técnico dessas emissoras permanecerá com tais deficiências?

Virgínia Lane representa uma das atrações que por mais tempo tem se exibido através da TV-Tupi. Talvez devido a essa série quase ininterrupta de apresentações, a vedeta já tenha cansado aos espectadores.

Os números apresentados pela estrêla repetem-se com frequência e são prejudicados pela maneira bastante deficiente por que Virgínia os interpreta.

Em geral, são bastante fracos os «shows» apresentados às quintas-feiras e elementos de valor como Grande Otelo são desperdiçados aparecendo em pequenas cenas, completamente destituídas de graça ou originalidade.

Por que não fazer uma completa modificação nessas apresentações: dar a Grande Otelo a oportunidade de mostrar os seus dotes artísticos, exibir Virgínia Lane apenas dançando entre as suas «girls» e contratar uma cantora ou abolir os números de canto?

O professor Mário Mascarenhas e um grupo das suas alunas das mais diversas idades, semanalmente exibem-se no Canal 6. Tendo voltado a haver bom entendimento entre o professor e a esposa, em uma das últimas semanas Conchita reapareceu no programa dançando de maneira sem graça, executando uma série de movimentos bruscos, em pleno desacôrdo com o ritmo que a acompanhava e cantando de modo incrivelmente desafinado.

O programa foi dos mais fracos e não conseguiram torná-lo mais atraente: nem as alunas de Mascarenhas, algumas também dançando de maneira bastante sem graça, nem os números de dança e acordeão executados por um grupo de crianças.

HORAS DE DESESPÊRO

ASSIM que Dan Hilliard entrou em casa, Glenn perguntou-lhe pelo dinheiro. Eleanor, que ouvira os passos do marido atravessando a varanda da frente de casa, chegou à sacada. Dan, porém, disse-lhe que voltasse para seu quarto de dormir, e trancasse a porta. E foi o que ela fez, não sem relutância.

Novamente Glenn pediu o dinheiro a Dan, que tentou contemporizar, dizendo que o tinha esquecido na mala do carro. Glenn olhou de modo muito significativo para Kobish, que levantou, com um sorriso irônico nos lábios, sua arma para Dan.

Com uma das mãos, Glenn tirou do bolso interno do casaco de Dan o envelope contendo o dinheiro há tanto aguardado, e estava a fazer

algumas ironias com o pai de família, quando seus dedos tocaram a coronha fria do revólver que Dan tinha recebido das mãos de Jesse. Kobish, que tão logo vira o dinheiro, e como ainda estivesse com a arma em seu poder, deixou-se embalar pelo velho sentimento de ódio contra Glenn, disse então, em voz cheia de cólera:

— Agora vamos saldar aquela...

Não chegou a acabar a frase, porque Glenn, sacando com rapidez a arma do bolso de Dan, ergueu-a contra o grandalhão, e perguntou-lhe:

— Saldar aquela o que?...

No rosto estúpido de Kobish a surpresa se desenhava nitidamente. Glenn, ao mesmo tempo, sem lhe dar tempo para maiores raciocínios, passou-lhe uma descompostura em regra, afir-

mando-lhe que ou saíam juntos daquela empresa, ou não sairiam, de vez que um só não conseguiria nunca fugir à polícia de todo o Estado.

— Queres colaborar comigo, ou preferes morrer, agora mesmo?

Kobish, que se transformara rapidamente em uma criança retardada mas inofensiva, fez que sim com a cabeça. Glenn passou-lhe então algumas das notas recebidas, que Kobish meteu avidamente no bolso. Só então Glenn olhou para Dan.

— Então, pensando que me enganava, não? Quem lhe meteu na cabeça essa idéia de trazer um revólver no bolso? Agora a culpa é sua, se o levamos em nossa «agradável» companhia. Foi você mesmo quem teve a culpa, depois não vá se queixar... E, como gosto muito da vida familiar, vou levar também Eleanor e o garoto conosco. Que acha dessa excursão que lhe proponho.

— És um canalha, Glenn.

— Vou buscar os dois ratos lá em cima, enquanto tu, Kobish, tomas conta desse espartilho aqui.

Glenn subiu, e pouco depois se ouviam as pancadas na porta cerrada por dentro do dormitório de Eleanor.

Lá em baixo, Dan, aproveitando-se da situação, afirmou a seu guardião que, com aquele barulho todo que o outro estava fazendo lá no quarto de dormir, esmurando a porta com mãos e pés, certamente alguém viria até à casa dele. Dan, a fim de ver do que se tratava. Até já escutara alguns passos lá fora. Era bom que Kobish averiguasse. Podia até ser a polícia.

Ao ouvir falar na polícia, Kobish não pôde mais suportar a tensão que o assaltara desde a fuga da penitenciária, e dirigindo-se imprudentemente para a porta da frente, escancarou-a de par a par e de revólver em riste gritou com toda a força:

— Vocês, da polícia, apareçam logo! Vamos ver quem é mais homem, se eu ou vocês!

Rápido como um raio, Dan atirou-se com força contra a porta da frente, batendo com ela no braço de Kobish, o qual, soltando um urro de dor, largou seu revólver, que caiu ao chão. Num átimo, Dan abaixou-se e o apanhou, e, sem dar tempo a Kobish para reagir, retrocedeu às pressas e bateu com a porta, trancando-a e deixando o grandalhão do lado de fora. Imediatamente, luzes de dezenas de lanternas incidiram sobre Kobish. O bandido levantou-se e tentou fugir, saindo em desabalada carreira, mas uma rajada de metralhadora cedo o prostrou por terra, dessa vez definitivamente.

Naquele mesmo momento, Glenn conseguiu abrir afinal a porta. Eleanor e Ralphie, atraídos pelo barulho da metralhadora, tinham corrido para a varanda do quarto. O primeiro impulso de Eleanor fôra correr para o lado onde se encontrava Dan.

— Ralphie!

Dan, porém, lhe disse que tivesse calma, porque ele iria logo para ajudar o menino.

— Fuja para onde estão os policiais. Eu levarei Ralphie depois.

Eleanor hesitou, mas a voz do marido era tão incisiva, que ela terminou por aceder.

Quando Dan começou a subir as escadas, Glenn vinha descendo. Trazia como escudo o



JUNTOS NOVAMENTE, após tantas horas de angústia: Dan, Eleanor, Cindy e Ralphie. A paz volta, agora, a reinar no lar dos Hilliard.

(THE DESPERATE HOURS)

CAPITULO IX

Glenn Griffin HUMPHREY BOGART
Hal Griffin DEWEY MARTIN
Sam Kobish ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard FREDRIC MARCH
Eleanor MARTHA SCOTT
Cindy MARY MURPHY
Ralphie RICHARD EYER
Chuck Wilson GIG YOUNG
Jesse Bard ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — Noveliza-
ção de GIULIO ANFUSO — Direção de WIL-
LIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Por dois dias os Hilliard — pai, mãe e dois filhos — ficaram presos, sob custódia, em sua própria casa, pelos três perigosos bandidos que, fugitivos da Prisão Estadual, puseram em polvorosa a polícia de extensa região nos Estados Unidos. Glenn, chefe dos bandidos esperava certa importância em dinheiro, que lhe seria remetida em nome do dono da casa, Dan Hilliard. Um dos meliantes, Hal, irmão de Glenn, é morto pela polícia, em circunstâncias dramáticas. A polícia, aliás, tendo o comissário Jesse Bard à frente, já localizou os criminosos, cercando a casa de Dan quando esse tinha ido justamente buscar, em seu escritório, o dinheiro que acabara de chegar. Dan Hilliard, ao voltar para seu lar, encontra-o cercado de policiais. Implora, quase, a Jesse Bard, que afinal consente que entre, por dez minutos, a fim de tentar salvar Eleanor e Ralphie (os únicos membros da família que continuam em poder dos criminosos, de vez que a filha, Cindy, já escapou em companhia de Chuck, seu noivo) da possível ira de Kobish e de Glenn.

GLENN, NUM derradeiro esforço, arremessa sua arma vazia contra o foco de luz. Minutos depois, tombava, crivado de balas da polícia.

menino Ralphie, com o revólver apontado para a cabeça do garoto.

Dan sabia que o revólver que Glenn envergava estava descarregado, mas Ralphie ficaria convencido? O bandido, com a criança à frente, continuava descendo a escada:

— Vamos logo, fedelho, senão eu te estouro os miolos!

Da outra extremidade da sala, Dan, com o revólver de Kobish na mão, falou para o filho:

— Ralphie, faça exatamente o que eu lhe disser. Esse homem não pode feri-lo, meu filho

— Se tu deres um passo mais apressado, fedelho, eu te mato.

— Ralphie, faça o que lhe digo. Esse homem não pode feri-lo de maneira alguma.

Súbitamente, Dan ordenou:

— Corra, corra meu filho!

Aterrorizado, mas obediente, Ralphie desatou a correr. O bandido, soltando uma praga, empunhou a arma, e puxou o gatilho, furiosamente. Mas somente um «clac» seco obteve resposta. Entremetidos, Dan ordenava ao filho que corresse para a porta dos fundos...

Cheio de ódio, Glenn lançou a arma contra Dan, tentando feri-lo, mas sem resultado. O revólver, errando o alvo, foi bater na parede e depois tombou ao solo. Glenn estava agora inteiramente à mercê de Dan, que de pistola em punho, olhava-o rancorosamente, encurralado a um canto da sala.

— Você ganhou, Dan. Pode disparar, por que não o faz?

— Cale-se, seu patife. Antes, desejo contar o fim que teve seu irmão Hal. Ele está morto, crivado de balas. E não foi a polícia que o matou: foi VOCÊ. Como é que você se sente, após esse ato glorioso?

A mão de Dan crispou-se violentamente sobre o corpo do revólver, ao mesmo tempo em que Hilliard sentia que não podia mais se controlar. Aquêle homem, e seus companheiros, martirizaram por dois dias que pareceram meses os entes a quem Dan mais adorava no mundo; aterrorizaram seus filhos, humilharam-nos, espancaram. Tinham introduzido a dor e a violência naquela casa onde era tudo paz e felicidade. Por que então hesitava Dan, no momento de puxar o gatilho?

Simplesmente porque não era igual a Glenn Griffin. Ali morava ele, Dan Hilliard, com sua esposa e seus filhos; ali era sua casa, a casa que deixaria a seus filhos e aos filhos de seus filhos. E lá fora, sua esposa e seus filhos estavam a esperar por ele, não o matador, mesmo que com razão, de Glenn, mas o chefe de família exemplar. Não, Dan não tinha o direito de matar ninguém, nem mesmo Glenn. Ergueu o revólver à altura do rosto do bandido e gritou para ele:

— Retire-se! Retire-se de minha casa!

Como Glenn hesitasse em retirar-se, Dan deu-lhe um violento safanão, que o atirou por terra. A mão de Glenn, tateando o chão, afortunadamente deu com a arma vazia. Estava vazia, mas sempre era melhor do que nada. Empunhou-a num último assomo de audácia, e com ela atrevidamente apontada para a frente, saiu pela porta da frente. Assim que foi visto, a voz de Jesse Bard, mediante um alto-falante, fez-se ouvir com intensidade, enquanto as luzes de várias lanternas iluminavam o vulto do bandido:

— Griffin, levante as mãos e venha na direção da luz.
(Cont. na página 58)



SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 28 DE MAIO E 1º DE JUNHO DE 1958
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — O clima dos astros está tomando uma feição desfavorável aos interesses do leitor. Na semana entrante essa feição será ainda mais severa. O melhor, no seu caso, é a omissão, especialmente no campo da política.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Não especule nem tente o jogo. O novo período não lhe favorecerá os negócios. No terreno sentimental, igualmente, o leitor não terá a menor «chance». Pelo contrário.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — O leitor terá uma semana propícia à realização dos seus desejos. Os três últimos dias de maio serão excepcionais, em tal sentido. Exteriorize-se um pouco e tente avançar o sinal. Não haverá decepção.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — A semana em pauta dará ao leitor o máximo de rendimento e as melhores oportunidades para reconciliações e reconquista das posições perdidas. Haverá um forte conjunto de circunstâncias militando do seu lado.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — O influxo astral cairá em cheio na segunda casa do seu horóscopo, possibilitando-lhe, assim, os recursos financeiros de que tiver necessidades. Sua chance será muito maior nos dias 27 e 29 do mês em curso.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Sua posição, em face das influências astrais, não se modificará no curso da semana em pauta. Repetimos, aqui, portanto, as advertências feitas para a semana anterior, principalmente no que toca à vida sentimental.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — A semana decorrerá sem movimentação e sem interesse. O novo período será falho de acontecimentos, não terá relevo. Aproveite a oportunidade para pôr em ordem as suas idéias, preparando-se, assim, para o «entrever» que vem por aí. Depois da bonança...
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Os negócios de certa importância não deverão ser ultimados nos dias 26, 28 ou 29. O leitor sofrerá a ação dissonante de Uranus, predispondo-se, assim, muito mal para as soluções que tiverem de ser adotadas. Espere mais alguns dias e terá sua oportunidade.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Uma modificação de certa importância poderá verificar-se, no decorrer da semana, na sua situação profissional. O que vier felizmente, será para melhor. Tente alguma coisa nos três últimos dias da semana.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — O influxo planetário da semana favorecerá as demandas em todos os setores e especialmente no judiciário. Suas razões serão aceitas e bem acolhidas as medidas solicitadas.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — As mudanças e as inovações não se aconselharão no decorrer da semana em causa. Não saia do habitual, evitando, assim, prejuízos certos. Os dias mais carregados da semana serão 26, 28 e 31.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — A nova semana lhe dará um clima propício à vida doméstica e às relações sociais. O leitor se sentirá bem disposto e apto a conseguir relações em círculos de maior expressão. Essas coisas lhe serão proveitosas no futuro.

OS NOMES DA SEMANA

Maio, 28	—	Sertório	—	Evelina.
" 27	—	Eugênio	—	Iza.
" 26	—	Apelônio	—	Iona.
" 25	—	Demócrito	—	Adélia.
" 30	—	Otávio	—	Elia.
" 31	—	Agripino	—	Fédora.
Junho, 1º	—	Jônatas	—	Normália.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Maio, 28	5º	11'	28"	(Signo dos Gêmeos)
" 27	6º	9'	11"	" " "
" 26	7º	6'	44"	" " "
" 25	8º	4'	16"	" " "
" 30	9º	1'	46"	" " "
" 31	9º	59'	1"	" " "
Junho 1º	10º	56'	46"	" " "

A qualquer hora
do dia
ou da noite
a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

NA MELHOR LOCALIZAÇÃO DE SÃO PAULO

O MELHOR LOTEAMENTO DO BRASIL



ATIBAIA

RESIDÊNCIA E VERANEIO

CAÇA E PESCA

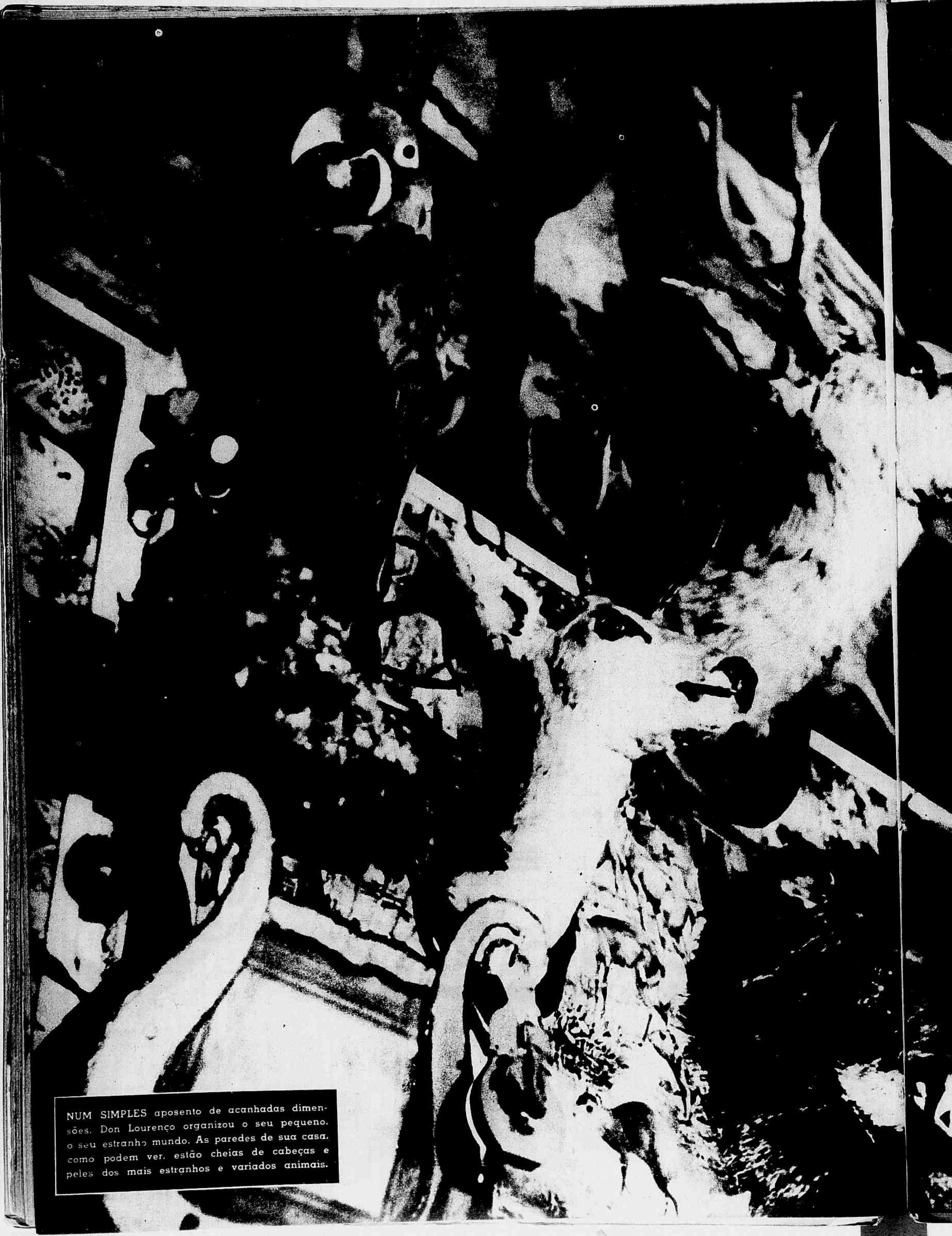
LAGO NAVEGÁVEL — CAMPO DE TÊNIS — LUZ — TELEFONE — CONDUÇÃO — RUAS ABERTAS

VENDAS SELECIONADAS

**A MENOS DE 45 MINUTOS DA CAPITAL PAULISTA, PELA NOVA AUTO-ESTRADA
«FERNÃO DIAS PAIS LEME». MARQUE UM ENCONTRO COM A NATUREZA NA**

ESTÂNCIA MARÍLIA

**Uma realização da CINTECO (Companhia Interestadual de Terrenos e Construções)
Rua Barão de Itapetininga, 255 - 8º andar - conj. 804 - tel. 34-0294.**



NUM SIMPLES aposento de acanhadas dimen-
sões, Don Lourenço organizou o seu pequeno,
o seu estranho mundo. As paredes de sua casa,
como podem ver, estão cheias de cabeças e
peles dos mais estranhos e variados animais.



EIS O CRIADOR e, ao mesmo tempo, o principal usufruidor, do pequeno Museu organizado numa sala de velho prédio da rua do Lavradio: o espanhol Lourenço Mendes; aventureiro aposentado que tentou, rodeado de aves e de bichos empalhados, reviver o cenário de muitas de suas aventuras vividas na mocidade.

DON LOURENÇO E SEU ESTRANHO MUNDO

Reportagem de ROBERTO REIS

Fotos de ALBERTO FERREIRA

● DON FRANCISCO Lourenço Mendes, espanhol nascido em Zamora, e no Brasil há mais de 50 anos, ex-acrobata de circo — profissão que abandonou, ao partir o pescoço, numa queda —, ex-trabalhador de ferrovia em Mato Grosso, ex-plantador de café e de cana, aventureiro por temperamento, tem uma paixão na vida: os animais. Quer vivos, quer mortos. Preferencialmente, até, mortos. No quarto em que vive, na rua do Lavradio, conseguiu reunir, durante todo aquele tempo, cerca de quatrocentos bichos, do cão e do gato domésticos ao tigre e à onça. A sala é pequenina — quatro metros por cinco —, e Don Lourenço, que por ela paga a «importância» de cento e quarenta e dois cruzeiros mensais, ali vive, trabalha e se diverte, vendo o seu pequenino museu, que dispõe também das mais excêntricas curiosidades: uma coruja empalhada, que acompanha o dono desde Paris (onde o espanhol expôs, sem êxito, sua coleção de «fieras»); uma cobra que é, ao mesmo tempo, fio condutor de eletricidade; um cofre confeccionado com um tatu verdadeiro; um quadro em relevo que, por meio de contacto elétrico, adquire vida, com todos os seus personagens executando movimentos frenéticos...

Don Lourenço:

A FOTO é estranha: no primeiro plano, uma ave de asas abertas. Atrás, o fio condutor de eletricidade da casa de Don Lourenço: uma serpente que sustenta, com as presas, pesado lustre de cristal.



"Moço, sou um aventureiro, e um aventureiro não se casa jamais. Minhas aventuras são os animais."



ONDE OS MORTAIS comuns depositam utensílios domésticos — pratos, talheres, etc. —, Don Lourenço postou seus animaizinhos empalhados. Ele os prepara, e tem por eles, o mesmo carinho de quando eram vivos.

Taxidermista de valor, foi Don Lourenço quem embalsamou, não faz muito tempo, o cão pára-quadista «Piloto». A irrequieta atriz Luz del Fuego costuma visitá-lo, a fim de adquirir para a sua casa animais empalhados. Mas sem consegui-lo, pois o velho espanhol é cioso de seus bichinhos, dos quais não se separa nem por todo o dinheiro do mundo... Talvez a paixão pelos animais tenha advindo a Don Lourenço quando ele, jovem ainda, serviu como simples trabalhador na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Ali viu bem de perto os habitantes das selvas e dos pântanos, dos descampados e da planície matogrossenses; ali também se empenhou em lutas com índios, lutas que ele recorda em sua casa modesta, sentado à beira de uma cama forrada com uma pele de onça, ou calmamente passeando em seu estranho mundo.



QUATRO OU CINCO cabeças de onça, hienas, pumas, animais outrora ferozes, jazem, domesticados, no acanhado aposento onde impera, hoje mais poderoso do que nunca, Don Lourenço, espanhol e aventureiro.

Domingo, 27 de maio de 1906

Cartas de um tabaréu

Rio, 4 de maio de 1906.

● Compadre

Há de tirar bom proveito o futuro presidente com a sua viagem. Em toda a parte onde chega são festas e mais festas, de modo que a sua excellencia acontecerá o mesmo que aos que se casam logo depois do namoro. Como sabes, a cousa mais desastrada que um rapaz pode fazer quando deseja casar é... namorar. Já disse, creio que Ramalho Ortigão ser o namoro, instituição genuinamente luso-brasileira, o peor caminho para a escolha daquella a quem tenhamos de ligar vitaliciamente o nosso futuro, porque geralmente o namorado tem horas "de vir" e nesse caso ella enfeita se para se lhe apresentar, aperfeiçoa se physica e moralmente, para nesse momento, dando em resultado ficar o pretendente conhecendo, sem conhecer, a sua futura costella. No momento em que se acham juntos, os defeitos desaparecem, para apresentar bom genio e as mais excellentes qualidades que devem constituir um bom partido, na mais lata expressão do termo. Mas se o namorado procurar a sua ella fora das horas do "expediente" verá então quanto de artificial, de postigo lhe impingem como prata de lei. O Norte está para o sr. Affonso Penna como a namorada: sabendo das horas de sua passagem enfeita se, penteia se, lava se, cose os vestidos, varre a casa, etc. Entretanto, se s. ex. passar fora das horas convencionadas verá o desalinho, as manifestações de mau genio, tudo que constitue um mau partido: experimente e verá se temos ou não razão. S. ex. fez mal em namorar; devia apresentar-se incognito, como quem não queria a cousa e depois de conhecer as manhas da futura... casar; isso sim.

Nova Russia

◆ Proliferou o sangue generoso de um sem numero de martyres que nas jornadas pela liberdade tombaram no cadafalso e juncaram as ruas das cidades moscovitas. A Russia — sombria terra de servidão, a horrorosa masmorra de um povo sedento dos direitos innatos no homem — transformou-se. Foi preciso, porém, que a varresse, impetuosamente, o furioso vendaval de uma revolução indomável, sacudindo-a toda e derrocando velhos preconceitos, seculares privilegios, abalando profundamente e fazendo periclitar o multi secular throno onde já se sentaram Pedro o Grande e Catharina II. A Russia negra, feroz e barbara já não existe. Como na ordem physica as tempestades abrandam os rigores da atmospheria, como os cataclysmos geologicos transmutam a face da terra, também, depois do cyclone revolucionario, surge na Russia a irizada aurora de uma era nova. Agoniza a autocracia alanceada pelas ideas reformadoras e a democracia agita nos ares um signal de paz e labaro de amor de principios liberais. Foi uma lucta titanica entre o passado e o presente: entre a tyrannia e a liberdade; mas venceu-a o povo e em um dia só — disse-o Nicolao II, na memoravel mensagem com que inaugurou os trabalhos da Duma — a assemblea nacional russa — e em um só dia a Rússia galgou um seculo para collocar-se entre as nações liberais e civilizadas. E' certamente o facto de maior culminancia politica, que possa a Historia registrar no primeiro periodo do seculo XX. A transformação liberal do Imperio dos Czars, ainda ha pouco impossivel para os retrogrados espiritos interesseiros do imperio orthodoxo, traz um enorme consolo á alma, desopprime o espirito e faz pulsar vigorosamente de jubilo todos os corações que bem querem a humanidade. Benditos os martyres que sucumbiram na grande lucta. A apothese da Duma foi como a deificação dos que verteram o sangue rico e generoso para que a árvore da Liberdade vicejasse, e, frondosa, abrisse os braços protectores a um povo nobre e já infeliz.

ARTHUR AGUIAR.

Theatros

A semana correu mais ou menos animada. A companhia Miranda, no Recreio Dramatico, tem tido um verdadeiro successo com a peça fantastica «A Filha do Feiticeiro». Demais, as diferentes interpretes d'esta peça conquistaram, desde as primeiras representações, a nossa platea, que não lhe tem regateado applausos. A montagem vem, por seu turno, dar ainda maior realce, pois o guarda-roupa é bem cuidado e bem feito, sendo completamente apropriado. Destacar com especialidade qualquer dos artistas seria verdadeiramente uma injustiça, visto como no seu conjunto geral, a peça está perfeitamente distribuida, tendo cada um interpretado a sua parte com bastante perfeição. Assim é que, por exemplo, na parte comica, o actor Oliveira tem feito rir á vontade, e com uma arte toda especial. Logo que «A Filha do Feiticeiro» o permitta, será levado á scena, por esta companhia, o «Homem das Botas».

No Lucinda está trabalhando actualmente a conhecida empresa Dias Braga e, como é natural, os seus frequentadores não o abandonam. Uma das ultimas peças com successo levadas á scena foi o «Homem sem cabeça», que logrou boas casas, porque o publico que sabe

appreciar este genero de representações, viu o cuidado com que os artistas d'esta empresa a representaram.

No Appollo a companhia lyrica levou o «Hernani», de Verdi, e a «Favorita», de Donizetti, entre outras. Citamos estas duas, justamente porque são bastante conhecidas de nossa platea, que pode apreciar o valor dos seus actuaes interpretes. E, de facto, quer o «Hernani», quer a «Favorita» foram bem cantados, havendo, até, trechos bisados.

NESSE NUMERO ainda, o poeta Deodato Maia, simbolista sem duvida alguma, bastando notar as Soidões e todas as maiusculas de que evou seus versos, e mais a musicalidade das estrophes — estampava uns bellos tercetos, assim terminados:

Elle vive tranquillo; — o glauco Mar o
(ensina
A soffrer e a cantar, dès que rompe a
(Alvorada
A cantar e a soffrer, todo o dia, em sur-
(dina.
Elle vive tranquillo (e vos diz em segredo)
Que lá na Ilha da Dor — viridante e en-
(cantada,
Fica o Reino do Sonho — o Soidoso De-
(gredo!

NO TRIBUNAL

O advogado de defeza para o de accusação:

— Eu tenho a observar a v. exa. que estou a cavallo no codigo.

O de accusação:

— Cuidado, colega. A gente deve sempre desconfiar dos animais que não conhece.

Fallecimento do ministro do Japão

Falleceu em Petropolis, a 19 do corrente, o sr. Fukashi Sughimura, ministro residente do Japão, junto aos governos dos Estados Unidos do Brasil e da Republica Argentina. O sr. Sughimura contava 59 annos de idade e era justamente considerado como um trabalhador infatigavel, um espirito lucido, preparado por uma vasta illustração juridica e litteraria. Era um admirador das riquezas naturaes do paiz, e, em excursões que fez pelos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, realizou algumas monographias agricolas, de incontestavel valor. Deixa viuva e cinco filhos.

EM PETROPOLIS

O corpo do finado diplomata foi collocado no salão principal da legação japoneza, em caixa de 1ª classe, circundado de tocheiros com syrios accesos. Velaram-n'o a exma. viuva, seus

filhos, o pessoal da legação e pessoas amigas. Para a conservação do cadaver, fizeram-se-lhe injeções de formol. O corpo diplomatico, incorporado, foi apresentar pezames á familia do morto, como o fez tambem o sr. ministro das relações exteriores, por intermedio de seu secretario, o dr. Domicio da Gama.

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

TUDO SOBRE ESPORTE
AS QUARTAS-FEIRAS

CR\$ 5,00



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 849 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



MÚSICA

BOLIVAR COSTA

DON GIOVANNI

● Na segunda récita da Temporada Lírica Nacional assistimos a mais uma apresentação de «Don Giovanni». A famosa ópera de Wolfgang Amadeus Mozart, baseada na não menos famosa comédia dramática de Tirso de Molina, e que requer um tratamento interpretativo até certo ponto peculiar, em virtude da sua forma musical de caráter italo-germânico, foi quase que massacrada pelo elenco artístico do nosso Teatro Municipal. Logo de início vimos a sedutora e maliciosa figura de «Don Giovanni» — personagem tão convincente quando recriada com expressão — perder todo o seu colorido característico na interpretação de Peter Gottlieb. Com possibilidades dramáticas bastante limitadas e sem possuir uma voz capaz de suprir tal deficiência, Gottlieb fez um dos piores «Don Giovanni» que já tivemos a oportunidade de ver.

Por outro lado, Aracy Bellas Campos, no papel de Dona Ana, demontou mais uma vez o cansaço de sua arte, que de qualquer maneira ainda deixa perceber os remanescentes de um passado brilhante. Certo é que esforço não lhe faltou, sempre no sentido de atingir uma expressão mais e mais perfeita. E é preciso notar que, em vários momentos, a convicção com que exteriorizou os elementos tea-

trais fazia esquecer inteiramente a inconstância de sua conduta vocal. Quanto à Sra. Lia Salgado, da qual já falamos nesta coluna, quando comentamos o «Festival Mozart», esteve à altura da sua saliente mediocridade artística. Sempre inexpressiva, com sua voz desagradável e, por vezes, inaudível para os que se encontram um pouco mais afastados do palco, esse soprano fez uma «Zerlina» sob todos os aspectos lamentável.

Tiveram regular atuação Bruno Lazzarini e Guilherme Damiano, respectivamente nos papéis de Don Otavio e Leporello. Ambos realizaram um desempenho firme, e arrancaram os aplausos que mereciam.

Apenas Newton Paiva destacou-se, com sua voz profunda, constante e agradável. O papel do «Comendador» por ele interpretado, foi o único que convenceu integralmente. Finalmente, registramos a presença do grande Maestro italiano Vincenzo Belleza, que a Comissão Artística e Cultural contratou para dirigir os principais espetáculos da Temporada. Foi, realmente, um feliz reencontro, pois vimos pela última vez esse notável regente no ano de 1954, em Roma, dirigindo a Orquestra Sinfônica da Academia Santa Cecilia.

DISCOS

OUVERTURE E PRELÚDIOS DE WAGNER. — Com a Orquestra Sinfônica Bamberg, sob a direção do famoso maestro russo Jascha Horenstein. O disco é de 12 polegadas, bastante concentrado, e contém quatro faixas com as seguintes obras: Abertura de «Os Mestres Cantores»; Abertura de «Tannhäuser»; Prelúdio e Morte de «Tristão e Isolda»; Prelúdio de «Lohengrin». A única restrição a ser feita é quanto à ordem de disposição dos trechos gravados, que deveriam necessariamente obedecer a uma sistematização cronológica. SLP — 4522 (Vox).

DOIS CONCERTOS PARA FLAUTA E ORQUESTRA DE MOZART. —

Com a Orquestra de Câmara Pro-Música de Viena, regida por Hans Swarowsky, tendo como solista o famoso Camillo Wanaussek. Nesta gravação de 12 polegadas acham-se os dois únicos Concertos para Flauta escritos pelo compositor de Salzburg. Na face A está o nº 1, em sol maior (K-313), de grande beleza. Na outra face, encontramos o nº 2, em ré maior (K-314), concerto originariamente escrito para oboe, mas transcrito para flauta pelo próprio Mozart, a pedidos. A partitura esteve perdida por algum tempo. A sua busca e restauração são devidas a Paumgartner. SLP — 4505 (Vox).

NOTICIÁRIO

Após os retumbantes sucessos conseguidos com a apresentação das famosas «Marionetas de Salzburgo», ABC e Pro-Arte darão prosseguimento ao seu magnífico programa, do qual participarão os maiores artistas e conjuntos dos Estados Unidos e da Europa. Ainda este mês os associados das duas sociedades ouvirão o «Quarteto de Budapeste», e em junho, o pianista Rudolf Firkusny.

Resposta a um Ademarista

HÉLIO ABREU

◆ **Prezado sr. Paulo da Silva Pinto.** Recebemos sua carta, a qual passamos a responder. Não fôra a delicadeza do assunto e a aspereza dos conceitos nela expressados, o silêncio seria a nossa única resposta. O distinto leitor estranha o nosso silêncio, a mudez do «Flash Paulista» em torno do ruidoso «affaire» para dizer, logo em seguida, ser o sr. Ademar de Barros um novo Tiradentes. Ora, ilustre sr. Pinto, se a nossa disposição fôsse injustiçar o ex-governador, nada mais claro que o pronunciamento do «Flash», no sentido do ataque. Se silenciarmos, se narramos apenas os fatos sem ódios e prevenções, é porque nossa missão é informar, apenas informar e nada mais. Este tem sido o nosso lema e acreditamos que dêle não nos devemos desviar. Nosso silêncio, no sentido da neutralidade, é uma firme demonstração antes de coragem que de covardia. Para prová-lo basta dizer que temos repellido, altivamente, tôdas as sondagens que nos fazem ambos os lados interessados na refrega para que fujamos à norma. Ademais, não temos por que defender ou acusar o sr. Ademar de Barros. Não somos seus juizes nem seus advogados. «Flash Paulista» tem evitado, isto sim, focalizar esse assunto não por julgá-lo destituído de interesse, mas tão somente por achar doloroso, tristemente doloroso ver-se um ex-governador de São Paulo e candidato à Presidência da República ser acusado, processado, condenado e caçado como qualquer criminoso comum pela polícia a quem comandou outrora. Agora, esta coisa de comparar o sr. Ademar de Barros ao alferes Xavier, pode o sr. fazê-lo desde que se lembre que no processo do glorioso proto-mártir não constou qualquer coisa referente a caminhões, Chevrolets e urnas marajoaras. Quanto aos outros aspectos de sua carta foram êles enviados à Redação.

◆ **MINISTÉRIO.** Está dando o que falar o namôro PSD-UDN, em São Paulo. Não se trata das seções estaduais dos dois prestigiosos partidos. Acontece que, por ocasião das comemorações do dia 1º de maio, importantes reuniões tiveram lugar na paulicéia, tôdas sob os auspícios dos deputados Ulisses Guimarães e Ernâni Sátiro. Assim, era espetáculo comum ver-se no «Captain's Bar», em confabulações, o presidente da Câmara Federal e o líder da UDN, o primeiro acessorado pelo deputado Mário Eugênio e o segundo por elemento da confiança do deputado José Cândido Ferraz (UDN, Piauí). Os srs. José Joffily, Milton Brandão, Rogé Ferreira (PSB) e Cid Carvalho tomaram parte ativa nas referidas reuniões. Também o apartamento do advogado Geraldo Nóbrega esteve na mira dos cronistas políticos, uma vez que lá reuniram-se, por várias vezes, os referidos políticos e, segundo consta, também um representante do governador Bias Fortes.

◆ **BRAVO.** O delegado do Impôsto de Renda em São Paulo, sr. Bravo, falando na televisão, anunciou uma queda de 15 milhões de cruzeiros na arrecadação do presente exercício. Ninguém deu «bravos» ao referido sr. Bravo, de vez que pertence a êle a responsabilidade do insucesso de seu departamento. Consta já estar em pauta na mesa de Kubitschek o nome do sr. Altino da Silva Ribeiro, para substituí-lo. O sr. Altino Ribeiro já exerceu, ao tempo do governo Dutra, o cargo em questão.

◆ **CENSURA.** Está repercutindo de maneira desfavorável para o governo do Estado o caso da censura telefônica. O diretor do DOPS, sr. Ribeiro de Andrade, não resistiu a enorme onda de protestos levantada contra sua delegacia e pediu demissão. Sem sombra de dúvida o assunto é deveras melindroso e não deve ser encerrado de maneira melancólica. Estão eufóricos os ademaristas com esta primeira derrapagem do governo estadual.

◆ **REGRESSO.** Regressou da Europa o sr. Nelson Mendes Caldeira. Chegou e passou a ação para aumentar a sua (já considerável) fortuna, através de empreendimentos no setor industrial.

◆ **POETA.** Foi lançado em São Paulo o livro do poeta Ascenço Ferreira, o mesmo que foi nomeado e «desnomeado» por Juscelino para o Instituto Joaquim Nabuco. Ascenço foi um dos mais ardorosos partidários do atual presidente da República.

◆ **POSSE.** O general Porfírio da Paz telegrafou ao sr. Carneiro Giffoni dizendo que comparecerá à sua posse na diretoria do hospital do IAPETC.

◆ **MOTORES.** A Arno S.A. vai construir motores de 100 hp. Novas perspectivas para a indústria nacional.

◆ **SALARIO MINIMO.** A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo não está satisfeita com as novas bases encontradas por Kubitschek para o salário míni-

mo. Ao que se diz tudo será feito no sentido de demover o presidente Juscelino de aprová-lo em nível superior a Cr\$ 4 mil.

◆ **MESTRE CUCA.** O sr. Oscar Soldano foi considerado o melhor cozinheiro de 1955. Seus pratos são os preferidos pela elite paulistana, e também pelo comendador Genaro Pecoraro, que é tido como o maior gastrônomo de São Paulo.

◆ **PTB.** O major Newton Santos, presidente da seção paulista do partido de Vargas e um de seus vices-presidentes nacionais, vai propor à sua agremiação não aceitar o crivo do Catete na aprovação dos candidatos indicados pelo partido, para efeito de nomeações. Isto se deve a desconfiança do PTB na competência de determinados elementos da Casa Civil do presidente.

◆ **FARESP.** Não estão contentes com o governo os diretores da Faresp. Depois do caso do algodão, queixam-se da dificuldade de acesso ao presidente que, enclausurado no Catete, está ficando cada vez mais distante dos graves problemas da agricultura. Espera-se um pronunciamento do sr. Clóvis Sales, presidente da entidade.

◆ **MOSQUITO.** A companhia de loteamento do sr. Mário Aprile vai de mal a pior. Isto se deve a atitude inamistosa de uma companhia rival que fez importar da África alguns milhares de mosquitos borrachudos, chamados *vespasius teneius* e os fez soltar no referido loteamento. Repelindo tal manobra, fez por sua vez o sr. Aprile vir da Amazônia 180 cobras venenosas e soltou-as no terreno do adversário. Quem nos relatou tal fato foi o sr. José Duarte, alto prócer do PTB, partido ao qual pertence o sr. Mário Aprile.

◆ **GENERAL.** A chapa encabeçada pelo general Segadas Viana à presidência do Clube Militar está vitoriosa em todo o interior de São Paulo. O ex-comandante da Divisão Blindada venceu por larga margem de votos a legenda da Cruzada Democrática. Mesmo elementos anteriormente ligados ao falecido general Canrobert Pereira da Costa ficaram ao lado do herói da FEB.

◆ **ESQUERDA.** Anda assustado o Ministro do Trabalho, sr. Parsifal Barroso, com a infiltração comunista nos sindicatos paulistas. Tão intranquilo está o ministro que solicitou ao delegado do Trabalho em São Paulo, sr. Paulo Marzagão, um relatório a respeito.

◆ **COFAP.** Encontra-se em andamento um inquérito destinado a apurar certas irregularidades verificadas em São Paulo, tôdas relacionadas com a distribuição de adubos, inclusive torta de algodão. O inquérito é sigiloso.

◆ **SUICÍDIOS.** A polícia investiga o (aparente) suicídio do gerente da firma Jonhson & Jonhson, ocorrido em São Paulo recentemente. O referido senhor foi encontrado morto, estirado no pátio interno de seu edifício, depois de uma queda de cinco andares. Nenhuma carta foi encontrada. Perdura o mistério, desafiando os nossos (falsos) Sherlocks.



Afrânio Oliveira



Paulo Marzagão



Altino S. Ribeiro



Carneiro Giffoni



Newton Santos

Que sabemos das grandes religiões? (V)



SUA SANTIDADE O PAPA PIO XII. NASCIDO EUGENIO PACCELLI, É O CHEFE ESPIRITUAL DE MILHÕES DE CATÓLICOS, EM TODO O MUNDO. EM MATÉRIA ESPIRITUAL, SUA AUTORIDADE É INFALÍVEL.

QUE É UM CATÓLICO?

Por JOHN COGLEY

Redator-chefe de «The Commonweal» — Magazine católico editado nos EE.UU.

Especial para a «Revista da Semana». — Copyright United Press

O CONTRÓLE «Natural» de filhos, isto é, a chamada «teoria rítmica», é permitida pelo Papa, como ficou recentemente esclarecido, em casos em que a medicina, ou a economia familiar, o tornem totalmente necessário.

Sua Santidade, ao mesmo tempo em que condena a limitação artificial de filhos, acrescentou que as nações super-povoadas poderiam sanar os problemas oriundos de sua super-população, pelo aproveitamento melhor da produção agrícola, pela imigração cientificamente distribuída, pelo maior desenvolvimento de seus recursos naturais por meios técnicos.

A CONFISSÃO

O que quer dizer a confissão? Pode um católico cometer determinado pecado, obter o per-

dão desse pecado, e pouco depois pecar novamente e ser novamente perdoado?

As confissões, de maneira geral, são efetuadas nos locais denominados Confessionários — um grande tóldo de madeira, diante do qual o crente se ajoelha e confessa a um sacerdote, postado no interior, suas faltas. O sacerdote jaz imerso em escuridão, e através de pequeninas fendas, escuta as palavras do confessante, sem, contudo, divisar-lhe nem em traços gerais o rosto. Antes de alguém se confessar, está obrigado a fazer um pequenino exame de consciência. Depois de feito esse exame, deve a pessoa ajoelhar-se diante do confessor, e responder à primeira pergunta do padre, que é: Há quanto tempo não se confessa? Após responder a essa questão, deve o fiel fazer o relato, o mais minuciosamente possível, de todas as suas

faltas, dizendo inclusive quantas vezes cometeu cada pecado, e mencionando os detalhes que possam dar a idéia mais clara possível do delito.

Quando essa enumeração estiver terminada, o padre dirá, o mais das vezes, um pequeno discurso destinado a encorajá-lo e a fortalecê-lo, espiritualmente. Após o que, dará a penitência, que é um certo número de orações ou de atos piedosos a serem rezadas, ou praticados, em prova de genuíno arrependimento e como sinal de nunca mais tornar a pecar. É rezado na ocasião o Ato de Contrição («Eu, Pecador, Me Confesso...»), e após, o Padre profere as palavras sagradas da absolvição. Com um «Deus o abençoe», o sacerdote despede o crente, e às vezes lhe pede que reze também por ele, pecar-

dor como o simples fiel que acaba de ouvir em confissão.

Diz a Bíblia que até mesmo o justo peca sete vezes diariamente, e é mais do que verdade que os católicos, como todos os demais crentes das outras religiões, vêm repetindo há milênios os mesmos pecados. Mas não, porque se confessem com regularidade... E convém realçar que, se não há um propósito sincero de se emendar, no ato do católico que busca confessar-se, por que então se aproximaria ele do confessor-nário? Uma confissão fraudulenta, em que os pecados são disfarçados ou mesmo ocultos, ou aquela em que o propósito de nunca mais pecar esteja ausente, é considerado altamente sacrílega.

Qual a atitude da Igreja ante a bebida e o jogo?

Nem o jogo, nem a bebida são considerados, em si, como coisas más. A Igreja aprova a abstinência voluntária, do mesmo modo como aprova o celibato voluntário. Tanto o sexo como a bebida alcoólica foram criados por Deus. Podem, pois, servir, eventualmente, a fins desonestos, porém, não são desonestos em si.

O jogo é considerado como um passatempo inocente, a menos que esteja presente uma (ou mais de uma) das seguintes condições:

- 1 — a finalidade do jogo é pecaminosa;
- 2 — um dos jogadores é forçado a jogar;
- 3 — um dos jogadores tem a certeza de ganhar;
- 4 — a fraude está presente;
- 5 — um dos jogadores é deixado em ignorância sobre as verdadeiras condições do jogo;
- 6 — o dinheiro pôsto em jogo pertence a outrem ou deveria ser gasto em outras finalidades, como o sustento da família.
- 7 — o jogo é proibido pelas autoridades legais.

Esse é o caso, por exemplo, do Brasil. E também dos Estados Unidos, menos em um ou dois Estados.

Por que possuem os católicos suas próprias escolas? Buscam eles ajuda financeira dos governantes (inclusive impostos pagos por não-católicos) para sustentar as escolas paroquiais?

Para construir sua cadeia de escolas paroquiais, os católicos norte-americanos que quotizaram, com sacrifícios de muitos deles, porque acreditam que a ignorância religiosa é a mais trágica das ignorâncias, e porque sabem que ser católico é sê-lo todos os 7 dias da semana, e não unicamente aos domingos.

Os católicos dispendem, anualmente, milhões em escolas paroquiais. Se acaso fôssem fechadas essas escolas, muitos norte-americanos cedo sentiriam falta. Além de manter suas próprias escolas, o católico contribui, como cidadão americano que é, com as taxas normais de educação, devidas por todos os cidadãos, pois acreditam igualmente que a educação leiga deve ser ministrada a todos os pequeninos cidadãos dos Estados Unidos cujos pais assim o desejem.

E' mentira que os fundos públicos sejam utilizados na manutenção das escolas católicas. Quando havia necessidade de arranjar semelhantes Fundos de Ajuda, como condução em ônibus e distribuição de refeições aos alunos, não era a Escola Paroquial, mas os alunos eles mesmos, que se beneficiavam.

Hoje em dia, Escola Paroquial é sinônimo de taxas mensais mais baratas para todos, de vez que os católicos não utilizam as escolas públicas para as quais contribuem.

PROIBIÇÃO DE CERTAS LEITURAS

Por que proíbe a Igreja a leitura, pelos seus fiéis, de determinados livros, ou a assistência a certas peças e filmes?

Um católico deve ter suas convicções religiosas profundamente arraigadas. Se acredita em algo, deve fazê-lo de todo o coração. Deve estar pronto a seguir os conselhos da Igreja em tudo quanto ela acredite ser prejudicial à fé. Não é a Igreja, para os católicos, uma verdadeira mestra moral? Quando ela proíbe livros, peças e filmes, ou seja o que for, é porque esses livros, ou essas peças ou filmes vão de encontro à doutrina católica, e, para as pessoas comuns, poderão vir a constituir uma ocasião de pecar.

Muitos dos trabalhos proibidos pela Igreja, e figurando no «Index», são estudos teológicos, escritos em boa fé por católicos devotos; a Igreja já porém os prescreveu, porque continham alguns erros teológicos. Quando, porém, se trata de um livro simplesmente obsceno, a Igreja tem a obrigação de proibir a um católico a sua leitura, por motivos óbvios.

Um católico pode, contudo, solicitar permissão (a um bispo ou arcebispo de sua região) para ler determinado livro proibido, ou para assistir uma peça ou filme que figurem no «Index» — desde que essa figuração no «Index» não tenha sido determinada pelo fundo imoral do trabalho. Se esse católico que está instruído o suficiente para ler, sem cair em tentação e sem descrer, essa obra condenada, a permissão é concedida sem grandes dificuldades.

TOLERÂNCIA RELIGIOSA

Acreditam os católicos na tolerância religiosa?

Os norte-americanos acreditam e praticam a tolerância religiosa, tal como seus compatriotas protestantes e judeus. Existem, é claro, os intolerantes, mas não por culpa da Igreja Católica, por sua própria constituição psicológica, por exemplo.

Em determinados países católicos (e em al-

guns países protestantes igualmente) a tolerância religiosa não é aceita, por motivos políticos. Contudo, os católicos podem apontar o exemplo da catolicíssima Irlanda, onde, não faz muito, um protestante foi eleito Presidente da República. Mesmo nos Estados Unidos, é duvidoso que um católico, ou um judeu, se possa atualmente sentar na cadeira de Presidente da República.

Muitas vezes, também, sob a denominação «tolerância religiosa», está oculto aquilo a que os verdadeiros católicos simplesmente denominam indiferentismo religioso, isto é, a idéia de que todas as religiões valem a mesma coisa, todas são boas (ou ruins). Ora, os católicos não podem aceitar essa maneira de pensar. Sob a égide da tolerância, essa doutrina não pode ser aceita por nenhum católico verdadeiramente digno deste nome.

Se, contudo, por tolerância entendemos um modo de se viver em paz com os vizinhos, sem qualquer tentativa de interferir em sua religião, é claro que essa tolerância deve ser praticada por todos os católicos, e o é, de maneira inconfundível.

Nesse campo de atividades, aliás, os católicos sempre foram mais perseguidos do que perseguidores, bastando citar os movimentos ant-católicos «Know-Nothing», a «Ku-klux-klan», a campanha «Al Smith».

A Igreja Católica é uma instituição que possui autoridade sobre seus fiéis. Acaso é ela uma contradição à vida democrática do norte-americano?

Não. A Igreja é religiosa, não política. A democracia é um sistema de governo em que cada homem é livre para servir a seu Deus, de acordo com sua própria consciência. Como é possível se contradizer os princípios democráticos, e ao mesmo tempo seguir as regras ditadas pela própria consciência?

F I M

A seguir: «Que é um «Christian Scientist»?



O JOGO, em si mesmo, não é um bem, ou um mal. Porém, quando — como no Brasil — é proibido por lei, nenhum católico pode a ele dedicar-se, sem estar cometendo grave pecado. Com o sexo, e com as bebidas alcoólicas, acontece exatamente o mesmo.

É FOGO O FREGUÊS!

FERNANDO LÔBO

◆ O fogo foi entrando pela «boite» «Night-And-Day», sem pedir licença e sem piedade nenhuma. Subiu as escadas como um moço elegante lambeu e engoliu cortinas, móveis e foi matar sem pena aquelas fantasias maravilhosas que Gisela tinha feito para os «shows» que ali estavam. Fogo ruim, fogo de morte, que mata cores e reduz tudo a cor de luto. Serviu, entretanto, o incêndio daquela casa para fazer voltar a lembrança dos quantos vivem à noite, àquele outro, o do «Vogue», que ainda mais violento que esse, por uma infinidade de motivos, já estava empurrado para o esquecimento de todos. O «Vogue» está lá, com sua fachada em tom de carvão, espécie de túmulo de muitos que ficaram abraçados às chamas violentas. A vida seguiu, o «Vogue» ficou, o barão embarcou e quem era da noite procurou novas casas. Não sei até onde — mas gostaria de saber — vão as precauções das autoridades quanto a montagem de uma casa noturna. Apenas observo, que o Rio de Janeiro, apesar de não ser como Nova York uma cidade a favor do incêndio, ultimamente o fogo tem sido freguês assíduo dessas casas. Vejo porém com mais calma, como as coisas têm sido feitas. Compra-se o ponto, procura-se o úls-que, os papéis são corridos por um despachante esperto e depois de regulamentar o horroroso coquetel à imprensa as máquinas começam a funcionar. E' rápido o processo. Quanto à decoração, isso vai sempre pela força e gosto do próprio dono, que muitas vezes de casa trás algum «abat-jour», um quadro de autor sem fama, ou mesmo e até um chale espanhol que ficará bem derramado sobre o piano. E aos poucos mais panos e panejamentos vão sendo introduzidos, no teto, nas cadeiras, nas roupas das artistas que chegam contratadas, e um perigo cresce maior nos tapumes que são improvisados para «camarins», nas escadas e «passarelas» que os «shows» pedem. Tudo isso num só escolher e enfiar casa a dentro. Há quem diga que corre um processo sobre o incêndio do «Vogue» e que seu madeiramento foi culpado de tanta desolação. Será? Agora é o «Night-And-Day» que avisa outra vez que é de pegar fogo! De pegar fogo porém, senhores responsáveis, são tôdas as «boites» da zona sul que estão com os tetos, os cantos, as janelas revestidas de um pano qualquer que será veículo ruim para um incêndio bom quando guardam numa das suas dobras um cigarro esquecido de alguém que já provou demais da bebida da casa. Uma verificação em tempo evitaria novos desastres, como no caso do «Vogue» que foi mais que tarde lamentar tanta miséria e tanta desolação.



DOROTHY DANDRIDGE, fez sucesso quando voltou.

O «SHOW» DE ONTEM

DOROTHY DANDRIDGE. — Ela fez uma temporada por volta de 1954 no Copacabana Palace e não chegou a marcar um sucesso garantido. Foi uma cantora que não «apontou», como várias que por aqui têm vindo. Não vamos esquecer de Josephine Premice, nem de Joyce Bryant — que afirmam, aca-

ba de entrar para um convento. Dorothy Dandridge, no entanto, levantava a cabeça depois do filme «Carmen Jones» e quando se afirmava que ela aqui já estivera, muitos da imprensa procuravam negar por não ser negócio, publicitariamente.



NÔNCIA MIRANDA, quer voltar para fazer sucesso.

MARA ABRANTES

Stanislau Ponte Preta, o que mais sabe e mais vê, quer saber de Mara Abrantes, pois andou lendo uma crônica perdida em que diz ser ela descoberta por um Pedro Álvares Cabral zero quilômetro que anda soltinho por aí. Então lá vai: ★ Mara Abrantes surgiu primeiramente num teatrinho em Copaca-

banda. ★ Depois Mara Abrantes apareceu no «show» «Pangaré», de Haroldo Barbosa, dirigido por Paulo Soledade. ★ Depois fez um bocado de televisão com Grande Otelo, na Tupi. ★ Depois andou dando umas voltinhas «pela aí». ★ Estêve no «Night-And-Day» com Carlos Machado (aí é que entra o engano). ★ E agora está fazendo sucesso sozinha no «Cangaceiro».

«ARPEGE»

Maurício Lanthos cansou das noites e apesar de ter trabalhado bem no seu «Arpege» acabou vendendo a sua parte para Agnelo Martins que é agora sócio de Waldir Calmon. Agnelo, grande experimentado em coisas da noite, pretende fazer do «Arpege» um ponto bom para o fim da noite. E ele tem o que há de melhor em matéria de música e bem que pode fazer uma casa de fim de noite sem ter os preços do «Sacha's», mas também sem chegar a ser o «Metro». Boa bebida, boa comida, Agnelo e você não perderá essa parada!

NOTAS DE TODOS OS TAMANHOS

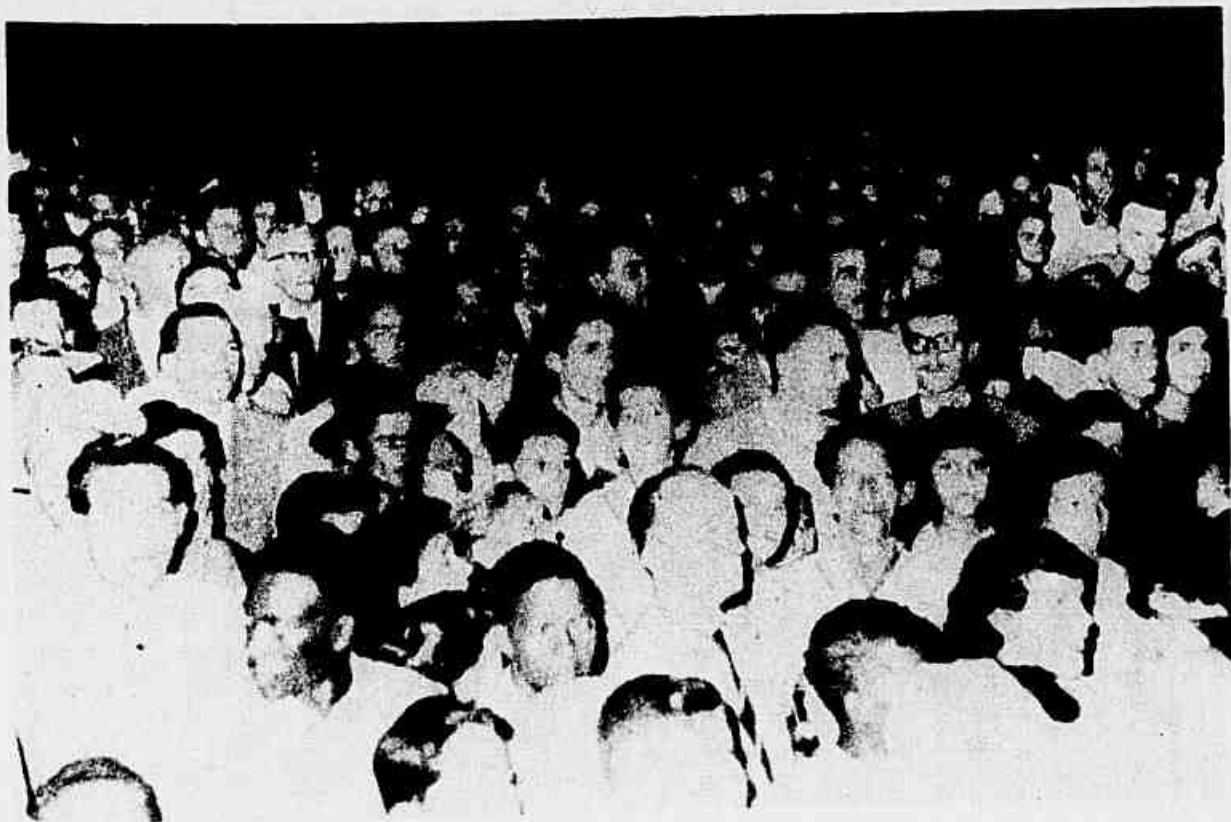
Deixando de ser o velho solteirão, o nosso Colé recebeu ordem de prisão perpétua por conta da beleza da sua atual esposa Lilian Fernandes. Ele, não foi feliz com «Samba na Maloca» e já faz voltar «Gente Bem e Champanhota» até tomar pé para um novo lançamento. — Ankito no Jardel com «Mulheres na Praça» — Carminha Mascarenhas deixa o «Sacha's». A Nacional não permitirá mais que suas «estrêlas» cantem em «boite» pois os ambientes enfumacados estão dando cabo da voz das nossas melhores «estrêlas». É o caso de Carminha — Haroldo Costa deixou definitivamente a «Brasiliã» e vai fazer no teatro o «Orfeu da Conceição» de Vinicius de Moraes. A «estrêla» será Ruth de Souza — E o «Casablanca» vai continuar fechado muito embora muitos digam que vai ser feita a concorrência. Mas, para «boite» ou para um restaurante, sr. prefeito?



HOMENAGEM A CARLOS LUZ

◆ Depois dos acontecimentos de novembro de 1955, o sr. Carlos Luz não tivera oportunidade de visitar a Zona da Mata mineira, onde se tem feito sentir, mais diretamente, a sua atuação de homem público de Minas. No dia 1º de maio último, encontrando-se em Leopoldina, cidade que é, por assim dizer, o berço político de Luz, foi êle alvo de extraordinária manifestação partida não apenas das camadas elevadas da região, mas também do povo. Quarenta e seis municípios próximos se fizeram representar. E a tocante homenagem se estendeu à sra. Graciema Junqueira da Luz, também presente às festividades.

Uma missa solene com Te Deum foi celebrada, na catedral da cidade, literalmente cheia, por S. Revma. D. Delfim Ribeiro Guedes que, ocupando o púlpito, fez o elogio do casal Carlos Luz e invocou para o mesmo as bênçãos de Deus. Depois, levados a um palanque, em praça pública, Luz e senhora foram saudados, presentes cerca de cinco mil pessoas, por diversos oradores que ressaltaram a conduta de homem público do homenageado, expressando-lhe sua solidariedade. Luz, em longo e brilhante improviso, agradeceu aquela consagração e reafirmou os seus princípios de fidelidade à ordem, à autoridade e aos superiores interesses do Brasil que defendeu, inclusive, com o «pensamento sempre voltado para Minas e, particularmente, para Leopoldina.»



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

ÓLEO DE CEDRO O MELHOR PARA OS MÓVEIS OFERECE

Nos sorteios que se realizarão na Rádio Vera Cruz às 9.1/2 da noite dos dias 29/3 — 28/6 — 27/9 e 27/12/56:

Cr\$ 10.000,00 para os consumidores e o correspondente em óleo de Cedro para os comerciantes que venderam o produto.

Para tomar parte no concurso dirija a carta ao: «Concurso do Óleo de Cedro, Av. Rio Branco, 187, sala 616 — Rio». Dentro do envelope deverá ter: Nome e endereço de quem remete. Endereço do local em que foi comprado o óleo de Cedro e um rótulo do óleo de Cedro.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui do Rio. Todas as cartas recebidas até a data do concurso são colocadas no auditório, a vista de todos os presentes que podem, inclusive, colocar suas cartas na hora do sorteio, então o cego Protásio Assunção, da Aliança dos Cegos, vai tirando as premiadas cujos remetentes são imediatamente proclamados.

O resultado do sorteio, além de irradiado, será publicado em vários jornais e revistas, ficando também à disposição dos interessados na Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio.

“Mil” lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM - A AR
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



P

OR que os olhos teimavam em subir da mesa para a folhinha? Absurdo, ler pela quarta vez: 28 de setembro, terça-feira. O pai, que sofria de estrabismo, costumava indagar se vira as coisas direito:

— Mariana, aquela é a gravata amarela que o Luís me deu?

Ele, porém, chegara aos cinquenta sem precisar de óculos. Nem por luxo, como a filha do prefeito, a cunhada do fabricante de carvão. Nos dias de audiência, dava-lhe pena o Saturnino esquivar-se a esfregar um pedaço de flanela nas lentes grossas. Nariz mordiscando o livro de atas, o Saturnino desfazia a corcunda, porque o l pegara jeito de l.

— Ah, doutor, cada dia enxergo menos!

Mas ele estava ali, as mãos apoiadas na escrivaninha, o olhar no vaivém da mesa à parede, como se o calendário do açougueiro fôsse a cara biliosa do corregedor. As oito menos cinco, o Chico do Cartório trouxera-lhe o expediente. Além de inventários sem fim, o processo do Anastácio biscateiro. Na capa salpicada de borões de tinta, o lembrete do escrivão: réu preso. Sim, era preciso decidir o caso da padaria. Sim, mas o pensamento o levava à sala do Saturnino, onde estivera, na véspera, aconselhando um coral brigão. Bem sabia que, há mais de seis meses, enjaularam o Anastácio por causa de três pães. Ele próprio dirigira a instrução criminal. A lembrança da sala das audiências voltava a perturbá-lo. Como estaria o rosto encovado do Anastácio depois de tanto tempo entre o chão de cimento e o ajantarado no prato de fôlha? E aquela mulher, a fome gritando nos mulambos, as seis crianças com perna de bodeque? Ora, o Saturnino ia escrevendo os depoimentos sem reparar nos farrapos da coitada, no esqueleto da criança. Também o Saturnino era míope, não casou, nunca teve companheira. Na letra empinada do promotor havia a rigidez das grades. Que tolíce pensar na mulher do biscateiro, nas crianças embeledadas no canto da sala! O acusado confessara o furto, os três pães endu-receram no armário do delegado. Se o Saturnino não fôsse míope, repararia no canto da sala. Não, a letra empinada do promotor se interporia entre aquelas lentes grossas e a família do ladrão.

Como o tempo corria ligeiro! Mal acabara de dizer — vão em paz — ao casal brigão. Sim, mas fôra na véspera, no pardieiro de oito janelas onde o Saturnino cegava aos bocadinhos. Agora, enchendo-lhe a mesa, os inventários, o processo do Anastácio. No alto da parede sem quadros, o destino do ladrão: 28 de setembro, terça-feira.

A caneta deslizou pelo alçaço. Era apenas o relatório, aquele formulário de séculos a que o Saturnino chamava nariz de cêra. Depois, sim, os motivos da condenação. Afinal, os dedos do biscateiro estremeceram o alicerce da propriedade. Admitia que o Anastácio ignorasse o Código Penal, nem soubesse o que era jurisprudência. Lembrava-se muito bem de o haver

visto, meio dobrado, na ponta da mesa, garantindo o nome na fôlha do interrogatório. Entretanto, a lei não distinguia biscateiros de corregedores. No cêsto de onde ele surrupiara os três pães, existia uma biblioteca de doutrinas sobre o furto. Se o Anastácio não pôde frequentar escola, o professor de catecismo, aos domingos, enchia a igreja com o sétimo mandamento: Não furtar.

O promotor era mesmo secarrão, o Saturnino vivia pregado ao «tac-tac» da máquina de escrever. Porém, havia motivos para não repararem na mulher andrajosa, nas crianças sem barriga. Quanta gente de estômago fundo, a cama nos bancos de jardim, o céu por teto! Muito triste, mas a lei não era de catre, não era de palácio.

O advogado do biscateiro insistia no telhado cheio de buracos, no lampião com a mecha seca. Na primeira audiência, o Anastácio respondera-lhe olhando para o assoalho:

— A mulhé i as crianças tava cum fome.

Confissão revestida de formalidades legais, acentuava a letra empinada do promotor. Quanto tempo de xadrez para o biscateiro? Aquê monte de famintos acorados no fundo da sala, apenas encurtaria os anos de prisão, a festa dos percevejos na ossada do Anastácio. No alto da página 84, a humanidade do Código: Das circunstâncias atenuantes. Estranho como a voz do biscateiro voltava a ferir-lhe os ouvidos:

— A mulhé i as crianças tava cum fome.

Absolvição, nunca! Como desmentir o próprio réu? A caneta continuava o avanço pelo alçaço: «As razões de defesa se encontram em fls.» Mas alguns instantes, e chegaria ao cêsto do padeiro. Dez linhas. Para que encarapitar-se na muralha da doutrina, abrir os arquivos do Tribunal? A letra empinada do promotor encorava-se nos pães duros, na confissão. Quantos filhos teria o advogado do Anastácio? Seriam dois, seriam oito: «O acusado, meretíssimo juiz, não é um ladrão, mas um pai». Sim, o Anastácio tinha mesmo aquele bando de gente, mas os pães eram de Joaquim Matos Peixoto.

A Carmélia arrumadeira enfiou o pixaim pela porta mal fechada:

TRÊS

Conto de ROSEMAR PIMENTEL

Desenho de J. RIBEIRO



— O Chico veio buscar os processos.

Ah, sim, o magricela estava lá fora esperando a cadeia do Anastácio. Esquisito como os dedos passaram da correria pelo relatório àquê enroscamento preguiçoso. Via-os grudarem-se, caindo para aqui, para ali. Que tolíce supor reumatismo na mão que há vinte anos se mexia sem parar! O pai só começara a encarquilhar-se depois que fêz sessenta. Enfim, o relatório estava pronto, o Chico, de mão aberta, segurando a hérnia, encostado ao portão.

Considerando... O semicírculo da consoante recordava-lhe as pernas da filharada do biscateiro. Até o de colo a furar os mulambos com a canela de bodeque! A letra redonda do advogado punha-o junto às goteiras do casebre, pertinho das crianças sem barriga: «O acusado, m.m. juiz, não é um criminoso, mas um pai». Sim, as testemunhas disseram que aquele bôlo

PAËS



de ossos no canto da sala eram os filhos do Anastácio. Quem sabe o que faria o promotor se vivesse tapando a cerca de um, batendo cá-lé para outro? Pós-se a imaginá-lo sem pasta, a cara amarela entre os dois soldados do destacamento. Não, não podia ser! O promotor não fazia biscates, usava pasta, tinha letra empinada.

Há quantos dias os filhos do biscateiro não engoliam o pires de angu sem sal? Para que a pena mergulhara no tinteiro de boca larga? Tolice, o «considerando» ficara sôzinho no princípio da linha. A denúncia garantia que os três pães foram surrupiados às cinco da madrugada. Ah, sim, do casebre do Anastácio ouvia-se o barulho da masseira. Que idéia, lembrar-se do avô Perciliana mostrando-lhe o prato de mingau.

— Criança de barriga vazia, acorda antes do tempo.

A que horas a filharada do Anastácio dera de choramingar nas esteiras? Sim, foi a parede esburacada que trouxe o cheiro de pão fresco, ajudou o biscateiro a esgueirar-se pelo quintal escuro. A caneta parecia enrijecer-lhe os dedos. Quando descesse sobre o papel do Saturnino, a hérnia do Chico se desprestaria do portão.

Considerando... A meia fôlha do almoço trazia-lhe agora a família do ladrão mingando, confundindo-se com os bambus de pau-a-pique. Que magreza naquela garôta de cinco anos! Como podia o pequenino de colo mexer as pernas sem carne? Se o promotor não usasse sapatos de verniz, talvez viesse à porta do casebre. Talvez aquela letra empinada não desenhasse o chão de cimento, o ajantarado no prato de fôlha.

Considerando... O advogado do biscateiro,

com certeza, recebera a folhinha do homem do açougue. Quem sabe estaria, àquela hora, de olhos a subir pela parede? O promotor era assim mesmo: escrevia empinado, não escorregava o sapato na lama das ruas. O Saturnino, ah, sim, o Saturnino continuaria vivendo no «tac-tac» da máquina de escrever. Não, mais tarde, ninguém apontaria a família do biscateiro:

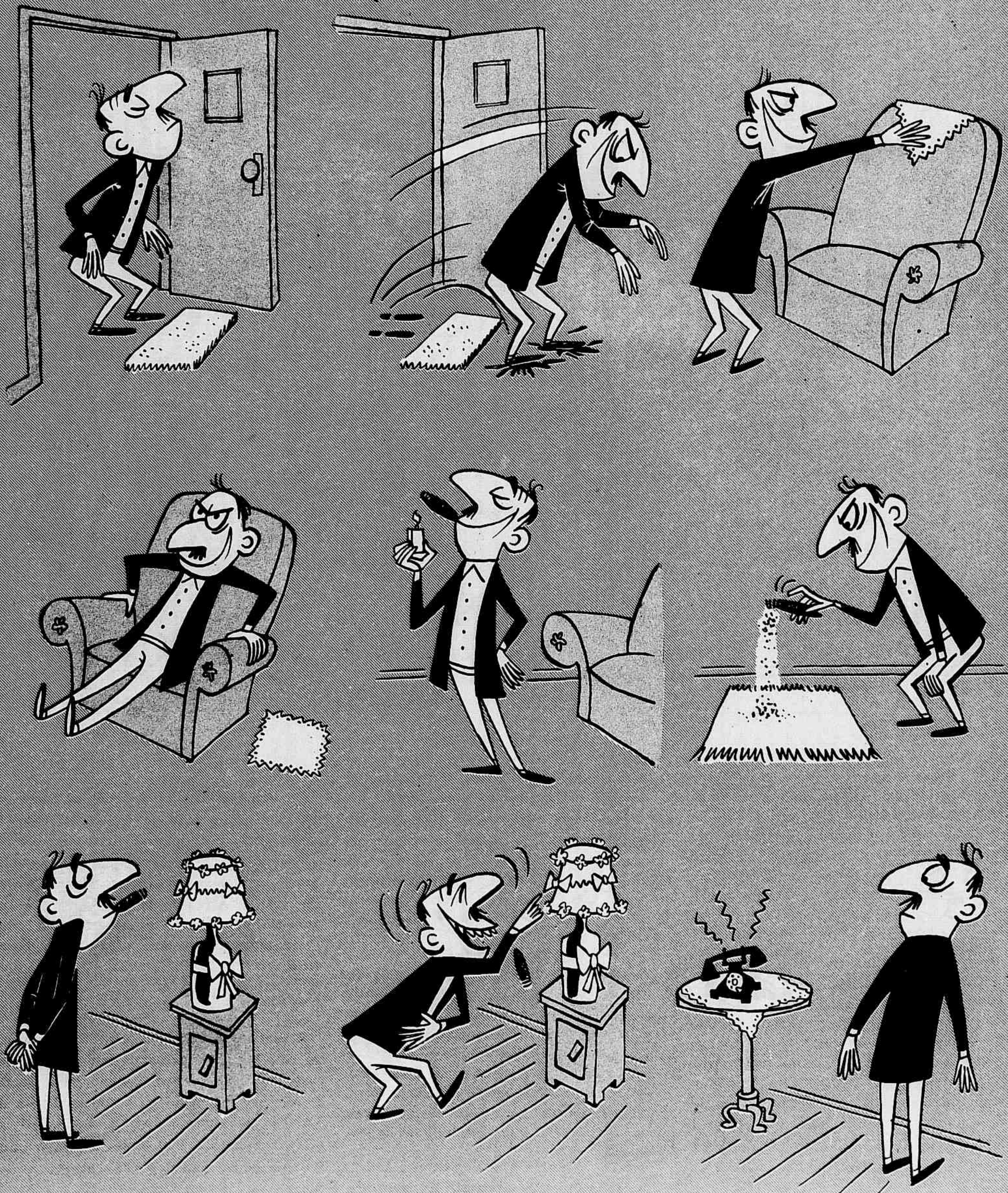
— Olha o pessoal do ladrão!

A pena voltou a mergulhar no tinteiro de boca larga. O Chico não tinha com que comprar funda, mas chegaria ao cartório antes do almoço. Que lhe importava a jurisprudência do promotor, as letras grossas do Saturnino? A noite, o Anastácio bateria de mansa à porta do casebre, de mansa para não acordar os seis filhos.

FORTUNA

(no seu 7 de setembro) APRESENTA

O HOMEM LIVRE



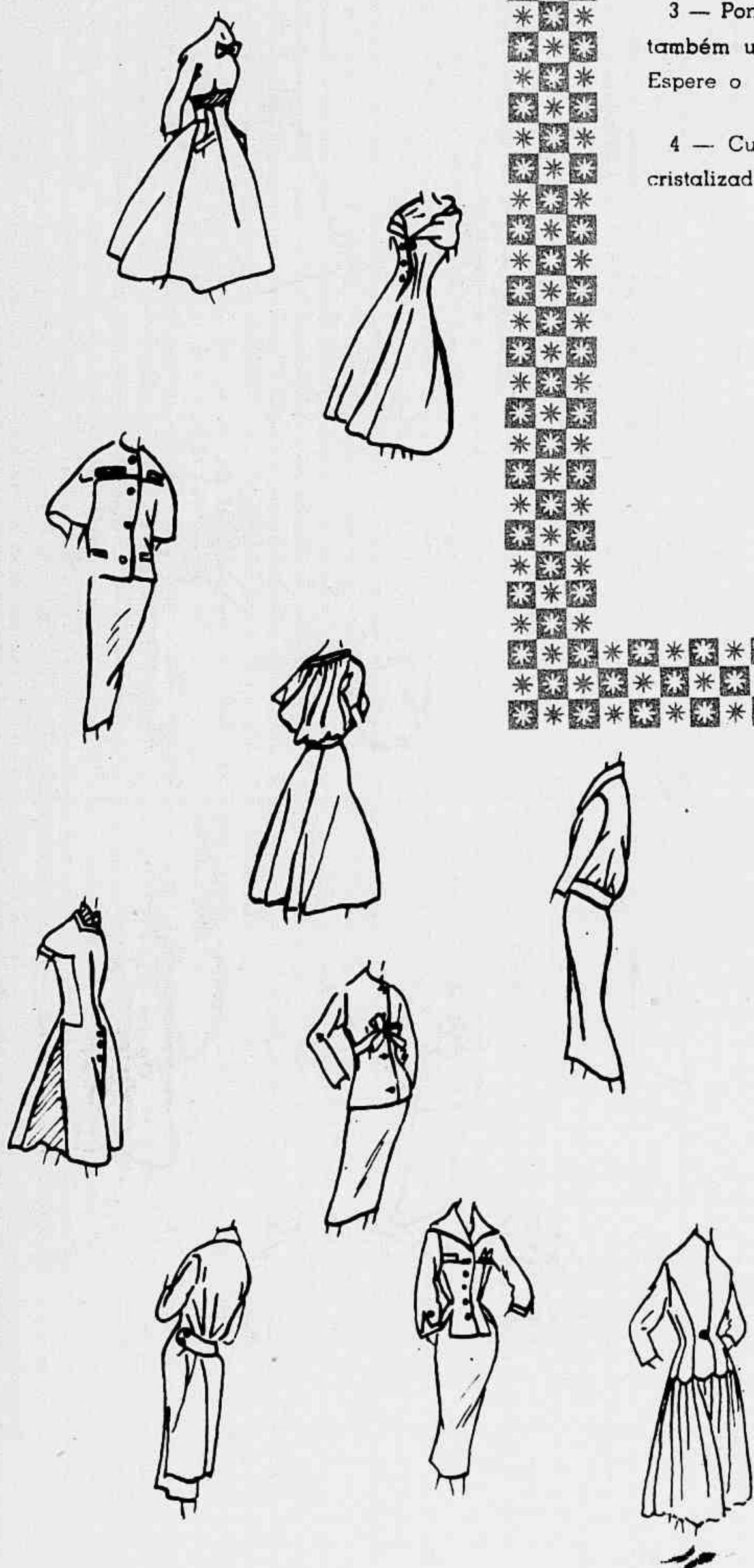
— Não, minha senhora não está. Acabo de deixá-la no aeroporto agorinha mesmo.



CONVERSA de MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

Desenho de Jairo



WEEK-END NA COZINHA

◆ Um dos bolos mais deliciosos que existem é o BÓLO DE FRUTAS. Ótima como sobremesa, é também apreciado na hora do lanche e numa mesa de aniversário. Eis uma receita muito saborosa e nada difícil:

1 — Misture numa tigela grande: 1 caixinha de passas sem caroço, 1 xícara de frutas cristalizadas picadinhas, 1/2 xícara de tâmaras picadas, 1/2 xícara de licor, (sherry, maraschino ou de suco de laranja, se não quiser usar álcool. Deixe tudo em repouso, perto de uma hora (as frutas devem absorver o líquido.

2 — Prepare uma massa de bôlo com: 2 gemas, 1 xícara de açúcar, 1 xícara de farinha de trigo peneirada, 1 colher de manteiga, 1/2 xícara de leite, 1 pitadinha de sal e 1 colher de fermento em pó. Bata tudo junto. Acrescente as claras em neve. Depois, junte as frutas, com o líquido em que estão.

3 — Ponha a massa numa assadeira untada, forrada com papel impermeável também untado. Asse em forno muito moderado, cerca de uma hora e meia. Espere o bôlo esfriar na fôrma, antes de tirá-lo.

4 — Cubra o bôlo com um glacê de limão, se desejar. Enfeite com frutas cristalizadas, cerejas, etc.



Os mais belos modelos

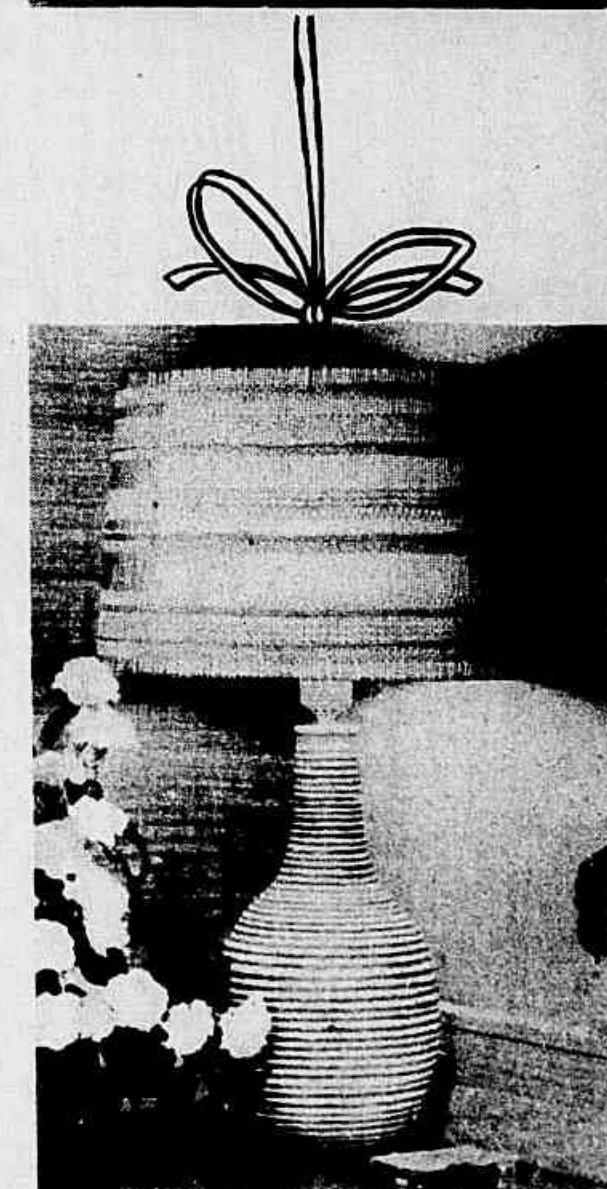
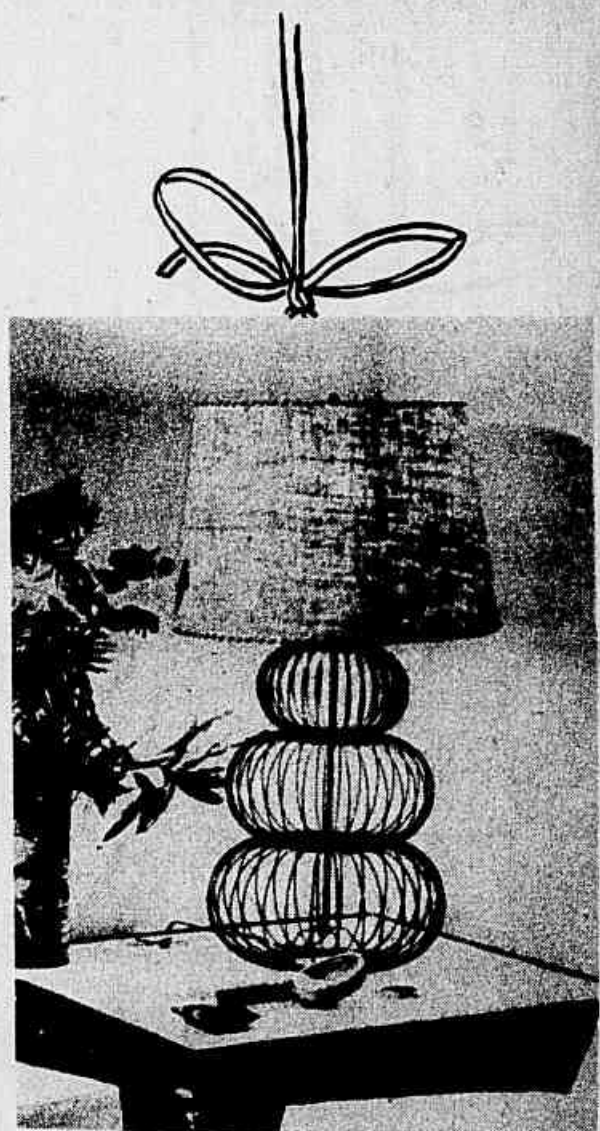
Coleções inteiras dos desfiles de meia estação estão nos chegando continuamente da França, Itália, Inglaterra, sem dúvida os maiores centros da moda feminina européia. Infelizmente não podemos apresentar todos os modelos às leitoras da Revista; além do mais, nem todos são apropriados ao nosso clima. Foi por isso que selecionamos os mais belos e que melhor definem as novas tendências da moda. «Novas tendências» no plural, porque cada um dos grandes costureiros se esmerou em criar modelos encantadores sem se prenderem a um determinado padrão. A linha Império, será predominante; porém, é de possibilidades magríssimas — e a magreza não é o forte da mulher brasileira em geral. Os mestres da alta costura, provavelmente pensam o mesmo das mulheres dos seus países, pois ao lado da nova linha criaram modelos outros, de grande inspiração, que satisfazem às silhuetas não tanto delgadas. A cintura, e naturalmente os cintos, têm papel preponderante na moda de meia-estação — para nós invernal — de 1956. Estão, porém, em todas as alturas imagináveis, conforme o gosto e a inspiração do costureiro.

Sugestão para o lar

Os abajures têm sofrido uma grande evolução nestes últimos anos. Quão diferentes dos românticos quebra-luzes do princípio do século, revestidos de sêdas, franjas douradas e rococós, cuja maior finalidade era amortecer a claridade. Hoje tem uma outra tarefa: dirigir o foco de luz para onde se deseja: o livro que se lê, a carta que se escreve, o botão que se prega. Dos antigos abajures o esqueleto apenas — e nem isso nos de linha ultra-moderna. No entanto, conquanto funcionais, os modernos abajures nada ficam a dever em beleza e elegância aos antigos. E' só saber escolher aquele que realmente se harmoniza com sua sala ou seu quarto. Os três modelos que apresentamos nas fotografias ao lado são todos êles encantadores conquanto bem diferentes entre si:

- o primeiro em linho granité, sôbre pés em ferro batido, laqueado de negro;
- o do meio, um belo quebra-luz com aplicações contornadas em ponto cheio, montado em um vaso de porcelana fina, sôbre pés de cerejeira;
- o de baixo todo em palinha, quebra-luz, e base em forma de garrafa bojuda.

Cada um no seu estilo, os três são muito originais.



Sua beleza

O esmalte com reflexos de madrepêrola, que está muito em moda para as unhas, não é indicado para ocasiões esportivas nem para de dia. Ainda que em tonalidades claras, assenta melhor com tualetes de noite, ou vestidos de coquetel.

Existe um xampu caseiro de extraordinário efeito para cabelos crespos e quebradiços. É o seguinte: misture 2 gemas de ovo, 1 colher das de sopa de rum e 1/2 colher das de sopa de óleo de ricino. Friccione o couro cabeludo e deixe por 10 minutos no mínimo. Lave a cabeça com água morna. Faça uma segunda aplicação e depois enxague bem.

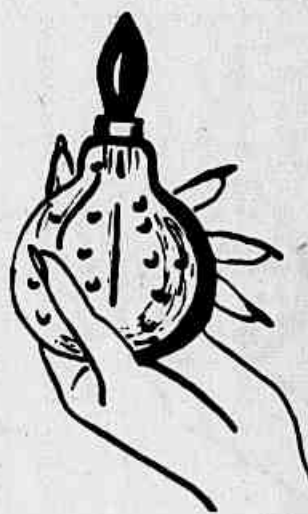
Perfumes

Aplique o perfume diretamente sôbre a pele e nunca na roupa. O calor da pele contribui para "espalhar" o perfume, tornando-o mais agradável e mais suave. Além disso, quando na roupa, o perfume se decompõe com o tempo, tornando-se desagradável.

Se existir talco, pó de arroz, água de colônia, etc. no seu perfume favorito, adote toda a coleção. Evitará misturas desagradáveis.

Não deixe os vidros de perfume ao sol. É preferível guardá-los num armário fechado e escuro. Se tem um vidro muito grande de perfume, vá pondo em outro vidro pequeno um pouco de cada vez para o uso, e guarde o grande. O perfume se deteriora tanto à luz, quanto pela evaporação. Mantenha-o bem fechado.

Finalmente, perfume não serve para disfarçar odor de transpiração. Só deve ser usado depois do mais rigoroso asseio, em doses moderadas, e nunca em excesso.





GRAND Monde

escreve Jeff Thomas

Grand Monde internacional



Ministro Hugo Gouthier. Recebeu em Nova York para um jantar de «Black-Tie»

♦ HUGO GOUTHIER — Em Nova Iorque o ministro Hugo Gouthier recebeu para um jantar de «black-tie» o vice-presidente do Brasil sr. João Goulart na noite de domingo passado. O meu amigo Hugo Gouthier, que é o brasileiro mais internacional, reuniu nesse importante jantar as mais representativas figuras da política, diplomacia e «society» de Nova Iorque.

Como vocês devem estar lembrados, o ministro Gouthier foi o único brasileiro convidado, o ano passado, a participar do importante e tão comentado cruzeiro que a colunista Elza Maxwell realizou através das ilhas do Mediterrâneo. Além disso Gouthier é também o brasileiro mais bem relacionado em Nova Iorque e adjacências. Portanto, não é só como diplomata que é, que Gouthier tem prestado grandes serviços ao Brasil, quando é indicado pelo Itamarati para servir no Exterior.

♦ Não acredito que o casamento de Zsa Zsa Gabor com o milionário Hal Hayes seja realizado. Depois que li a venenosa coluna de Walter Winchel, fiquei descrente na realização desse comentado casamento. ★ O príncipe Ali Khan compareceu em companhia da modelo Betina na noite de gala do filme brasileiro «Sob o céu da Bahia», no festival internacional de cinema realizado recentemente em Cannes. Ao contrário do que se esperava, o filme decepcionou. O Itamarati deve tomar providências para que isso não se repita. ★ Dick Haines, ex-marido de Rita Hayworth foi visto no Ancore numa mesa de dois com Jackie Laughery. ★ O conhecido produtor norte-americano Alfred Hitchcock vai filmar as primeiras cenas de seu próximo filme, «The wrong man» no Stork Club, que é o mais famoso «night-club» de Nova Iorque. ★ No Chateau L'horizont o príncipe Ali Khan recebeu os brasileiros Jorge Guinle e Ibrahim Sued para um almôço «en-petit-comité». Betina esteve presente. Aliás Betina no momento é hóspede de Ali Khan no referido castelo.

Givenchy no Copa

Dia 25, noite de «black-tie» no Golden-Room do Copa com o famoso costureiro parisiense Givenchy e seus belos manequins. Os «tickets» já estão à venda na portaria do Hotel. Bola-na-rêde, Oscar Ornestein!

Gossips

♦ AO CONTRÁRIO do que alguns colunistas têm noticiado, o romance entre Ricardinho Fazanello (a mais «snob» figura do «café-society») com Raquel dos Santos Jacinto teve seu início aqui no Rio na noite de gala da «Aprés-Midi» no Golden-Room do Copa, e não em São Paulo. Em São Paulo era a continuação do romance. Esses meninos estão dormindo muito, para querer dar furos. ★ Albino Avelar já se encontra em Nova Iorque para ser o padrinho de casamento do ex-colunista social Roberto Vasconcelos com a srta. Sina Câmara Cruz. A notícia desse casamento foi dada em primeira mão por esta coluna. ★ A bonita Regina Rosemburgo (o brôto proibido) tem agora um novo amor. ★ A srta. Teresinha Simões Soares e o diplomata Daniel Sabadini, que já têm um antigo namôro, já estão pensando em noivado. ★ Não compreendo porque muitas belas e elegantes jovens do «society», que circulam com muita frequência, não têm namorados. ★ O colunista João Rezende, conversando num grupo de amigos confessou que atualmente a senhorita para poder ser sua namorada tem que ter no mínimo um «fom-fom». Não quer nada o rapaz, vocês não acham? ★ O elegante paulista Geraldo Nóbrega estava no Sacha's em companhia (superacompanhado) de duas bonitas louras. ★ Roberto Lacerda parece estar de novo amor com uma jovem morena, que não consegui identificar ainda. Os dois estavam de mãos dadas outra noite numa «boite». ★ Pelo que vi, deve acontecer muito breve a separação de determinado casal que circula no «society» paulista. Faço votos que essa idéia de separação seja superada. ★ Determinado colunista está mantendo um romance pelo telefone interurbano. ★ A beleza da senhora Maité D'Orey num recente «cocktail» em São Paulo era localizada pelos olhos do sr. Francisco de Souza Dantas Forbes.



Ricardinho Fazanello tem novo romance.

Pequenos Flashes



Pouco antes de partir para S. Paulo o colunista Jeff Thomas (de chapéu Gelot) é cumprimentado no Aeroporto por Zaida Saldanha. Zaida vai dançar o «charleston» dia 24 na Hipica.

● BAILE DO CHARLESTON — Como já foi anunciado por esta coluna, acontecerá na próxima noite de 24 na Hipica o «Baile do Charleston». Esta festa está sendo patrocinada com

exclusividade pelas minhas poderosas colunas, desta Revista e Revista «Rio», em colaboração com a sra. Fernanda Pires da Silva, diretora social do Lagoinha Country Club e da diretoria da Sociedade Hipica Brasileira, na pessoa do seu dinâmico diretor social sr. Agenor Pereira Guimarães. Como convidados especiais estarão presentes o colunista social da «Fôlha da Manhã», de São Paulo, sr. Tavares de Miranda e a colunista Cecília Dulce da «Tribuna», de Santos, e Revista «Rio». Entre as senhoritas convidadas por este colunista para comparecerem vestidas devidamente a caráter na noite de 24 para dançar o «charleston», estão: Irene Dellingshausen, Vera Lúcia Lins, Silvia Vidal, Zaida Saldanha, Eloisa Carneiro da Rocha, Glorinha Capanema, Gilda Joppert da Silva, Diva Dolabela, Regina Malta Campos, Manuela

de Abreu, Marli de Azeredo Lopes, Baby Vignoli, Lew Cobra, Tutsi Bertrand, Sônia Gadelha e New Cobra. A noite será de gala e positivamente o maior acontecimento social do mês.

— Foi com maior prazer que recebi a notícia da escolha da sra. Lourdes Catão como a mãe mais elegante do ano. Daqui envio à simpática senhora meus parabéns. Bem merece. — Muito boa a escolha do sr. Nelson Batista para o Departamento de Turismo do Distrito Federal. Foi mais uma «bola-na-rêde» do prefeito Negrão de Lima. — Hoje apresento para vocês o meu tão comentado chapéu «gelot», que já está se preparando para uma viagem muito breve a New York. E por falar em chapéu, recebi de presente do sr. Aluisio Rolim um diplomático chapéu «Adam». O «Adam» em questão será agora companheiro do «gelot»... — O

apelido da semana mais filosófico foi dado ao não menos filosófico cronista Antônio Maria, que foi apelidado de «Nero de Mesa de Pista». Durante o incêndio do «Vogue» saindo do Sacha's com uma lira para cantar as chamas, no dia seguinte sua conhecida coluna chorou lágrimas de crocodilo. — A direção do Club Comercial ofereceu um almôço ao Embaixador da Espanha, juntamente com o General Magesty, chefe de polícia. — O Sacha's continua sendo a «boite» mais movimentada. As quatro coisas que não param no Sacha's: Sacha no piano, Murilinho cantando, o «maitre» Luís atendendo bem e Aristides preparando deliciosos «drinks». Além de um batalhão de garçons eficientes circulando com muita rapidez. — Já voltou de suas férias em São Paulo a srta. Lígia Egidio de Souza, secretária da Revista «Rio».

P.S. Para determinada senhora sueca que circula no «society» nautista: tenha mais cuidado quando se pronunciar em público sobre pessoas importantes. Saiba que, em sociedade, tudo se sabe...

Social Set

LAGOINHA — na noite do dia 12, como já havia noticiado, o Clube de Santa Teresa abriu seus salões para iniciar os jantares-dançantes da atual temporada e também comemorar a «mudança de idade» de seu presidente sr. Raul Cobra Filho. Naquela bonita noite fazia um pouco de frio (noite de paletó escamado), mas o uísque, tomado em boas doses, combatia tudo. O bonito e grande bôlo que os demais membros da diretoria ofereceram, teve velinhas e tudo. O sr. Albino Avelar apareceu com um paletó diferente, querendo com certeza imitar o meu conhecido «escamado», mas... «gelot». Tôdas as mesas estavam ocupadas e a festa parecia mais uma reunião íntima do que mesmo uma festa do clube, devido a grande familiaridade dos associados do Lagoinha. Nessa noite o Lagoinha estreou seu «High-Fidelity». Meu fotógrafo Alberto fez alguns «flashes», onde vocês podem ver a animação com que decorreu a abertura dos jantares dançantes do Lagoinha.

O SR. E SRA. JOEL RÓSCO avionaram para fazer turismo durante quatro meses pela América do Sul, Mediterrâneo, States, Canadá e Velho Mundo. Seguiram via Buenos Aires e regressaram via Dakar. — Gilda Pamplona representou o Clube Militar, sábado passado, em Quitandinha, para a escolha de Miss Distrito Federal. — O colunista Jean Pouchard comemorou seu primeiro ano de crônica social com uma feijoada no Lagoinha. — Na outra semana tive o prazer de jantar no Bife de Ouro com o sr. e sra. João Fonseca e Silva, e o jovem deputado Olavo Drummond. — No próximo dia 15 de junho, o conhecido «maître» Ferry do Copa, vai comemorar duas datas: o aniversário e 26 anos de atividade no velho Copa. — Fiesta, é o nome de uma nova «boite» que será inaugurada em julho próximo no Rio. — O costureiro Nazareth inaugurou seu novo atelier, apresentando sua coleção de modelos para o inverno e sua nova linha batizada de «Arlequim». Maria (ex-Bárbara), há um ano estava afastada da passarela, voltou a funcionar com muito sucesso como manequim. A menina é uma beleza. Uma beleza, repito. — Marilu Crespi precisa perder alguns quilos. Ela é muito bonita para permitir excesso de peso.

QUANDO NA OUTRA semana estive no late com o fotógrafo para fazer alguns «flashes» do semanal jantar-dançante do clube, para esta coluna, notei que o negócio está precisando de uma injeção de animação, devido a atual pouca concorrência. O eficiente comodoro Pires de Melo deve tratar disso com urgência. — Jane Morgan já está no fim de sua temporada no «Mid-Night». A loura cantora americana fez realmente muito sucesso. — Muita gente do «society» tem passado «week-end» no Parque Hotel de Araruama, que é dirigido pelo ex-«maître» do Copacabana Palace, nosso conhecido Renato. — Quem lê crônicas sobre nossa vida noturna não pode deixar de admirar as do sr. J. Fomm no «Diário de Notícias». — O «strogonoff» que me serviram na última vez que jantei no Studium do Excelsior estava ruim e frio. Atenção sr. Foyer! O conjunto do Zacarias é a atração da pequena «boite». Como tocam os rapazes. — O alfaiate Barreto acaba de inaugurar seu novo e moderno atelier. Bola na rede. — Na lancha do «garotão», com a bela loura Vera Lúcia Lins, João Rezende e Zaida Saldanha passeamos domingo de tarde pela Guanabara. Bom programa, vou repetir. — Estou chegando de Quitandinha. Miss Distrito Federal na pista. Aguardem reportagem.



O senhor Murilo Barros (presidente da Hípica) entre as aras. Fernanda Pires da Silva e Clíthenes Duarte.



O senhor Raul Cobra Filho enquanto apaga as velinhas do bôlo tem a seu lado a senhora Lew Cobra.

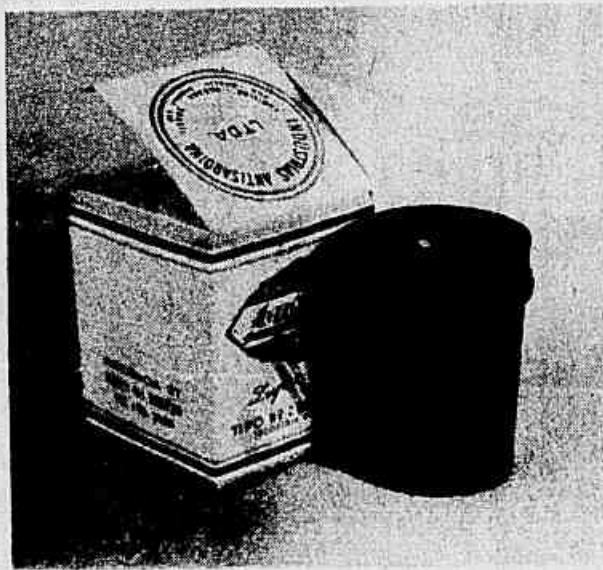


Num jantar no Bife de Ouro o senhor João Fonseca e Silva conversa com o deputado Olavo Drummond.



O embaixador Antônio Faria cumprimenta o casal Wilson Florido Ferreira na Candelária após o ato religioso

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes submetendo-se ao método de beleza do crême ANTISARDINA. Existem três fórmulas distintas, cada qual oferecendo os melhores resultados. Procure saber qual delas se adapta melhor à sua pele.

Antisardina



Agora, a polícia examinava o corpo sem vida de Glenn. A multidão começava a afluir. Jesse, Carson e todos os demais policiais saíram do lugar onde tinham estabelecido seu quartel-general. Dan, porém, só tinha olhos para a sua família. Ralphie e Cindy abraçavam, alegres, seus pais, e Dan e Eleanor, alegres a ponto de terem lágrimas nos olhos, passeavam, de braços dados, em frente de sua casa. Um momento depois, lembrando-se de algo, virou-se apressado e convidou Chuck a participar da felicidade da família.

Chuck, como era de esperar, não se fez de rogado. Aceitou...

F I M

LEIAM
**ESPORTE
ILUSTRADO**
TÔDAS AS
QUARTAS-FEIRAS
PREÇO CR\$ 5,00

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembôso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

A CASA DE CHÁ...

(Cont. da página 61)

teatral que possa caber numa peça absolutamente moderna em que a fatura contemporânea é contrabalançada com o classicismo de seus personagens. Como bem acentuou Maurice Vaneau, o Coronel Purdy III pode ser um personagem de Molière. Todo o esforço do diretor Maurice Vaneau foi recompensado por conseguir dar um ritmo vivo ao espetáculo e a medida justa aos personagens. O que representa, em linguagem teatral,

350 horas de trabalho. Após a nossa visita a «A Casa de Chá do Luar de Agosto», onde tivemos Sakini por mestre-de-cerimônia e Flor de Lotus por anfitriã, esquecemos nossas preocupações ao tomarmos o chá servido pelas mãos das «geishas» e depois de um revigorante mergulho na piscina de Lotus, trouxemos no coração a mensagem da Casa:

«Não é fácil aprender. As vezes é muito doloroso. Mas a dor faz o homem pensar. Pensar faz o homem sábio e a sabedoria faz a vida suportável.»

HORAS DE DESESPERO

(Cont. da página 37)

Devagar, Glenn levantou as mãos, mas logo, concentrando todas as forças e todo o seu ódio, atirou com violência o revólver na direção de onde vinha a voz e a luz, estilhaçando o vidro da lanterna, mas sem atingir Jesse. No mesmo momento, outras lanternas se acenderam, e o metralhar de muitas armas fez-se ouvir mais uma vez. Glenn, atingido por vários projéteis, teve um último estertor e caiu de bôco.

PREÇO MÉDIO POR KWH

para o serviço doméstico (luz)
e força motriz



RIO DE JANEIRO

LUZ	FORÇA
CR\$ 1,39	CR\$ 0,57



NOVA YORK

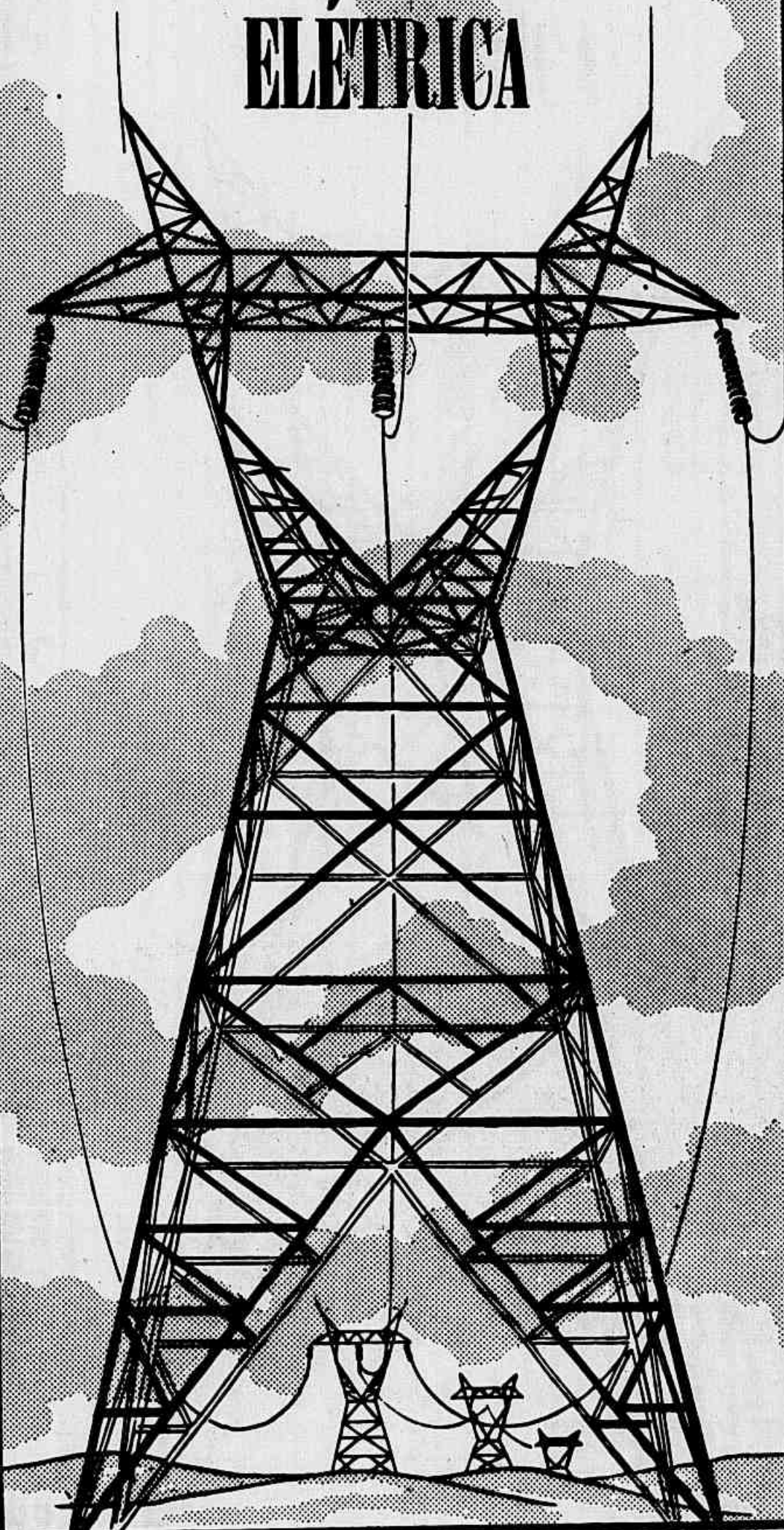
LUZ	FORÇA
CR\$ 2,20	CR\$ 1,22



MILÃO

LUZ	FORÇA
CR\$ 3,02	CR\$ 1,05

QUANTO CUSTA A ENERGIA ELÉTRICA



PREÇO MÉDIO POR KWH

para o serviço doméstico (luz)
e força motriz



PARIS

LUZ	FORÇA
CR\$ 3,12	CR\$ 1,00



FILADELFIA

LUZ	FORÇA
CR\$ 2,02	CR\$ 0,72



BASILEIA

LUZ	FORÇA
CR\$ 3,40	CR\$ 0,85

A ELETRICIDADE TÃO ESSENCIAL É AINDA MUITO BARATA NO BRASIL

As tarifas de energia elétrica na região Rio - São Paulo, e em outras regiões do país continuam sendo das mais baixas do mundo. É mínima a incidência do custo da energia tanto no valor da produção industrial como no orçamento do lar.

Quando as tarifas não são proporcionais aos custos da produção e distribuição, é impossível levantar capitais para a expansão dos serviços. Desta maneira, torna-se indispensável, sempre que for preciso, ajustar as tarifas para manter o suprimento da energia elétrica à altura do progresso do país.

TAXA DE CONVERSÃO

A conversão das
tarifas estrangeiras
foi feita à taxa de
Cr\$ 43,82 por dólar.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

Tôda a guerra do Pacífico justificada numa peça de John Patrick:

"A CASA DE CHÁ DO LUAR DE AGÔSTO"

UM SUCESSO SEM PRECEDENTES NA HISTÓRIA DO T.B.C. PAULISTA ★ CÉRCA

DE 350 MIL CRUZEIROS POR SEMANA ★ ESTRÉIA AUSPICIOSA DE MAURICE

VANEAU E UM CHÁ PERFUMADO SERVIDO PELAS MÃOS DAS «GEISHAS»...

Texto de VAN Jafa

A Casa de Chá do Luar de Agosto» (The Teahouse of the August Moon) comédia em 3 atos e 10 quadros, de John Patrick, que foi inspirada na novela de Vern Sneider, é o último sucesso do Teatro Brasileiro de Comédia da rua Major Diogo.

É uma peça para fazer tôda uma temporada. Montada com a proverbial qualidade do T.B.C. é um dos espetáculos mais extraordinários que São Paulo tem presenciado. Desde a sua estréia que vem entusiasman-

do a platéia bandeirante, marcando um sucesso sem precedentes na temporada atual.

ESTRÉIA AUSPICIOSA DE MAURICE VANEAU

A estréia do diretor belga Maurice Vaneau com «A Casa de Chá do Luar de Agosto», assegurou para êsse jovem diretor um lugar definitivo na cena brasileira. A primeira vez que tivemos a oportunidade de tra-



Paz e amor na «Casa de Chá do Luar de Agosto», onde comparecem Mauro Mendonça, Célia Biar, Fregolente, Natália Timberg, Milton Moraes e, de pé, Italo Rossi e Maria Helena.

var conhecimento com Maurice Vaneau foi na temporada do Teatro Belga quando em estada no Rio, dirigindo a peça «Barrabás» de Michel de Ghelderode, onde também tomava parte, num pequeno papel, como ator. Franco Zampari com o seu instinto de um autêntico homem de teatro, após assistir a «Barrabás», ofereceu a Maurice Vaneau um contrato para dirigir peças no T.B.C. O resultado aí o temos categórico e insofismável das qualidades excepcionais de Maurice Vaneau como diretor.

ITALO ROSSI UM AUTÊNTICO SAKINI

Num elenco onde 28 artistas entre personagens, figuras accidentais e uma cabra aparecem, destaca-se Ítalo Rossi, que no papel de Sakini, uma espécie de mestre-de-cerimônias, candidata-se, de saída, a um prêmio. Esse papel, criado na Broadway por David Wayne e recentemente no cinema por Marlon Brando tem, em Ítalo Rossi, uma autenticidade prodigiosa.

DO ELENCO EM GERAL

Do vasto elenco, podemos ainda destacar Maria Helena, que faz com muita propriedade a Flor de Lotus. Milton Moraes no Capitão Fisby tem feito progressos consideráveis. Eugênio Kusnet nos dá um divertido psicanalista do Exército. Fregolente tira partido como o Coronel Purdy III. Célia Biar em Higa-Jiga valoriza sua personagem. Anotamos mais as presenças de Sérgio Brito, Natália Timberg, Mauro Mendonça, Oscar Felipe e outros.

TRADUÇÃO MAGNÍFICA DE MÁRIO DA SILVA E RENATO ALVIM

E' sempre com prazer que registramos a probidade de uma tradução. «A Casa de Chá do Luar de Agosto» teve em Mário da Silva e Renato Alvim seus legítimos intérpretes para o nosso vernáculo. Tradutores de



No jipe estão Sérgio Brito, Milton Moraes, Ítalo Rossi e Natália Timberg, além de Lady Astor (a cabra).

reconhecido talento, têm-se distinguido pela qualidade de seus trabalhos. A peça de John Patrick não perdeu, um instante sequer, o seu sabor original; todo o seu humor e a beleza lúcida de sua mensagem permanecem intactos.

350 MIL CRUZEIROS POR SEMANA

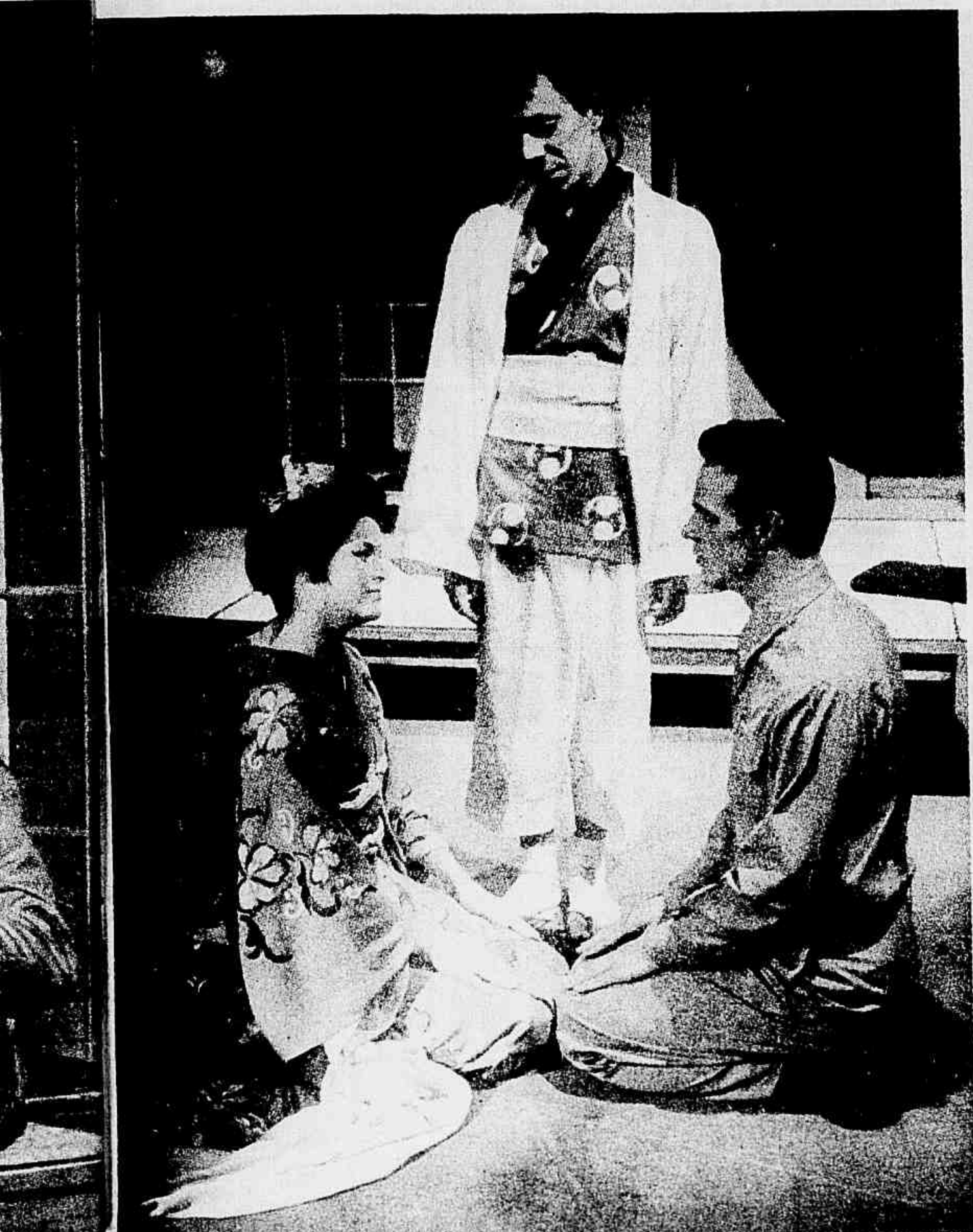
«A Casa de Chá do Luar de Agosto» continua tendo todos os dias a presença de um público numeroso como se fôsse a noite de estréia. Semanalmente tem dado uma renda de cerca de 350 mil cruzeiros, o que vem bater os recordes de bilheteria no T.B.C.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como é sabido, John Patrick, que tem dividido suas atividades entre o rádio, o cinema e o teatro, consegue com «A Casa de Chá do Luar de Agosto» o seu maior sucesso como autor teatral. Obteve o Prêmio Pulitzer e também o Prêmio dos Críticos de New York, além do maior prêmio que um autor pode desejar: a consagração universal. Sem querermos exagerar, poderíamos mesmo afirmar que toda a guerra do Pacífico ficaria assim justificada após o descobrimento de «A Casa de Chá do Luar de Agosto». Inspirando-se na novela de Vern Sneider, John Patrick construiu um monumento de humor na mais legítima linguagem

(Cont. na página 58)

Sakini (Ítalo Rossi) protege o amor da Flor de Lotus (Maria Helena) com o capitão Fisby.



ÚLTIMO FLASH



SALVE OS HERÓIS

♦ De volta de um passeio magnífico pela velha Europa, cumprindo uma jornada de turismo divertida, os moços da seleção brasileira — que muito aprenderam, na palestra erudita do sr. Flávio Costa — desembarcaram fagueiros, risinhos, elegantes — e de chapéu côco, comprado em Londres. Conheceram o Pall Mall, hospedaram-se em luxuoso hotel do Picadilly, fizeram fofquinhas e salamaques frente aos compenetrados guardas do Palácio Buckingham (que assim mesmo permaneceram firmes sem se assustarem) e só não compraram um guarda-chuva com receio das consequências no desembarque do Galeão. Ai estão Gilmar e Gino, cada qual mais decididamente «smart», lindamente britânicos. Tem razão o treinador: nessa jornada heróica os rapazes aprenderam muito. Mas «goal», que é bom, não marcaram. Fica para o passeio vindouro.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cz. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGENCIA POLANO

Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 21 — Rio de Janeiro — 26-5-1956

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna**

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Leiam
os

MARAVILHOSOS ROMANCES POLICIAIS
de

**EU
SEI
TUDO**



A GRANDE REVISTA MENSAL ILUS-
TRADA. — ROMANCES, CONTOS,
ARTIGOS SELECIONADOS.

A venda em tôdas as bancas de jornais
do Brasil.

Redação: Visc. de Maranguape, 15, Rio



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequití-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar.

hollywood
uma tradição de bom gosto

